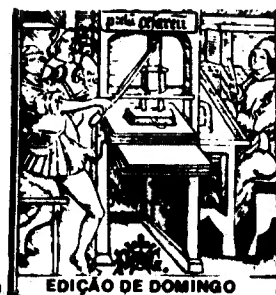


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 17 DE MARÇO DE 1974 N.º 018400 — ANO 53.º — PREÇO 2550



IRLANDA DO NORTE GUERRA INPLACÁVEL **ENTRE A ARISTOCRACIA RURAL E A GRANDE BURGUESIA**

Reportagem de JOSÉ GABRIEL VIEGAS (nosso enviado especial)



O desastre do gigantesco DC-10 das Linhas Aéreas Turcas

Por PAUL EDDY, PATRICK FORMAN e PETER PRINGLE (Exclusivo «The Sunday Times»/«DL»)

A VIGIA QUE ESPREITAVA A MORTE

As 12,30 horas de domingo 3 de Março, o avião das Linhas Aéreas Turcas TK981 descolou da pista 08 do aeroporto de Orly, com 11 tripulantes e 335 passageiros, mais de 200 dos quais ingleses. Onze minutos mais tarde, estavam todos mortos. Todas as primeiras conjecturas foram que uma bomba havia explodido no compartimento das bagagens fazendo saltar a porta de carga traseira. Porém, as provas

PÁG. XIII e XIV



QUANTAS VEZES SE NÃO DIZ O QUE SE PENSA SÔ PARA QUE EM ILEGÍTIMA DEFESA SE NÃO REPENSE, TAMBÉM, O QUE SE FAZ...

—afirma o arquitecto Mário Martins chefe de Repartição na Divisão de Planeamento da Direcção dos Serviços de Urbanização da C.M.L.

Ao longo de vários meses tornou-se familiar aos leitores do «Diário de Lisboa» a série «Como os nossos arquitectos vêm a nossa cidade». Nela, arquitectos de várias tendências, com formações distintas, exercendo a sua profissão em empresa ou isoladamente, divulgaram os seus pontos de vista sobre os múltiplos problemas que é forçoso abordar quando se põe como primeira questão esta: Como vê a cidade de Lisboa?

Falou-se do desenvolvimento do centro para o subúrbio, da destruição sistemática de formas arquitectónicas que se defende deverem ser preservadas, de especulação, de participação das populações no planeamento e construção dos locais que habitam, do ensino da arquitectura em Portugal. Enfim, terão vindo à liça todos os chamados «pontos quentes» deste vasto campo de actividade. Muitos dos depoimentos foram desassombrados, outros, polémicos até. Foram apontados erros, procuradas causas, alvitadas soluções.

Ao «Diário de Lisboa» moveu-o a vontade, decorrente de um imperativo de informação, de esclarecer, auscultar, provocar a discussão sobre os dados e as regras do jogo, para que todos participem: os beneficiários e vítimas dos planeamentos e urbanizações, a população em geral, os leitores, segundo a óptica do jornal.

«Como os nossos arquitectos vêm a nossa cidade», acaba aqui. A completar definitivamente, virá apenas um balanço crítico de tudo o que foi dito, de que se encarregará o arq.º Nuno Portas.

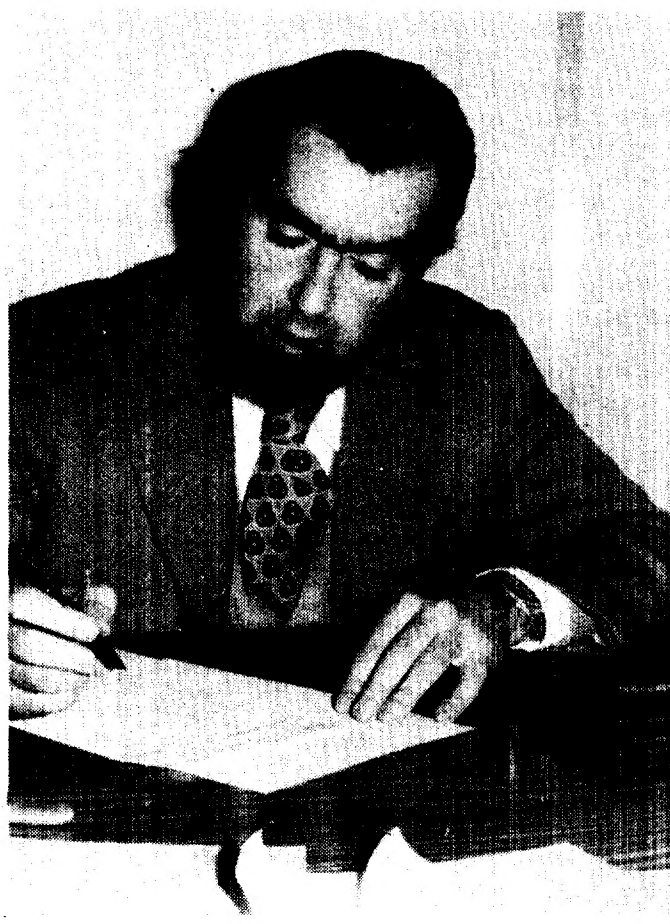
Hoje a palavra é dada ao arquitecto Mário Martins, chefe da 4.ª Rep. — Estudos Urbanísticos de Pormenor, Arquitectónicos e de Loteamento — da C. M. L. É nessa qualidade que se pronuncia.

Formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, o arq.º Mário Martins é ali assistente de Geometria Descritiva, e funcionário da C. M. L. desde 1965. Compete à Repartição que actualmente chefia, pormenorizar certas disposições do Plano Director de Lisboa, procurando recuperar determinadas situações, no sentido de articular grupos arquitectónicos a preservar, novos conjuntos, de modo a que os mesmos resultem melhorados. Estas actividades conduzem, por vezes, a que a 4.ª Rep. proceda, também, a estudos de loteamento de terrenos municipais.

O arquitecto Mário Martins começou por nos dizer:

— Antes de abordar as questões que me foram postas, cumpre-me agradecer a oportunidade que este jornal me proporcionou (generosa no espaço, construtiva na intenção e paciente na espera) de ver palavras minhas publicadas, e pelas quais assumo plena responsabilidade. Cumpre-me ainda apresentar desculpas e prestar dois esclarecimentos prévios: desculpas pelo que, por imprecisão de forma ou omissão de pensamento, não ficar claro ou escrito; esclarecimentos para que nenhuma dúvida subsista quanto a quem escreve e para quem se escreve. O primeiro esclarecimento consiste em que de forma alguma pretendo cindir-me, no mínimo que seja, no que, adiante, afirmarei, isto é, de um lado eu — chefe de repartição da Direcção dos Serviços

de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa (grave, lacónico, receoso, desconfiado, pálido), do outro, eu arquitecto da — profissão liberal (irreverente, palavroso, temerário, sóco na mesa do café, face corada). Serei (ou tentarei ser) um e um só — nem outra forma admito de intervenção, pois seria optar pela comodidade de não dizer o que se pensa, só para que, em ilegítima defesa, se não repense, também, o que se faz! De resto, este estranho e tenebroso problema da «dupla personalidade», infelizmente frequentíssimo em sectores fortemente responsáveis ou influentes na vida urbana, voltarei eu a abordá-lo, em altura própria desta entrevista, e dessa vez, não já ao nível de expressão, mas sim de intervenção, o que é muito mais grave. O segundo (e último) esclarecimento refere-se à linguagem que procurarei utili-



zar, tanto quanto possível isenta de terminologias que situem o texto num plano de entendimento mais ou menos restrito a profissionais de arquitectura, urbanismo, planeamento ou afins. Talvez não as domine suficientemente; daí, nem sequer ser tarefa difícil. Por outro lado, quanto maior for o número de leitores por quem possa ser lido, entendido e discutido, mais tranquilo fico com a minha consciência de entrevistado; daí, ser tarefa extremamente grata. E pronto. Passemos às questões.

DL — Pode referir-se à forma segundo a qual se processou o desenvolvimento da cidade, para o subúrbio e às consequências daí decorrentes?

DESDE QUE SE NÃO ADOPTEM PROCESSOS DE ESCLARECIMENTO MOTIVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DAS POPULAÇÕES NO PLANEAMENTO URBANO TEREMOS UMA CIDADE COM X HABITANTES, MAS NÃO DE (E PARA) X CIDADÃOS.

— Era uma vez uma casa. Com dois quartos de dormir, uma sala de jantar, uma cozinha, uma despensa e quarto de banho. Mais um jardim com árvores de fruto, relva, flores, e uma capoeira. Nessa casa vivia um casal de meia-idade, e um filho jovem. A vida dos três era um ribeiro sem represas, não fundo, tranquilo, transparente. Até que... Até que alguém inventou uma máquina curiosa, dezenas de pessoas debruçaram-se sobre essas aplicações perse-

guindo possíveis proveitos, milhões de pessoas foram envolvidas em tudo isto, debandando, muitas delas, para junto dumas coisas chamadas fábricas, que surgiram mais ou menos perto da tal casa. Entre estes milhões, contavam-se uns tantos parentes e conhecidos da dita família, mais uns tantos parentes e conhecidos dos primeiros, e mais, e mais, e mais... E todos se instalaram nessa casa. Encheram-se de tarimbos os quartos de dormir, encheu-se de tarimbos a casa de jantar, apareceram divãs e colchões no corredor e, finalmente, construíram-se barracas com mais tarimbos no jardim, destruíram-se as árvores de fruto, a relva, as flores, e prescindiu-se da capoeira (onde se colocaram mais tarimbos). A casa de banho deixou de funcionar bem para tantos utilizadores (muitos não iam, outros formavam bichas de horas!), a cozinha (agora também transformada em sítio de comer), deixou de funcionar convenientemente para tantas refeições, o corredor, atravancado, deixou de funcionar como tal, e a acumulação de tantas tarimbos, camas, divãs, colchões pela casa toda, tornaram o ambiente irrespirável (se abriam as janelas, entrava o fumo das fábricas...).

É claro que nem tudo era desfavorável para os moradores da casa: a proximidade física de tantos inculcia uma certa segurança e calor humano, todos tinham emprego, e a despensa, rapidamente adaptada a sala de jogos e bebidas, distraía, interessava, reunia... A antiga vida-ribeiro sem represas para poucos, dera lugar,

subitamente, a umas tantas barragens com água retida às costas para muitos. Esta pequena história serve como caricatura (imperfeita) duma situação; todavia, se considerarmos a casa como cidade e o jardim como subúrbio, imediatamente se instala o drama ante os nossos olhos.

A POPULAÇÃO NÃO TEM SIDO DEVIDAMENTE ESCLARECIDA NEM MOTIVADA OU CHAMADA A PARTICIPAR QUANTO À CIDADE QUE LHE PERTENCE

E agora surge o ensejo para umas tantas reflexões que tentarei ordenar, unicamente para comodidade de exposição, uma vez que, de facto, tudo ou quase tudo que nelas se contém está interligado.

a) A sequência do desenvolvimento urbano para os subúrbios, não foi, em devido tempo, convenientemente ponderada e disciplinada, não digamos apenas a uma escala de cidade, mas também e sobretudo, à escala regional e nacional. Consequentemente caiu-se, com frequência, em atribuições de responsabilidade e análises sectoriais, umas e outras a enfermarem duma deficiente visão global e inter-relacionada dos problemas emergentes (sociais, económicos, legislativos, técnicos, etc.).

b) Não surpreendem, pois, como consequências dessas visões sectoriais, o constante afiluxo de população à cidade, (ou que nesta se desloca, na descoberta de habitação possível) nem que grupos se tenham aproveitado da circunstância para especularem com tal situação, nem ainda a ausência de programas de acção definidos em matéria de equipamentos colectivos, infra-estruturas de base, e, sobretudo, numa política saudável de valorização do solo urbano, etc., etc..

c) Finalmente, e este é um ponto fundamental, a população que vive (ou sobrevive) em tais circunstâncias, mercê da espantosa capacidade de adaptação do homem (que lhe tem garantido a sobrevivência biológica ao longo de milénios, mas que lhe retira, paralelamente, certa persistência na defesa ou procura de condições de felicidade urbana) não tem sido devidamente esclarecida nem motivada ou chamada a participar quanto à cidade que lhe pertence.

Sem este esclarecimento, motivação e participação podemos ter uma cidade com «X» habitantes, mas não de (e para) «X» cidadãos.

A este respeito, devo dizer que constitui um dos objectivos mais prementes da Câmara Municipal de Lisboa, a montagem de um sistema de trabalho em que a população participe e critique nos estudos elaborados (tal preocupação de resto já é patente no estudo em curso do Regulamento do Plano Director da cidade de Lisboa.

Por outro lado estudam-se activamente meios de divulgação dos trabalhos até à data

feitos que nada interessam sob o pó dos arquivos, mas ao invés, se transformam em peças vivas e inequívocas, desde que trazidas a público e então comentadas, discutidas e criticadas em reuniões abertas aos interessados. Nem a Câmara é ainda Torre de Marfim, nem tampouco são já lícitas as críticas mais ou menos irresponsáveis feitas à mesa do café. E vai sendo também tempo de deixar de fazer da Câmara Municipal de Lisboa o bode expiatório de tudo o que a LISBOA SE REFERE; (como se Lisboa não fosse a capital do País!); a menos que se persista na fábula do lobo e do cordeiro e se atire, cegamente, para a Câmara — filho, o goáto e o feitor da Câmara — pai, avô, bisavô, etc., etc.

DL — A destruição sistemática de determinados tipos arquitectónicos: a que planeamento obedece?; que forças a determinam?

NA CIDADE INTERVEM O TEMPO DANDO-LHE UM PASADO COMO HERANÇA, UM PRESENTE COMO EXPERIÊNCIA E UM FUTURO COMO DESAFIO

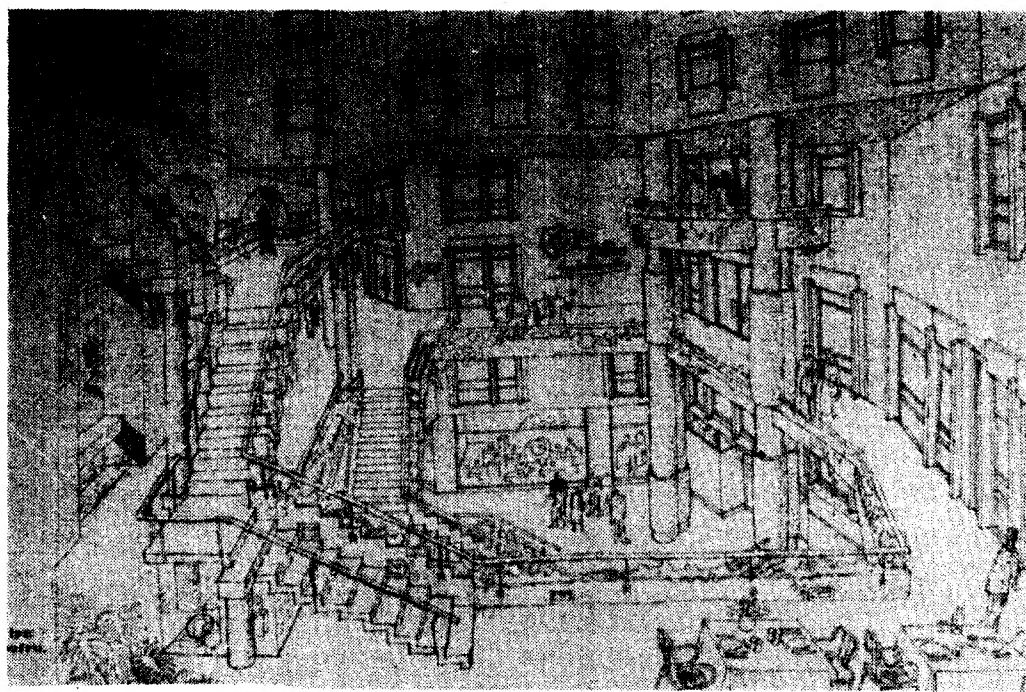
Para abordar objectivamente esta questão, há que reflectir sobre o que se entende por cidade e quais os factores que nela intervêm. Intervém o tempo, dando-lhe um passado como herança, um presente como experiência e um futuro como desafio. Intervem a administração através dos órgãos competentes ao nível do planeamento e decisões fundamentais. Intervem a entidade particular aos mais variados níveis de promoção, oferta e procura. Intervem os técnicos, os artistas plásticos, os poetas, os literatos, os cantores, os locutores, os jornalistas, etc. Intervem uma população variada que a vivifica ou enfraquece, consoante o leque de opções posto à sua disposição. Intervem até os gatos, os pássaros e as flores e a meteorologia... Intervem tudo. A cidade integra um universo. E uma das grandes lições que o Universo nos dá é a lição do equilíbrio. Ora acontece, que no caso da cidade, esse equilíbrio deverá ser conseguido mediante uma sábia manipulação de todos os ingredientes em jogo, feita pelo Homem. E que eu saiba manipular não é misturar indiscriminadamente.

Vem isto à conta de sabermos onde é que a intervenção urbana deverá implicar a destruição de um certo tipo de imagem e sobretudo de uma certa estrutura de vida, em benefício de novas posturas, onde é que a intervenção urbana deverá cautelosamente limitar-se à manutenção de certos tecidos cujas características ambientais e vivenciais, lhes conferiram foro de símbolo e memória urbana, onde é que, finalmente, a intervenção deverá sensatamente dosar uma e outra atitude para a mesma zona.

No primeiro caso levantam-se então os problemas de alternativa a definir em primeiro lugar a nível de administração na sequência de propostas elaboradas pelo Planeamento. Assim, por exemplo, se se optar por reestruturações profundas do tipo grande cidade, deve desde logo equacionar-se o problema das grandes infra-estruturas inerentes. Aquela sem estas é grave erro, do qual infelizmente já sofremos as consequências numa Avenida da República (por exemplo), em que sistematicamente se operou a substituição de moradias ou prédios com



Estudo de pormenor para a Rua Garcia da Orta (Lapa), elaborado na 4.ª Rep. da C. M. L., para lote municipal. Preocupação dominante: integração da proposta num conjunto de edifícios existentes



Anteprojecto de reconstrução do prédio do gaveto nordeste das Ruas Victor Córdon e Serpa Pinto, da autoria do arq. Luís Cunha, por encomenda da C. M. L., através da 4.ª Rep., D. S. U. Na foto, um aspecto do espaço livre entre as velhas paredes e a nova construção. Preocupação dominante: dar vida a uma zona antiga sem a desfigurar

a volumetria média de 4 pisos por edifícios com 10 pisos desenvolvidos em plano facial sem proposta de novas estruturas urbanas, sem equipamento próprio, votados na maioria dos casos a actividades terciárias, e, na generalidade também, de baixo nível arquitectónico (salvo um ou dois casos).

O que é que a cidade lucrou então? Em minha opinião, nada. Só perdeu.

No segundo caso devo esclarecer que a Câmara tem dedicado nos últimos 4 anos especial atenção a estas zonas da cidade, (caso da Lapa, Castelo, Alfama, Belém, Junqueira), cuidado esse traduzido até à data em estudo especializado, elaborado pelo dr. José Augusto França, em planos de pormenor recentemente feitos na (ou através da) Direcção dos Serviços de Urbanização (caso de S. Bento, Igreja da Memória, Praça das Flores, Senhora do Monte, Estrela, etc.) bem como através da criação de grupos de acompanhamento que em contacto directo com os técnicos autores de projectos particulares, tem contribuído decisivamente, para soluções mais satisfatórias, dos projectos em análise. Casos houve até, e estou a lembrar do Palácio da Flor da Murta, que só mercê de uma intervenção tão persistente quanto cuidada destes serviços, foi possível salvar «inextremis», da delapidação total.

Aproveito o ensejo para referir que os dispositivos legais ao dispor da Câmara e mesmo dos outros organismos responsáveis pela conservação de imóveis classificados, não têm o desejável apoio a nível executivo por forma a que, drástica e exemplarmente se punam atrevimentos iconoclastas e reincidências abusivas.

Ainda neste contexto (zonas a preservar e edifícios com interesse arquitectónico), considero muito oportuno referir que a Câmara Municipal procede, actualmente, aos trabalhos necessários para dar a público o estudo do dr. José Augusto França sobre edifícios a manter (e quantos, ainda, Lisboa tem), adicionando-lhe, certamente, mais uns tantos. Atenção. Um ponto importantíssimo: a legislação vigente em matéria de rendas, é um factor influentíssimo na dificuldade com que a C.M.L. se debate quase sempre na concretização dessa louvável política de preservação. Cabe ainda salientar a presença de um estudo que articulasse um sistema de comparticipação oficial, desde que o edifício ou conjuntos, pelo seu interesse

e diminutas possibilidades de reconversão, isso justificassem.

No terceiro caso, podemos referir o estudo do Martim Moniz, actualmente a cargo da E.P.U.L., como exemplo saudável de tal doseamento sensato entre as duas atitudes anteriormente referidas.

Concluindo a «destruição sistemática de determinados tipos arquitectónicos» ou não obedece a nenhum planeamento específico, ou então obedece a um planeamento obediência, que nada assegurou como contrapartida válida para a cidade. Pelo contrário, não se opôs à gula especulativa de certos promotores de construção civil. Ainda se ao menos tivesse funcionado como planeamento irrealizável, teria sido bem melhor como instrumento!...

DL — De que modo são (ou não são) responsáveis por uma situação urbanística que se aponta pejada de erros, os arquitectos?

«É EXTREMAMENTE CÔMODO ALIAR SISTEMATICAMENTE RESPONSABILIDADES PARA OS NÍVEIS DA DECISÃO; ASSIM COMO NÃO É VERDADEIRA A RESPONSABILIZAÇÃO INDISCRIMINADA DOS TÉCNICOS POR CERTAS DECISÕES MENOS FELIZES»

É extremamente cómodo aliar sistematicamente responsabilidades para os níveis de decisão, assim como não é verdadeira a responsabilização indiscriminada dos técnicos por certas decisões menos felizes nas consequências. Também é extremamente cómoda a tal «dupla personalidade» a que atrás me referi, aquela que formula um pensamento sadio dum técnico sentado atrás duma secretária pública (dr. Jeckyll) e distorce, arrepanha, desfale os propósitos e os meios quando diante de um estirador em atelier privado (mr. Hyde). Ou vice-versa. Ou até em ambas as situações, variando a face consoante os casos em análise. O problema é o mesmo.

Importa em primeiro lugar, fazer um corajoso exame de consciência, e saber ao certo, ao serviço de quem estamos, e desta forma, até que ponto colocamos a nossa instrumentação técnica em favor do nosso bem-estar material, ou de um sistema económico e social preestabelecido ou ainda de um ideal humano como centro de todo o nosso comportamento socioprofissional.

É claro que são frequentes os casos em que manhosamente se doseiam estes propósitos consoante as circunstâncias e as responsabilidades.

Em minha opinião, é a pior das atitudes, pois nada define e tudo ou quase tudo consente.

Referi até aqui a formação individual na qual incluo naturalmente o problema da competência profissional, uma vez que, sem ela, como é óbvio, nem a melhor intenção chega.

Referirei agora o problema do meio e condicionamentos em que o técnico oficial e não oficial se movimenta, actua e naturalmente influi nos resultados produzidos.

Estão muito na moda as posições extremas que dividem o problema em dois únicos aspectos: tudo depende das estruturas, dizem uns, tudo depende das pessoas, dizem outros. Parece-me que as influências são recíprocas e embora haja limites de intervenção e decisão inultrapassáveis no momento, ainda resta um campo de manobra em cada um dos níveis, que assegura um certo eco para o que se afirma, e certa concretização para o que se preconiza.

Em resumo, culpado é o técnico que por receio, comodismo ou propósitos inconscientes trai a coerência entre o pensamento e a acção, colocando-se, sem pestanejar, não ao serviço de um sadio equilíbrio de interesses individuais e colectivos, por forma a contribuir para uma sobrevivência harmónica da cidade, mas sim ao dispor de oportunismos e atrevimentos que disfarce algum pode ocultar.

Culpadas são também certas estruturas que os não segregam ou corrigem a troco talvez de

comodidade de não ouvir opiniões divergentes e que admitem ainda a permanência dos incompetentes, estes talvez os menos culpados de todos.

Culpado sou eu, tu, nós, vós, eles — porque o planeamento urbano tanto vem de fora de mim, de ti, dele, de nós, de vós, deles, como de dentro de mim, de ti, dele, de nós, de vós, deles. E esse planeamento, o interior, o da consciência cívica, do humanismo de propósitos, da legitimidade de processos, esse pode começar exactamente na hora em que cada um de nós quiser. Há um provérbio chinês que diz o seguinte: se um homem viver um ano, que plante trigo; se viver dez anos, que plante uma árvore; se viver cem anos, que eduque um povo. Ah, que bom seria se cada português se imaginasse a viver 100 anos! Mas para quê deixar mais tempo a caneta à solta em busca de culpados? Cerremos os dentes, arregacemos as mangas, e vamos mas é rectificar os erros!

DL — Novo tópico que gostaríamos de ver abordado: a especulação e a Câmara Municipal como mediadora (ou não) do processo.

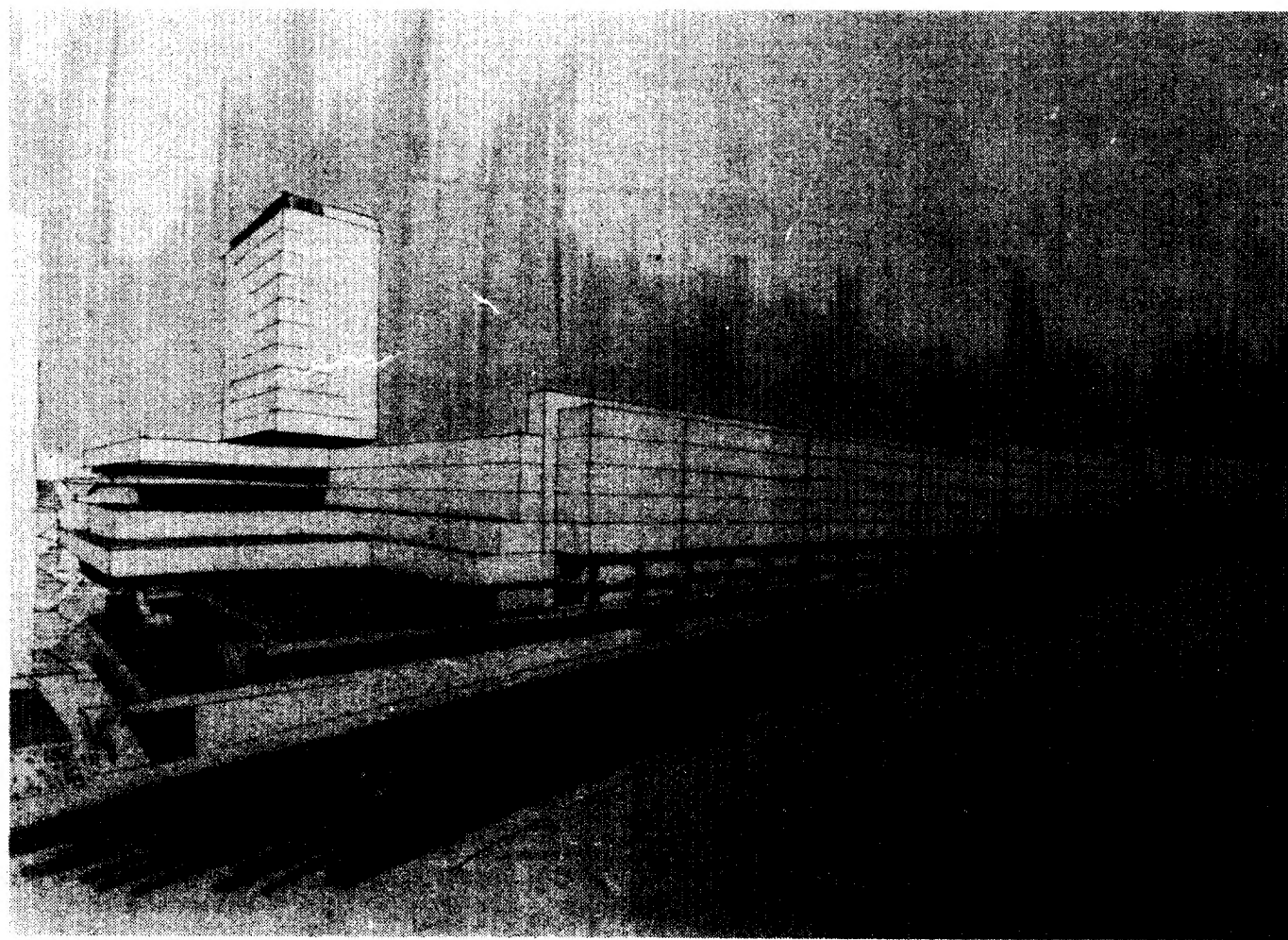
«O JOGO DO MONOPÓLIO É UM DOS MAIS CRUÉIS E VERÍDICOS MODELOS DE SIMULAÇÃO QUE CONHEÇO».

Durante a minha vida, joguei para aí umas seis vezes o Monopólio. Devo dizer que detesto esse jogo. Simplesmente, em data recente, voltei a jogá-lo, para, por dentro, ver um dos mais cruéis e verídicos «modelos de simulação» que conheço. E perdi, fui cilindrado às primeiras jogadas. Ainda bem. Não lhe fosse eu tomar o gosto!

Ora acontece que na grande mesa da cidade (cada vez menos verde) se instalou algo bastante parecido com o tal jogo; a Câmara apenas intervém na definição de algumas «casas» e só numa diminuta percentagem tem arriscado os peões amarelos. Os lances altos, esses pertencem aos grandes jogadores.

Felizmente que um conviva novo, a E.P.U.L. (parente muito próximo da C.M.L.) tem condições para, algumas vezes, propor novos jogos menos cruéis e individualistas, mais formativos. Desejo-lhes sinceramente, um enorme êxito e que venham mais convivas destes...

DL — O ensino da arquitectura em Portugal. De que modo fornece ele aos técnicos, os instrumentos para a inter-



Estudo a nível de anteprojecto, para a zona marginal do lado poente da Av. Infante Santo, da autoria do arq. José Zuquete, por encomenda da C.M.L. e no desenvolvimento de um urbanismo de pormenor

Continua na pág. V II

COMPUTADOR

Por PEDRO MARTINS DA SILVA

Incógnita?!

A imaginação corre livre pelo sonho. Máquina pensante?! Milagre em forma de máquina?!

Apenas um mais dos mecanismos que espartilham, domesticam, ou nosso viver?! Ou que há-de libertar o Homem?!

Correm (ainda) mitos, que a ficção alimenta, em torno destas máquinas que, diferentes das «outras» que transformam energia, processam informação. Informação que pode traduzir a elaboração matemática pura ou a auscultação do mundo físico. Informação que o computador pode utilizar até para a criação de uma ordem estética.

Computadores. Mesmo os de capacidade média, aptos a realizar meio milhão de adições por segundo. Efectuam comparações, tomam decisões lógicas — e tudo a velocidades de espanto. Em alguns mi-

nutos executam cálculos onde o operador humano consumiria anos, controlam fábricas e ciclos inteiros de produção. De liquidações bancárias ao diagnóstico médico, o computador aparece como o ser amnipotente, nas cido de uma civilização tecnológica que parece ter passado a controlar.

De maravilhar, sem dúvida. Motivo de meditação sobre tudo o percorrido desde o primeiro «computador digital» — dedos das

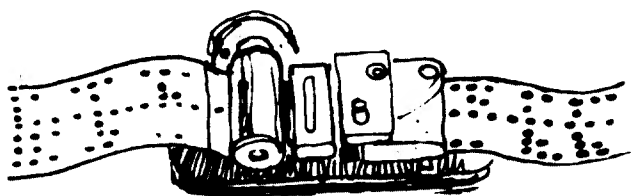
O primeiro sistema de cálculo digital, mecânico, bem caracterizado é a máquina de somar construída por Pascal em 1642, talvez no intuito de ajudar seu pai, cuja profissão — intendente da Normandia — obrigava a cálculos fastidiosos, ossos do ofício de cobrar impostos. Rodas de dentes numerados de 0 a 9 eram os órgãos fundamentais desta máquina.

Cerca de meio século mais tarde, Leibnitz veio aperfeiçoar o sis-

tema numérico mais simples — binário — e uma lógica matemática que, no decurso do seu aperfeiçoamento, adquiriu importância considerável na técnica das máquinas de calcular.

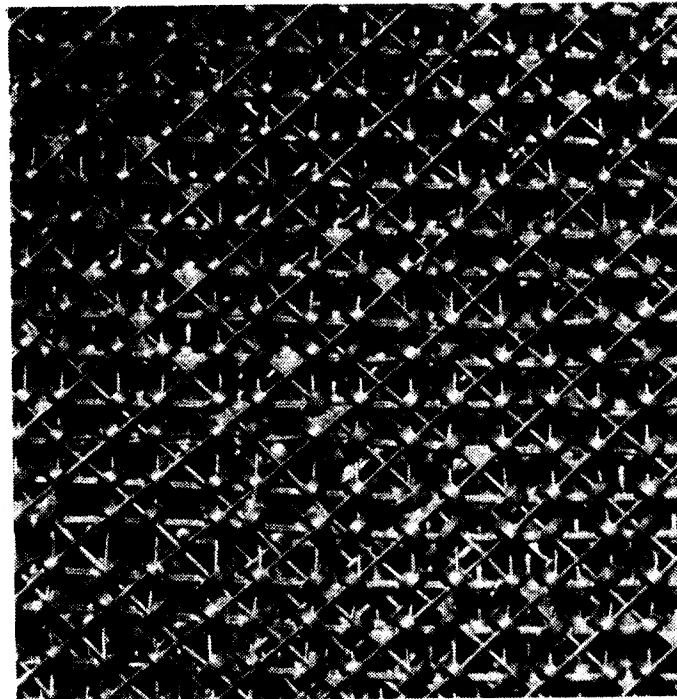
Em 1820 surge a primeira máquina de calcular que se tornou comercializável. Primeira estação da linha de evolução que levou às máquinas de calcular manuais ou eléctricas, tão difundidas hoje. Sistemas de grande engenhosidade sem dúvida, mas em que não pode, em rigor, falar-se de automatismo.

A primeira concepção de uma máquina calculadora por programa, superando a simples mecanização de operações individuais de cálculo numérico, deve-se a Carlhes Babbage, no fim do primeiro quartel do século passado, utilizava — tal como os órgãos de Barbarie — uma fita perfurada a comandar as várias máquinas



mãos e dos pés — até às máquinas-maravilha de hoje. E de olhar, com vertigem para o futuro.

tema, introduzindo um cilindro girante que tornava possível realizar multiplicações. Desenvolveu ainda um



que a integravam. No sistema pensado por Babbage, incluía-se uma unidade de memória constituída por rodas dentadas montadas em coluna.

Babbage viveu nitidamente uma antecipação, por isto mesmo os seus trabalhos práticos (extensos) ficaram muito aquém do que pretendia realizar — e o silêncio do esquecimento cobriu-os por quase um século. Refira-se, no entanto que, a partir de 1890, surgiram unidades controladas por fichas perfuradas que, porém, não podem qualificar-se como percursoras dos computadores actuais.

O projecto não realizado de Babbage inspirou Aiken, professor em Harvard, e levou-o à construção, em 1944, da calculadora que designou por Mark I — conjunto de máquinas de calcular comandadas por fita perfurada, aptas a realizar uma série de operações segundo uma ordem programa na fita, portanto a resolver problemas. Operando mecanicamente e electromecanicamente, a Mark I conseguia atingir uma velocidade de cálculo que podia estimar-se em cem vezes a do operador humano. Muito, decerto, mas muito pouco em certas aplicações. E sem possibilidade de aumentar-se para além do limite imposto pela inércia dos órgãos que a integravam.

A resposta, que libertasse dos condicionamentos limitadores desta inércia, deu-a a electrónica: entre 1944 e 1946, foi construída a

primeira calculadora operada electronicamente — a Eniac.

Por esta altura, foram estabelecidos os princípios lógicos em que, pode dizer-se assenta a realização dos computadores actuais, com alterações fundamentais em relação às concepções de Babbage, nomeadamente a utilização de códigos de numeração adequados à índole dos problemas postos à máquina.

A necessidade, nascida do esforço de guerra e de todo o processo de reconstrução que se seguiu, bem como o aparecimento, simultâneo, de soluções para tais necessidades (pesquisas na teoria da informação, estudo das funções lógicas e desenvolvimento do cálculo binário, a permitirem a criação de uma verdadeira sintaxe do automatismo) foram os elementos que desencadearam todo o processo conducente ao estágio actual, cuja materialização, o desenvolvimento experimentado pela tecnologia dos semicondutores veio permitir. Estádio das máquinas pensantes, a causar calafrios em alguns, acerca do papel que, entre elas, será o do Homem. Máquinas pensantes... no fundo escravos muito bem ensinados, em que tudo o que sabem realizar foi objecto de «ensinamento» no pormenor mínimo, bem como as decisões que tomam lhes foram pré-estabelecidas em todas as ramificações possíveis. (Simples) instrumentos-maravilha do esforço de instalação do Homem.

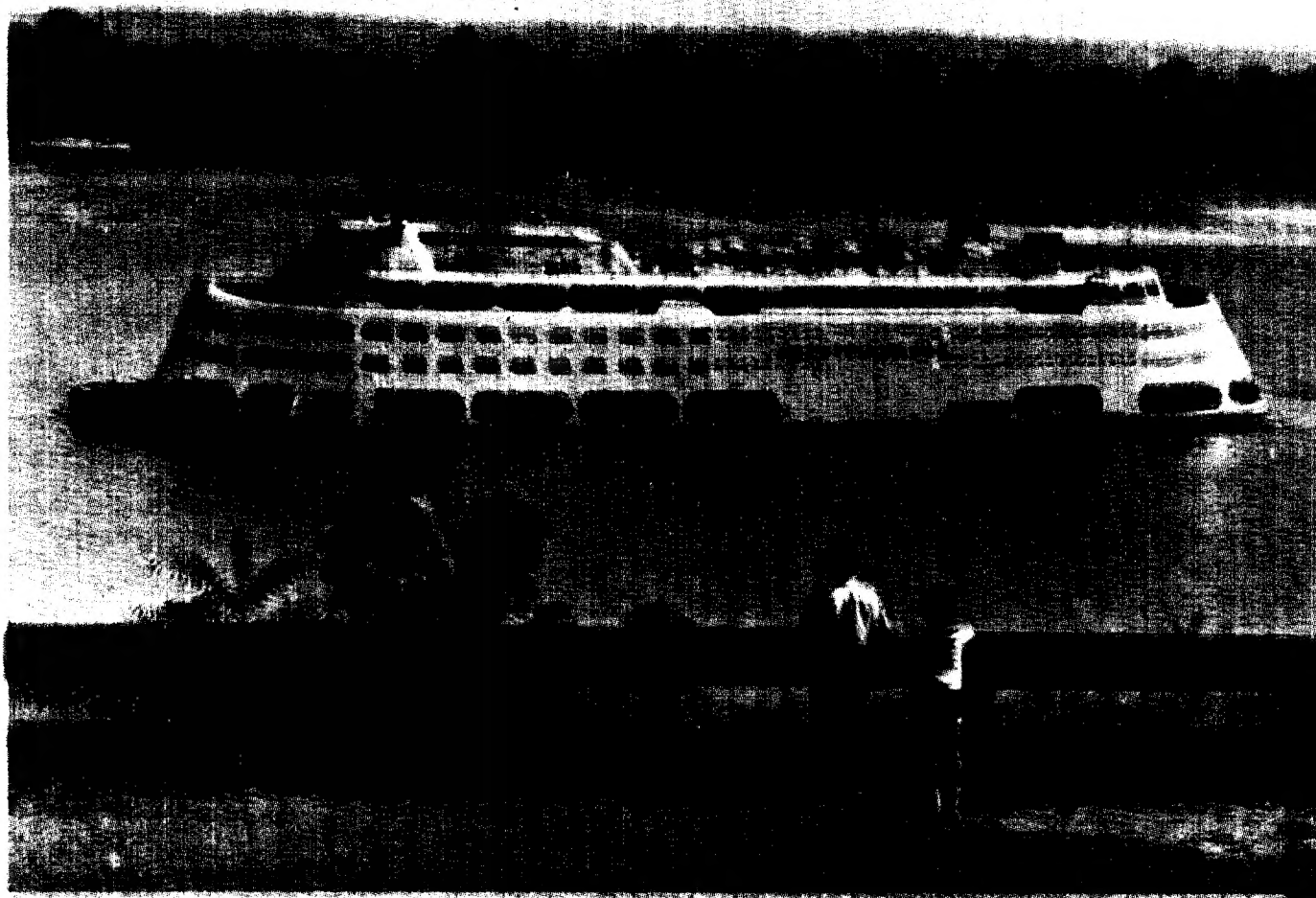


ALGUMAS MEDITAÇÕES JUNTO ÀS MARGENS DO MISSISSÍPI

Ali estava, à minha frente, o majestoso de água: o Mississípi, espreguiçando-se pelas margens junto a St. Louis. A meio do leito, como lombrigas, viam-se os barcos de carga, provavelmente petroleiros fluviais, espécie de tubo que deslizava rente à superfície. Depois, surgiam outros barcos, todos cargueiros, no afã ininterrupto do transporte. Enquanto caminhava junto à margem, a imaginação trazia à minha presença as imagens do cinema entrevistadas nos «écrans» dos cinemas do Porto: o Mississípi servindo de pista aos garbosos barcos dos pioneiros, movidos pelas grandes rodas de impulsão as quais agitavam ininterruptamente as águas.

A bordo via os homens da cidade transformados de calça afunilada, grande laço ao pescoço, chapéu de aba larga e as mulheres virginianas de vestido comprido, com muitos folhos em volta do colo e os cabelos apinhados para trás, o que lhes dava certa magestade. Mas, agora, esses barcos estavam estacionados na margem do lado

da cidade transformados em restaurantes. Foi ali que almoçámos alegremente num dos dias, precisamente no dia de aniversário do cidadão sr. Joseph Conrad, de cujo bolo comemos largas fatias que acompanhámos com taças de champanhe, pois o americano continua a cultivar em qualquer parte dos Esta-



dos Unidos o prazer da comunicabilidade com aqueles que visitam o país.

Ainda estou a lembrar-me do sr. Patrick Fultam, meu companheiro do voo entre Chicago e St. Louis, o qual havia jogado golfe com a mulher no Estoril e fez questão de me convidar para ir com ele ver uma partida de jogo do arco, o desporto «nacional» do Missouri. Eu disse-lhe que sim para lhe ser agradável, mas julguei que não o voltaria a ver. No dia seguinte ao da minha chegada, surpreendido, recebi ao fim da tarde um telefonema no hotel:

— Vou buscá-lo — disse-me o sr. Patrick, proprietário de uma grande fábrica de plásticos dos arredores de St. Louis.

— Janta connosco e vamos ver o jogo. Dentro de meia hora estarei no hotel.

A hospitalidade dos americanos é alguma coisa de que estes podem orgulhar-se. A facilidade com que ali se inicia uma conversa não terá paralelo no mundo. Num bar, no avião, no metropolitano, num autocarro, num restaurante, é sempre possível falar com um americano. Dir-se-ia que este poderoso povo tem uma urgência enorme em dialogar com os outros povos e em comunicar com eles. Quando regresssei a Lisboa, depois de uma viagem de duas semanas pelos Estados Unidos e pelo Canadá, verifiquei que trazia comigo algumas dezenas de cartões de visita que me haviam sido dados por pessoas cuja fisionomia eu não sou capaz de recordar. Mas tenho bem presente, no entanto esse calor afectivo que rodeou toda a minha viagem e não duvido da vocação fraterna deste povo nascido da luta

Continua na pág. seguinte

difficil pela colonização de um continente, levada a cabo através do gigantesco esforço dos pioneiros que entre crimes, orgias e sacrifícios, souberam construir, em menos de duzentos anos, a Nação mais poderosa do Mundo.

História fascinante

A leitura da história dos Estados Unidos põe-nos face a uma das mais belas gestas huma-

nas. Lembro-me dos dois volumes que devorei há alguns anos como se estivesse a ler um romance. A época pioneira na América fica como alguma coisa de espectacular na vida da Humanidade. De um continente abandonado e incapaz de criar a civilização moderna, surgiu a Nação de hoje cheia de defeitos mas, também, plena de virtudes. Foram os emigrantes, chegados em catadupas de toda a parte mas, especialmente da Europa, que forjaram um gigantesco país que nos impressiona tão vivamente. Diante do Mississippi, que é um

dos maiores rios do Mundo com os seus 3700 quilómetros de curso, não pode deixar de meditar-se na história rápida deste povo saído das mais diversas raças. Ainda hoje a América está dividida por pequenos «ghettos» conforme se foi dando a colonização: os hispanos de um lado, os orientais do outro, os lusitanos, os irlandeses, os gregos, os britânicos — todos americanos orgulhosos da sua nação graças à democracia magistralmente interpretada desde a criação da pátria, mas fiéis, também, às suas origens. Quando se encontra um americano é muito interessante perguntar-lhe:

— De quem descende?

Como em todas as nações jovens, criadas a partir da colonização, ninguém se esqueceu de que o pai, o avô ou o bisavô nasceram algures em outro país. Assim vamos encontrando poderosas colónias de mexicanos e espanhóis na Califórnia, de chineses em S. Francisco e em Nova Iorque, de portugueses quer na Califórnia quer no Massachussets quer até e cada vez mais no estado de Nova Iorque, etc.

Em St. Louis, no Midwest, a predominância é negra. Notámo-lo logo que saímos do aeroporto por uma dessas rodovias imponentes que caracterizam a paisagem das urbes americanas, pois vemos as típicas casas dos negros — só de rés-do-chão e, quando muito, de primeiro andar, em madeira, rodeadas por um pequeno jardim. St. Louis é uma das cinquenta maiores cidades dos Estados Unidos com os seus 750.000 habitantes dos quais 60 por cento são negros. A população dispõe de 565.837 telefones, 470.100 rádios, 490.570 aparelhos de televisão (98 por cento), 36 estações emissoras de rádio e 6 estações emissoras de televisão sendo uma exclusivamente educacional. Instalado no Hotel Chase Park Plaza que julgava impossível de encontrar numa cidade perdida no meio do continente. Mas a verdade é que posso considerar este hotel um dos maiores do mundo: 1700 quartos e suites, piscina, quatro restaurantes, salas para convenções, boites, discotecas, bares por toda a parte. Na televisão a cores da suite que me foi reservada amavelmente, vejo um espectáculo inacreditável.



O Memorial Stadium de St. Louis vendo-se ao fundo junto ao Mississippi o Gateway Arch que simboliza a união entre o Norte e o Sul.

Um desporto brutal

Era um domingo de manhã. Os meus olhos ficaram presos do «écran», quando verifiquei que num pequeno ringue, ovalado, duas equipas de patinadores se batiam por uma glória bem singular: cada um dos elementos da equipa empenhava-se em pôr o adversário fora do ringue por meio de um forte encolimento de ombros. Os jogadores calçavam luvas e tinham na cabeça capacetes de protecção para evitarem ferimentos quando eram atirados pelo ar para fora do ringue. Ganhar a equipa que no fim do tempo de jogo, tivesse posto maior número de adversários fora da pista. A multidão aclamava os seus favoritos com rugidos que eram mais fortes quanto mais brutal era a queda do patinador derrotado. Este, ou embatia violentamente contra as grades do ringue — envolvidas em almofadas para amortecer

rem os choques — ou caía aos pés dos outros patinadores que saltavam para não o magoarem ou voava e ia tombado junto dos espectadores. Os membros de cada equipa mostravam um rosto duro, como se estivessem num circo romano. O locutor glorificava naturalmente os mais brutos — os que não olhavam a meios, alguns ilícitos, para porem o patinador adversário fora do ringue — de preferência com a cabeça partida. Vi que o estádio estava repleto e pensei nas misérias de que a Humanidade ainda é capaz, na busca das emoções que provêm dos tempos primitivos.

As noites loucas do Park Plaza

Estive em St. Louis para assistir a uma importante convenção do Midwest e presenciei assim o ambiente inigualável desta típicas reuniões colectivas dos americanos. Na noite da minha chegada assisti a um jantar em honra dos trezentos convidados presentes. O jantar decorreu em ambiente de magnífica cordialidade tendo-se seguido um espectáculo de folclore do Haway. Depois de uma reunião com alguns amigos, decidi recolher-me e tomei tranquilamente o ascensor. Quando este parou no primeiro andar, estufizantes, vários membros da Convenção. O facto não me causou qualquer estranheza. Tratava-se, certamente de gente bem disposta que recolhia aos seus aposentos. Mas qual não foi o meu espanto quando, no segundo e terceiro andares, entram de roldão dois elementos da Convenção (distinguiam-se pelos grandes distintivos que ostentavam à boa maneira americana) alguns deles com copos de whisky na mão. Eu pretendia sair no quinto andar mas não consegui: o ascensor estava superlotado de gente em plena euforia, em alguns casos fortemente tocada pelo álcool. Decidi ver para onde iam e, quando saí a maior parte, segui-os, pelo de curiosidade. Soube, então que iam participar nas famosas recepções das suites: numerosas companhias de aviação — entre elas a TAP — abriram as suas suites aos convidados durante toda a noite onde estes podiam beber à discrição desde coca-cola ao champagne. Não havia suite que não estivesse repleta, o whisky escorria em elevadas quantidades pelas gargantas sequiosas de homens e mulhe-

res os quais se entregavam sem restrições de qualquer espécie aos prazeres do álcool e cantavam ou dançavam porque em algumas suites não faltavam grupos de músicos destinados a animar o ambiente. A grande diversão consistia, portanto, em cada um percorrer todas as suites onde havia uma festa. E por isso os ascensores não paravam um segundo sempre cheios de gente em estado de êxtase, disposta a viver intensamente a noite louca. Esse quadro de orgia que durou até ao alvorecer e que não pode esquecer-me mais, repetiu-se na noite seguinte, revelando-me mais um aspecto do carácter do povo americano — a sua sensação de liberdade e o seu grande culto pelo prazer de viver. Apesar dos grandes problemas que afectam a nação, o americano não quer dar-se conta deles e vive como se realmente a morte estivesse próxima e fosse preciso escorrá-la ou ignorá-la. A vida é que conta — foi a imagem que me ficou dessas noites loucas passadas nas suites do Park Plaza com trezentos americanos que me não conheciam, mas que receberam no seu seio como se eu fosse um dos deles.

A paz entre o Norte e o Sul

Em St. Louis presente-se, ainda a presença da antiga colonização francesa que teve a sua grande expressão americana um pouco mais abaixo, em New Orleans, segundo me dizem uma das mais fascinantes cidades dos Estados Unidos. A cidade foi fundada em 1764 quando Pierre Laclède — francês — descobriu as suas possibilidades como entreposto comercial apoiado pelo largo Mississippi que, vindo do Norte do Minnesota, região dos grandes lagos glaciares, atravessa nada menos de 31 Estados americanos e duas províncias canadenses. Foi o Mississippi antes do advento do caminho-de-ferro grande via de comunicação, tal como o seu maior afluente, o Missouri, que banha as planícies férteis que rodeiam St. Louis. Pode dizer-se que a cidade marca o encontro entre o Norte e o Sul e, por isso, nela se vê o grande arco de aço que simboliza a paz estabelecida numa das mais sangrentas guerras que se desenvolveram no seio da Nação. Foi em St. Louis que primeiro começaram as experiências de navegabilidade aérea com os célebres balões aerostatos. E foi de entre os seus cidadãos que surgiu a contribuição financeira que permitiu a Charles Lindbergh realizar o voo sem escala Nova Iorque - Paris. Este acontecimento histórico, que fez de Lindbergh um herói, tornou St. Louis um centro de construção aeronáutica, tendo sido ali construídas as cápsulas espaciais Mercury e Gemini. Deveremos assinalar também que foi em St. Louis que se desenrolou a primeira Convenção Democrática em 1876.

A última imagem desta minha visita a St. Louis é constituída pelo majestoso The Gateway Arc considerado justamente uma maravilha da engenharia moderna, pois nele se empregaram 17.246 toneladas de aço, formando uma espécie de hiperbole de muitos metros de altura. Simboliza, como disse, a união entre o Norte e o Sul e, também, o génio do homem. No seu interior circula um ascensor que permite do alto uma visibilidade de 30 milhas quer para norte quer para sul. E o maior monumento existente em todos os Estados da União. De lá se imaginam os «expressos» do Mississippi, vindos para New Orleans com as suas rodas impulsoras e, no interior, os homens que viveram a época dos bons sentimentos, para quem o passado não existia, e, para os quais apenas o futuro contava.

VIUFIL

V. de JOAQUIM FERNANDES DE ALMEIDA, SUCRS.,
(FILHOS), LDA.

FABRICA DE SERRAÇÃO DE MADEIRAS

TACOS TRADICIONAIS
COFRAGENS APARELHADAS
TODAS AS MADEIRAS PARA
CONSTRUÇÃO CIVIL
E CARPINTARIAS

ESTAÇÃO LICENCIADA
DE TRATAMENTO **XILOFENE**

Sede e Escritórios: Fábrica:
Avenida Coelho da Gama Estrada de Miranda
Telefones 9 92 27 8 - PPC

LOUSÃ

Delegação Comercial:

Rua de Marvila, 144 — Telef. 38 22 44 — LISBOA-6

FORNECEDORES

das maiores organizações
da Construção Civil do País

construa o ambiente que merece

moveis por elementos  suaviza a falta de espaço

Lettoletra Moderna Sul do Tejo, L.
R. Candida dos Reis, 47 51 e 51 — (a rua dos Lombos) — OLIVEIRA DO BOM

Companhia Portuguesa de Pesca, SARL

AV. 24 DE JULHO, 3, 2.º — LISBOA

5.º AUMENTO DE CAPITAL

DE 75 000 PARA 120 000 CONTOS
DESTINADO AOS ACCIONISTAS

RATEIO DAS ACÇÕES SOBRANTES

Comunica-se aos Senhores subscritores que concorreram a este rateio, que a atribuição das acções sobrantes foi feita mediante a aplicação do factor 0,053576 com arredondamento para menos, às acções subscritas no exercício do direito de preferência e atendendo aos limites máximos indicados pelos subscritores em cada boletim.

Para liquidação das acções atribuídas e regularização das cautelas deverão os interessados apresentá-las nos locais onde efectuaram as subscrições, até ao dia 22 do corrente.

Lisboa, 12 de Março de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

COMO OS NOSSOS ARQUITECTOS VÊEM A NOSSA CIDADE

(Continuação da pág. III)

venção necessária — no presente e no futuro — no seu campo de actuação?

«AO ACTUAL QUADRO DA VIDA NACIONAL JÁ NÃO SERVE UM ARQUITECTO FORMADO EM LINHA RECTA, E NUM SENTIDOSO. ISTO É, DO GÉNERO ENTRAR CILINDRO DE FERRO POR UM LADO E SAIR PARAFUSO POR OUTRO.»

Não me sinto bem a falar (ou a escrever) sobre o que não conheço por experiência directa, e ao longo de certo tempo. É o caso do ensino de Arquitectura em Portugal. Terminei o curso há 9 anos, e, nesse intervalo, apenas voltei à Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 1969, como assistente de Geometria Descritiva, cargo que desempenhei por poucos meses, e agora, no ano corrente, em que regresso para as mesmas funções. Ao longo destes nove anos a minha actividade tem sido quase que exclusivamente pública; a actividade liberal só me tem trazido dissabores e traumatismos ao ponto de, na actual fase da minha vida, tê-la interrompido por prazo indeterminado. Quero reflectir e proceder a certas tomadas de consciência. É o meu retiro, no sentido espiritual do termo. E certos problemas deitam novamente a cabeça de fora da minha albufeira mental, e, muitos deles, não contentes com isso, deitam-me depois a língua, num desafio amigo e entusiasmado. Entre eles, claro, o ensino de Arquitectura.

A este propósito, devo dizer que tenho contado, entre os meus colaboradores na Câmara com alunos mais ou menos adiantados do curso de Arquitectura. E devo dizer também, e com que regozijo o faço, quão vantajosa tem sido essa «transusão de sangue». É-me, de facto, extremamente grato, dialogar e trabalhar com jovens futuros colegas, cuja preocupação fundamental incide sobre aspectos humanos e vivenciais da cidade a que são chamados a intervir. É o cuidado que põem nos problemas de realojamento, na preservação de certos exemplares arquitectónicos, na defesa deste ou daquele recanto urbano, na recuperação de espaços para a vida colectiva e, sobretudo, a facilidade com que se integram em trabalhos de grupo pluridisciplinares. Falta-lhes ainda certa capacidade de propostas concretas? Certo. Facilidade de opção? Sem dúvida. Mas quanto a mim, o que não lhes falta é a humanidade das suas experiências. (Outros diriam, ou dirão, que não perde-

ram «ainda» a humanidade das suas experiências).

Quero dizer com este palavreado que não concordo minimamente com a tão apregoada incapacidade e falta de preparação como denominador comum dos actuais alunos de Arquitectura! A matéria-prima é boa e generosa na maior parte dos casos. O que importa é colmatar deficiências e abrir

campos. Eu explico. Ao actual quadro da vida nacional já não serve um arquitecto formado em linha recta e num sentido só, isto é, do género entrar cilindro de metal por um lado e sair parafuso por outro!

Não vejo uma Escola canudo, mas sim uma escola orgânica, na qual se ministrasse um ensino básico geral, findo o que o aluno poderia livremente

te circular como sangue pelo pulmão (ou pulmões) que mais lhe interessa(m), e ainda após ou paralelamente a isso ser assegurado um período pós-escolar, digamos, durante o qual o arquitecto estagiário, em termos de participação activa se integraria em grupos (oficiais ou não oficiais) no exercício da profissão. Esta última fase seria de livre pro-

gramação do candidato, pois quem, melhor do que ele próprio, já adulto, o pode ouvir na formulação de desejos de intervenção, na definição dos respectivos campos, e no conhecimento das suas possibilidades?

É preciso não esquecer que a fase do «centarquitauro» (arquitecto mais estirado) já está definitivamente ultrapassada,

desde que entendida como única intervenção possível a nível profissional.

Actualmente a intervenção dos arquitectos assume variadíssimas formas, aos mais diversos níveis, para os quais devem estar preparados, desde que por eles se interessem. E o caso das funções públicas (e eu, apanhado desprevenido, que o diga!)

Festeje cada dia que passa com a fragrância fresca e estimulante de alliage, a primeira fragrância desportiva criada por Estée Lauder



alliage é a verdadeira essência do mundo natural.

Tão fresca, verde e estimulante, que uma mulher pode usá-la durante todo o dia e toda a noite, dentro e fora de casa, sem nunca se cansar do seu perfume divinamente fresco.

Foi por isso que Estée Lauder criou alliage. Para que a mulher pudesse ter um perfume com o qual vivesse. Uma fragrância que se harmonizasse com um estilo de vida moderna, casual, prático — fazendo de cada dia um dia diferente, novo, fresco, preenchido por uma nova alegria de viver!

Viva neste glorioso novo mundo de perfume, com alliage Sport Perfume, alliage Sport Spray, Eau d'alliage



À venda em todos os depositários Estée Lauder

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

4 12 1905. 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

IRLANDA DO NORTE

**DO DESESPERO
A REVOLTA
E DA REVOLTA
AO DESESPERO**

**PELO NOSSO
ENVIADO
JOSÉ GABRIEL VIEGAS**

«A rebelião sempre fez parte dos hábitos deste povo. Morreram pelo menos cem mil homens, velhos jovens, pela espada, a fome e a doença, desde que começaram as suas exações neste pobre reino mortificado»

Conclusão do reverendo George Story, em «A Batalha de Aughrim», de Richard Murphy

Nada mais fácil do que viajar entre as capitais das duas Irlandas: Dublin está ligada a Belfast por uma via férrea percorrida por comboios confortáveis, que transportam diariamente habitantes do Norte e do Sul. Católicos do Ulster que vão passar uns dias em Dublin, em família, protestantes em viagem de negócios ou de turismo de fim-de-semana, mas sobretudo irlandeses do Sul que vão a Belfast fazer compras.

Curiosa ideia, a de se deslocar até uma cidade praticamente em estado de sítio, para fazer compras... Mas Belfast faz parte do Reino Unido, recebe todos os produtos ingleses, sobretudo os que por razões económicas, políticas ou religiosas se encontram dificilmente no Sul.



A aristocracia e a grande em guerra

O movimento tem tendência a atenuar-se, devido à evolução económica e política dos dois últimos anos na República do Eire. Mas, há pouco tempo ainda, uma boa parte desses viajantes de Dublin deslocava-se para comprar livros e outras publicações proibidas no seu país e... produtos anticoncepcionais cuja venda era igualmente proibida no Sul...

... pormenor anedótico que os protestantes do Ulster não se privam de recordar, assim como a enorme força de um clero bastante retrógrado, as relações entre a Igreja e o Estado da Irlanda do Sul. Considerando-se depositários de uma tradição esclarecida e liberal, os protestantes do Norte, quaisquer que sejam as suas condições sociais ou ideias políticas, têm da República do Eire a imagem de uma

nação obscurantista, beatificada, dominada por rígidos princípios morais de outros tempos.

Se esta imagem de uma Irlanda identificada com a personagem de um Eamon de Valera que durante os seus longos anos de exercício do poder nunca deixou de se bater pelos valores sociais tradicionais, se começa a modificar, nem por isso deixa de ser ainda a mais forte. Mesmo junto de certos meios protestantes, partidários de uma solução política, da integração económica e social da minoria católica, da sua intervenção ao nível da decisão política. Como os que fazem parte do «Alliance Party», que reúne católicos e protestantes, recrutados essencialmente na classe média, com uma forte percentagem de membros de profissões liberais.





cia rural burguesia implacável

Tanto pelas posições que defende, como pelas categorias sociais que representa, o «Alliance Party» parecia destinado a representar um papel político de primeiro plano, na actual conjuntura. E no entanto, de cada vez que a sua influência, que é real, se deve medir em termos eleitorais, é o fracasso. Porque, de cada vez, o problema que se põe é o da perspectiva da fusão com o Sul. E se hoje, com a chegada ao Poder em Dublin de homens de tendência liberal, como o primeiro-ministro Cosgrave, essa perspectiva pode aparecer a longo termo como mais aceitável, para já esses homens não vêem o que têm a ganhar deixando de ser súbditos do Reino Unido para se tornarem em cidadãos do Eire.

«Um grande número de católicos não está

realmente interessado na fusão com o Eire que iria contra os seus interesses imediatos ou que não considera realista. O que é urgente é lutar contra as discriminações de que são vítimas muitos dos habitantes do Ulster, tirar as rédeas do Poder a uma camarilha que à força de erros e prepotências nos conduziu à situação actual. E preciso multiplicar os contactos entre as duas comunidades, fazer compreender que os interesses são os mesmos, fazer participar católicos e protestantes em movimentos como o nosso, e o problema da reunificação aparecerá então como secundário, deixará de constituir um abcesso de fixação tanto para uns como para outros. Quando católicos e protestantes se convencerem de que os seus interesses são os mesmos, segundo as

suas condições de vida e de trabalho, afastarão aqueles que se utilizam da actual divisão para manterem o controlo do Poder ou prosseguirem a luta por um ideal romanesco e utópico. Então sim, a reunificação deixará de ser uma utopia dos católicos ou um pesadelo dos protestantes e será facilmente realizável» — dizia um membro do «Alliance Party».

Uma linguagem que não é muito diferente da dos «oficiais» do I.R.A., quando preconizam a unidade dos trabalhadores católicos e protestantes na luta contra o sistema.

Mas o I.R.A. não conseguiu operar a junção com os trabalhadores protestantes, ao passo que tanto as iniciativas do S.L.D.P. (Partido Trabalhista Social-Democrata Católico) como a

própria existência do «Alliance Party», com membros das duas comunidades, pareciam ricas de promessas. Há pouco mais de um mês, em Belfast, falava-se da influência crescente do segundo junto da classe média protestante, influência implicitamente reconhecida pelo delegado inglês para as questões do Ulster. E a opinião geral, nos meios políticos e jornalísticos de Belfast, era que essa influência se traduziria pela obtenção de um número interessante de mandatos de deputado, nas eleições britânicas.

Ora, o resultado das eleições foi a derrota quase total dos representantes dos partidos ditos «moderados», sendo o S.L.D.P. o único a conseguir enviar um deputado a Westminster. Se do lado católico o número e

diversidade de listas em presença — além do S.L.D.P., do Movimento dos Direitos Cívicos, em certos casos as duas tendências do I.R.A. também apresentavam candidatos — provocou uma dispersão dos votos em benefício dos protestantes, a desfeita do «Alliance Party» e sobretudo da U.D.A. de Faulkner é extremamente inquietante. Porque o grande triunfador destas eleições, na Irlanda do Norte, é o movimento «Vanguard», de William Craig. O mesmo William Craig que nunca escondeu a sua hostilidade a qualquer negociação com os católicos e que não hesita em afirmar publicamente: «Estamos prontos a matar». E que se declara disposto, se Londres for mais longe nas concessões aos

Continua na pág. X



que por escritura de 31 de Dezembro de 1973 lavrada de fls. 77 v.º a 80 do livro de notas C-90 deste Cartório, D. Maria Luísa Fernandes Peixoto de Sousa e Carlos Manuel da Cruz de Sousa constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.ª A sociedade adopta a denominação Soconster - Sociedade de Construções e Terrénos, Limitada, e tem a sua sede e estabelecimento em Lisboa, provisoriamente na Rua do Ouro, 292, 3.ª dt.ª freguesia de São Nicolau.

2.ª A sua duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se desde hoje.

3.ª O objecto da sociedade é a indústria da construção civil, compra e venda de propriedades, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e que não seja proibido.

4.ª O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 1.200.000\$00 e corresponde à soma das seguintes quotas:

Uma de 600.000\$00 pertencente à sócia Maria Luísa Fernandes Peixoto de Covacich; outra de 300.000\$00 pertencente ao sócio João de Jesus de Sousa, e outra de 300.000\$00 pertencente ao sócio Carlos Manuel da Cruz de Sousa.

5.ª Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a respectiva deliberação obtenha a totalidade dos votos correspondentes ao capital da sociedade.

6.ª A gerência, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo sempre necessárias as assinaturas de dois gerentes, ou a de um gerente e a do procurador do outro gerente, para obrigar a sociedade, devendo sempre ser uma delas a da sócia Maria Luísa Fernandes Peixoto de Covacich ou a do seu procurador.

8.º único: Qualquer dos gerentes poderá delegar os seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

7.ª A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

8.ª As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outra forma serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias.

Esta conforme ao original nada havendo na parte omitida em contrário do que se narra ou transcreve.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, dois de Janeiro de mil novecentos e setenta e quatro.

O Ajudante,

Rui Jorge Pires Carrondo

CONSULTE-NOS L...



Limpezas
alfaCinha
SERVIÇOS
DE
LIMPEZAS
EM
GERAL

R. de Artilharia Um, 39 r/c Dt.º
Telefones 65 46 97 65 46 68

EIRE

(Continuação da pág. IX)

católicos, a provocar uma declaração unilateral de independência do Ulster, citando o exemplo rodesiano. Solução tornada impossível pela presença das tropas britânicas, pela oposição das classes dominantes pouco interessadas em cortar os seus laços com a Inglaterra. Mas solução que seduz e em cuja viabilidade acredita uma boa parte da população protestante, a das classes mais desfavorecidas precisamente.

Porque de facto o Ulster é uma colónia, a última colónia britânica. Com a agravante de que se trata de uma colónia europeia, onde além das duas comunidades há ainda toda uma série de classes e castas definidas não só pelo poder económico como pelas origens sociais e nacionais.

Os protestantes do Ulster são anglicanos, metodistas ou presbiterianos. Os primeiros e os segundos constituem a aristocracia rural, de ascendência inglesa, ou a gran-

Uma nação obscurantista para os protestantes do Norte

de burguesia cidadina. Apegado a um «british way of life», é um meio apenas ligeiramente provinciano, com as suas tentativas de superar o modelo britânico, com os seus clubes, as suas equipas de pólo e de rãguebi, afectando uma atitude distante em relação às paixões desencadeadas. Nos clubes que pretendem rivalizar com os londrinos ou nas vivendas dos arredores de Belfast, não é de bom tom falar de atentados ou de manifestações e, se todos os clubes abrirem nas caves salas de tiro, é apenas para manter a forma e recordar os bons velhos tempos do Exército nas Índias ou no Bornéu, não é verdade...

Depois vem a grande massa, cerca de um milhão, presbiterianos sobretudo, pequenos agricultores, operários dos estaleiros navais cuja condição social não é muito diferente da dos católicos, suportando mal a Inglaterra e os ingleses mas violentamente «antipapistas».

«Papistas, papismo...»

Nos bairros populares protestantes, é assim que se designa os outros irlandeses em geral e o perigo que representam. Como o perigo amarelo, como o perigo vermelho, ou misturados com.

Num número de 1950, do «Belfast News Letter», podia-se ler o que segue: «Dois sistemas totalitários lutam actualmente pelo domínio do mundo: o comunismo e o papismo. Este último é mais perigoso». Em 1974 um motorista de táxi de Belfast acrescentava uma variante a esta teoria, variante muito divulgada junto dos protestantes como depois vim a saber: na realidade, a Igreja Católica Romana e o Comunismo Internacional aliam-se nessa luta pela conquista do planeta, tendo como primeiro objectivo a destruição dos sistemas democráticos... Quando me perguntou se era francês preferi dizer que sim, portugueses tinha que ser papista, além de que, como toda a gente sabe, os irlandeses são na realidade espanhóis, italianos e malteses imigrados, tudo

raças menores e mediterrânicas, preguiçosas e cheias de vícios...

Para o operariado protestante, os católicos e os irlandeses do Sul fazem parte de facto de uma espécie inferior, que se tolerava até um determinado assunto, porque se mantinha no seu lugar, apesar de todas as tentativas dos agitadores vindos de Dublin, a «soldo de Roma ou de Moscovo». Até que veio o Movimento dos direitos cívicos, a agitação, a «inconcebível fraqueza» do Governo trabalhista «sempre pronto a pactuar», depois as desilusões provocadas pelos conservadores que não fizeram melhor, chegando-se à situação actual, «insustentável».

A situação é de facto insustentável e não só para os católicos. Para uma boa parte dos protestantes também, os das classes mais desfavorecidas, que não moram nas zonas seguras. Os dos «enclaves», os quarteirões contíguos aos bairros católicos, os das ruas onde um lado pertence a uma comunidade e o lado oposto a outra, onde as janelas se fecham hermeticamente e as portas se trancam ao pôr-do-Sol, onde se sai em grupo para fazer compras, de onde se tenta fugir pondo à venda casas que não interessam nenhum comprador.

E desse bairros que saem as manifestantes vestidas com as cores do Union Jack, os aprendizes de chapéu de coco, sapatos envernizados dos desfiles da Ordem de Orange, os bandos de «tartans» à caça do católico isolado, as milícias como as antigos auxiliares da polícia, os tristemente famosos «B-Specials», os «Vanguardistas» e os «Voluntários», com as suas cábulas e armas de fogo. Para todos eles, uma única solução se apresenta agora, uma vez que as coisas foram tão longe: esconder os católicos, fazê-los partir para o Sul cedendo talvez uma ou duas cidades, como Newry ou Londonderry, onde constituem a maioria.

Quanto aos movimentos que preconizam a negociação, o entendimento entre as duas comunidades — são «ingênuos», não vivem nos «enclaves», são advogados, médicos, estudantes, fazem parte da «upper class», ignoram tudo das dificuldades reais do povo e da «perfidia» do inimigo. Do outro lado, do lado católico, os movi-

mentos políticos como o S. L. D. P. ou o Alliance Party não gozam de um capital de confiança muito mais elevado. O primeiro tem uma certa implantação nos sectores da média e da pequena burguesia católicas nomeadamente de Londonderry mas, quando se chega aos «ghettos» de Belfast verifica-se uma profunda descrença quanto às possibilidades de uma próxima solução política. A presença do Exército britânico provou que a solução armada, na qual muitos acreditaram um momento, também não era viável para muitos católicos, não há saída à vista, a não ser a individual, a da partida. Mas, para onde? O Sul, com os seus problemas económicos, não oferece nenhuma perspectiva, resta a América, a Austrália, mas para isso seria preciso dinheiro.

A vitória eleitoral dos Trabalhistas constituiu um novo elemento. Os Conservadores eram acusados de reagir mas sem agir. Poderão os Trabalhistas criar novas condições, susceptíveis de conduzir um dia a uma solução?

Antes das eleições, os católicos com que falei em Belfast não viam em que é que os Trabalhistas poderiam agir de modo radicalmente diferente dos Conservadores. E o sentimento geral é bem traduzido por uma frase de Bernadette Devlin, a antiga deputada de Londonderry, que tento reproduzir o mais fielmente possível: «Os Trabalhistas? Há 50 anos que nos dizem que estão de acordo conosco... Dão-nos uma palmada amigável nas costas e nada muda».

A verdade é que, com a sua fraca maioria parlamentar, com a vaga de deputados extremistas protestantes que o Ulster enviou a Westminster, Harold Wilson dificilmente poderá tomar iniciativas radicais, antes de novas eleições.

Entretanto os habitantes de Falls Road e do Bogside continuarão a ver na I.R.A. a única tábuca de salvação. E a esperar, se bem que desaprovando certos métodos, se bem que constatando a sua actual fraqueza, pelo regresso dos «combatentes da noite» num desses feitos míticos que enchem a história da Irlanda.

Enquanto os protestantes continuarão a exorcizar o espectro da reunificação que de opressores os transformaria em oprimidos, desfilando em torno dos bairros católicos com os estandartes do Union Jack e da Cruz de Orange.

CIDLA

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, S. A. R. L.

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 12 — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL
de 250.000.000\$00
para 350.000.000\$00

Lembramos aos portadores das cautelas representativas dos títulos atribuídos neste aumento de capital, que deverão apresentá-las, de 19 a 21 do corrente mês, nos locais onde as subscrições forem efectuadas, para efeitos do pagamento da 3.ª e última prestação, conforme se indica a seguir:

1. — Emissão de 50.000 acções reservadas aos accionistas
3.ª e última prestação Esc. 1.000\$00
2. — Emissão de 25.000 acções destinadas ao público, com preferência para os consumidores do Gazcidla e Propacidla
3.ª e última prestação Esc. 1.250\$00

Após o pagamento desta prestação poderão os Srs. Accionistas trocar as cautelas liberadas pelos correspondentes títulos definitivos, os quais se encontram nos mesmos locais. Simultaneamente também poderão ser trocadas as cautelas representativas da incorporação de reservas.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MÉDICOS, ESPECIALISTAS, E O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES NA POLÍTICA DA SAÚDE

Os instintos gregários do Homem fazem com que este se procure agrupar, não só em defesa própria como também em prol dos seus variadíssimos interesses. Assim se esboçaram, desde a mais remota antiguidade, as Associações.

Como seria de esperar, os Homens que se interessavam pela saúde das populações — clero, médicos, enfermeiros e leigos — não fugiram a esta regra e assim surgiram, especialmente no Século XIX, instituições de carácter particular que, em certa época, se conseguiram sobrepôr aos governantes, completamente desinteressados pelos problemas de saúde. Algumas destas instituições existiam com dificuldade, precariamente, e por isso só beneficiavam uma porção mínima das populações. Outras, porém, apoiadas em estruturas poderosas tinham um âmbito mais largo.

Como exemplo deste tipo de instituição poderemos citar as Misericórdias que tiveram o seu apogeu no fim do Século passado e no primeiro quartel do Século presente, não só em vários países da Europa, incluindo Portugal, como em vários pontos do Novo Mundo.

Com o progresso das ciências médicas e com o início de socialização das Comunidades que levou os governantes a terem certo interesse e alguma compreensão pelos problemas de saúde dos povos, foi fácil de ver que estas transcendiam as possibilidades e o âmbito restrito das instituições particulares e que era necessário um planeamento a nível nacional e uma rede de instituições poderosas para a sua execução.

Assim, as instituições de carácter particular ou entraram com a sua experiência servindo de base aos programas de saúde estatais ou, se não tinham organização que bastasse para isso, tornaram-se obsoletas e desapareceram.

Nalguns países em que as Misericórdias estavam organizadas, estas foram menosprezadas por motivos políticos, o que quase sempre se repercutiu sobre o desenvolvimento em matéria de Saúde Pública nesses países.

De algumas destas Associações, que tinham explorado a faceta científica da medicina nasceram Sociedades Médicas, algumas das quais, apesar dos seus fins marcadamente científicos e de investigação, mantiveram facetas consultivas e assistenciais das Associações donde derivaram.

Um belo exemplo deste tipo de sociedade é, entre nós, a vetusta Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, criada em 1822, na mesma década das três outras Sociedades Médicas que a antecederam, todas elas italianas. Devido à largueza de vistas e perfeita actualização dos seus fundadores entre os quais se contam nomes como Sousa Martins, Bento de Sousa e outros grandes nomes da Medicina Portuguesa, teve a Sociedade das Ciências Médicas logo do seu início a tripla função consultiva, assistencial e científica. Assim emitia pareceres sempre muito ponderados pelos Governantes da época e colaborava activamente com as autoridades em momentos de crise. Organizou consultas para pobres nas suas instalações e foram nela debatidos todos os principais problemas da Ciência Médica.

Pelo Prof.
Thomé George Villar

No campo particular das doenças do aparelho respiratório, o fenómeno foi idêntico mas condicionado pelos factores ligados à especialidade.

Nos fins do Século passado a Tuberculose constituía uma verdadeira pandemia, que se chegou a comparar com a peste — «peste branca». Matava por ano milhões de pessoas por todo o Mundo e levava a autênticas desgraças socio-económicas.

Perante a gravidade do problema, e especialmente depois da descoberta do bacilo da Tuberculose em 18 por Robert Koch, uma plêiade de médicos, beneméritos e leigos, geralmente eles próprios ou suas famílias atingidos pela doença, começaram a dedicar-se de corpo e alma a estes desgraçados. Assim nasceram as Associações contra a Tuberculose e, mais tarde, a especialidade de Tisiologia.

Como exemplo do que pode fazer, como obra válida, um médico fortemente motivado vamos contar a história de Robert Philip, jovem ginecologista de cerca de 20 anos que, tendo ido a Viena de Austria para frequentar um curso de aperfeiçoamento, encontrou por acaso uma publicação dedicada a uma descoberta médica que nada tinha com os seus interesses de momento, a descoberta do agente causal da Tuberculose por Robert Koch e a demonstração da natureza contagiosa da doença. Resolveu que era necessário voltar a pensar na Tuberculose à luz de novos conhecimentos e admitiu mesmo, visto se tratar dum agente microbiano, que um dia podesse surgir a cura. Assim, de volta a Edimburgo, criou um dispensário antituberculoso que, em 1887, se aproximava bastante aos actuais. A este veio juntar-se um Sanatório e uma colónia de campo. No seu Dispensário criou um centro de rastreio e um centro de profilaxia, tornando-se, assim, um dos pioneiros da epidemiologia da Tuberculose. No fim da primeira Guerra Mundial a organização antituberculosa de Edimburgo constituía a organização piloto para a prevenção da Tuberculose na Grã-Bretanha. O nome de Sir Robert Philip, associado ao seu gosto pelos contactos inter-

nacionais, fez com que, ao criar-se em 1920 a União Internacional Contra a Tuberculose fosse, com Leon Bernard, Calmette e outros grandes nomes da Especialidade, um dos pilares da primeira organização internacional do género. Infelizmente não viveu para testemunhar a vitória na luta contra a Tuberculose que previra meio Século atrás.

Pouco depois desta experiência de Edimburgo surgiu nos Estados Unidos da América a National Tuberculosis Association dedicada, então exclusivamente à luta contra a tuberculose. Pouco depois dela nasceu, em 1904, a American Trudeau Society, ramo médico da Associação e impulsionada pelo esplêndido elenco da Estância Sanatorial de Saranac Lake, que hoje se denomina American Thoracic Society e tem repercussões internacionais.

Houve exemplos desta criação e evolução de Associações contra a Tuberculose em numerosos países — França, Itália, Bélgica, Inglaterra, para só citar algumas.

Entre nós uma Associação do mesmo género, a Assistência Nacional aos Tuberculosos fundada em 1899, com carácter particular por sua majestade a rainha D. Amélia, teve uma evolução semelhante passando, em 1946, com toda a sua rede dispensarial e sanatorial, a constituir um departamento importante no Ministério da Saúde sob a designação de Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos. No caso do nosso país, a estrutura particular serviu durante anos de base e de suporte a toda a organização antituberculosa do Estado.

Com a nacionalização ou estatização destas instituições particulares começou a notar-se, em relação a elas, como é hábito quando uma coisa nos é imposta, um certo desinteresse, e até uma certa animosidade, da parte das populações. Deixava-se tratar por elas quem não tinha mais quem as tratasse, colaboravam no rastreio à doença quando a isso eram obrigadas, e só correspondiam às campanhas de vacinação quando não podiam deixar de o fazer. Assim, deixou de haver, pelo menos uma parte da população, a colaborar na luta antituberculosa e esta passou a ser uma obrigação exclusivamente do Estado.

Desta forma, nalguns países apesar dos avanços da técnica que permitem esperar para breve a erradicação da Tuberculose, resultou um retrocesso na luta contra esta terrível doença.

Isto fez com que algumas organizações estatais voltassem a técnicas utilizadas anteriormente pelas instituições particulares como seja a venda do selo antituberculoso, as Semanas da Tuberculose, etc. Estas medidas, para além da angariação de fundos sua principal função quando se tratava de Associações particulares cronicamente deficitárias, eram agora especialmente destinadas a chamar a atenção para o problema, propagandear-lo e, assim conseguir melhor participação da Comunidade. Porém,

não foi fácil mudar a mentalidade das populações e criou-se um clima de indiferença e até de desconfiança perante manobras que foram tomadas como tentativas do Governo de obter verbas de particulares que se julgavam dispensados de qualquer obrigação.

Surgiu, então, por todo o mundo na última década, um novo tipo de Associações, as Associações benévolas, a quem não se pede dinheiro mas participação a todos os níveis. Hoje são estas Associações, sobre a qual se insere o programa de luta contra a Tuberculose pode, e deve participar no seu planeamento, na sua execução e na sua fiscalização. Só assim um programa destes poderá ser, de facto para a Comunidade e não, como é tantas vezes o caso a Comunidade para o programa.

Entretanto, com o declínio da Tuberculose, que deixou de ser o flagelo que era há vinte anos mas que continua por resolver completamente, começou a ficar inactivo muito equipamento sanitário, a não ser totalmente aproveitada uma organização dispendiosa e perfeitamente funcionante e inúmeros médicos, que tinham dedicado a sua vida a uma única doença, começaram a ter pouco que fazer.

Quis o feliz acaso que a Tuberculose atingisse, preferentemente, o pulmão e, por isso, aqueles que a tratavam tinham a possibilidade de conhecer, como ninguém, o aparelho respiratório e estavam nas melhores condições de se dedicarem às restantes doenças deste sistema.

Também a casualidade de existirem na Pneumologia outras doenças com características epidemiológicas com alguns pontos de contacto com as da Tuberculose — bronquite crónica, doenças das poeiras, hidatidose, cancro do pulmão — permitiu que organizações já experimentadas nas técnicas epidemiológicas da tuberculose, se transferissem com relativa facilidade para a luta contra estas doenças. Isto é especialmente verdade para a bronquite crónica que se está tornando, por todo o mundo, um flagelo muito próximo do da tuberculose, não só pelas incapacidades que condiciona como peso progressivamente crescente que esta plêiade de insuficientes respiratórios constitui para a sociedade.

As Associações Benévolas de hoje, devidamente integradas num programa de luta contra as doenças pulmonares de que já existem entre nós duas em pleno funcionamento, têm um papel fundamental, planeando e colaborando em campanhas antitabágicas, insistindo por medida antipoluição e batendo-se por melhores condições de vida das populações. Só com esta participação da comunidade poderá uma Instituição Estatal cumprir completamente o seu papel, servindo a comunidade para quem foi criada, ajudada e fiscalizada por essa mesma comunidade.

Grandes epidemias de gripe em 7 Estados americanos

O Centro Americano de Controlo das Doenças informou que uma epidemia de gripe, a maior deste Inverno, atinge 7 Estados: Georgia, Illinois, Iowa, Michigan, Minnesota, Oklahoma e Wisconsin. Adicionalmente, doenças parecidas com a gripe levaram ao encerramento de várias escolas do Texas e causam elevado absentismo em outras regiões. As autoridades sanitárias do Texas ainda não conseguiram estabelecer se se trata realmente do vírus da gripe. Quanto ao agente causal da gripe dos sete Estados, é do tipo B.

Mesa-redonda em Portalegre

No dia 9 do corrente, sábado, realizou-se uma mesa-redonda em Portalegre subordinada ao tema «Diabetes». A organização desta Mesa-Redonda deveu-se à Direcção da Caixa de Previdência e Abono de Família desta localidade com o patrocínio do respectivo presidente. Como convidados estiveram presentes os drs. Sá Marques, dr. Moreno e dr. Lino. Atesta o interesse despertado por este género de iniciativas e elevado número de médicos presentes.

O «stress» constante pode provocar hipertensão arterial permanente

Foi evidenciado há poucas semanas, numa academia de escritores-cientistas dependente da «Associação Americana de Cardiologia», na Florida, que várias espécies de macacos desenvolvem hipertensão arterial permanente, quando tratados sob condições de «stress», isto é, de tensão psicológica imposta pelo ambiente. Acrescenta o relatório que as condições em questão têm todas as características daquelas que os homens se impõem, uns aos outros. Há muito que os cientistas sabem, por experiências no homem e em animais, que o «stress» eleva temporariamente a pressão arterial e o ritmo cardíaco; mas, o que foi evidenciado agora, é a convicção, bem fundamentada, de que uma longa exposição a essas condições produz modificações que se mantêm após a suspensão do «stress». Falando à assembleia, o dr. Alan H. Harris, da Escola Médica da Universidade John Hopkins, afirmou que conseguiu aumentar o ritmo cardíaco e a pressão arterial de macacos, submetendo-os a sessões de 12 horas diárias. Os animais eram recompensados com alimentos quando o seu comportamento era considerado satisfatório e punidos quando se portavam mal, de acordo com um padrão convencional. Foram assim induzidas, gradualmente, frequências cardíacas e pressões arteriais, respectivamente, duplas e 50 por cento mais altas que o normal. À noite e em repouso, os valores normalizavam — ao princípio. Após alguns meses os valores começaram a manter-se elevados mesmo durante os períodos de repouso — na aparência dos animais tinham criado habitude ao «stress». Foi concedido um período de três meses de férias a um dos macacos, mas a sua pressão arterial continuou a ser elevada. O dr. Harris investiga agora a fisiopatologia do fenómeno.

Sangue artificial

Um grupo de investigadores da Escola de Saúde Pública de Harvard conseguiu a substituição do sangue de ratos por um produto artificial, fluorocarbonado. Foi a primeira vez que se conseguiu manter vivos animais totalmente privados do seu sangue. Enquanto que os cientistas de Harvard usam a substituição total do sangue por produtos sintéticos, em outros lugares há experimentadores que se ocupam da alteração do sangue natural para lhe conferir novas propriedades. Investigadores da Universidade de Alabama e do Instituto Hektoen de Pesquisas Médicas, de Chicago, lograram manter vivos, por breve tempo, animais cujo sangue fora substituído por um soluto de hemoglobina em plasma. Este líquido não contém glóbulos, pelo que se dispensa a determinação do grupo sanguíneo, antes da sua transfusão. A hemoglobina é obtida a partir de sangue que envelheceu demasiado para ainda poder servir para transfusão. Este estudo abre a possibilidade de utilizar a hemoglobina do sangue de gado abatido, em transfusões a pessoas. Contudo, apesar destes progressos, pensa-se que a invenção de um sangue total artificial satisfatório para utilização na espécie humana demorará ainda alguns anos.

Das vantagens de ser «Bantu»

Art Walker, director do Departamento de Bioquímica Humana do Instituto de Investigação Médica de Johannesburg (África do Sul), comunicou que os Bantus (o mais numeroso dos povos negros da África Austral), atingem, em regra, uma idade muito mais avançada que os povos de origem europeia e, muitas vezes, em muito melhores condições de saúde. Com efeito, mostram grande resistência natural a numerosas doenças que dizem os europeus. Os cânceres do cólon e do recto, por exemplo, que são responsáveis por um de cada trinta óbitos de pessoas oriundas da Europa, constituem uma verdadeira raridade entre os Bantus.

COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS PROFISSIONAIS DE MERCK SHARP E DHOME

RECRUDESCIMENTO REVOLUCIONÁRIO NA CHINA

A vigorosa campanha para «criticar Lin Piao e Confúcio» levou a uma nova fase de actividade política na China, e Jean Daubier precisa seguidamente o seu verdadeiro significado. Porém, a imprensa chinesa não visa unicamente os inimigos do interior. Por exemplo, o Renmin Ribao publicou um texto, acusando os novos czars de quererem fazer da China uma colónia do socialismo-imperialismo.

Grotescas bobices de adoração de Confúcio foram representadas em alguns recantos particularmente tenebrosos do mundo, escreve o jornal, e acrescenta que, a mais desajeitada, foi a representação montada em Moscovo. O mesmo artigo denuncia o sonho quimérico dos revisionistas soviéticos: subjugar a China. Assim, a clique dos renegados revisionistas teria recrutado na China agentes como Liu Chao-Chi e Lin Piao, que pretendiam proteger-se sob o guarda-chuva nuclear de Moscovo, mesmo quando os soviéticos amontoavam as suas tropas na fronteira da China, para aí fazer pesar a sua ameaça militar.

Neville Maxwell, que visitou a fronteira sino-soviética, publica, também, separadamente, um estudo de fundo sobre este aspecto do contencioso entre os dois países.

Os herdeiros de Confúcio

A China acaba de entrar numa segunda revolução cultural. O movimento começou em Janeiro de 1974 e, durante meses, durante anos talvez, a República Popular vai tornar-se o palco de acontecimentos tumultuosos, de conflitos apaixonados e fascinantes.

É pouco surpreendente. O presidente Mao tinha anunciado que novas revoluções seriam necessárias e a imprensa chinesa recordava-o frequentemente. O modo de desenvolvimento escolhido pela China assenta na mobilização quase permanente das mesmas: não saberia acomodar-se a um quadro institucional rígido, e este é frequentemente posto em questão, perturbado até. Os períodos de estabilização não duram nada.

Em Fevereiro, o movimento ampliou-se. Apresenta traços específicos às vezes desconcertantes. Propomo-nos fazer aqui um primeiro estudo, ficando desde já entendido que uma campanha tão vasta e tão complexa exigirá muitas análises complementares.

Como em 1966, Mao Tsé-Tung e os seus partidários querem estimular a edificação do socialismo, apressando a abolição da divisão do trabalho e das hierarquias. O seu objectivo é transformar as superestruturas, aprofundar a reforma do ensino e criar um tipo de homem novo, profundamente devotado à colectividade. É uma revolução ideológica que se concretizará pelas lutas políticas, tendo por aposta o poder de Estado.

Oficialmente, trata-se de criticar Confúcio e o ex-chefe dos exércitos, hoje desaparecido, Lin Piao. O segundo é apresen-

no estrangeiro que consistia em explicar Mao através de Confúcio. Nada mais justifica doravante esta lengalenga, que fez as delícias da sinologia oficial.)

Sob formas insidiosas, a tradição vem incessantemente corromper as aquisições da revolução socialista. A campanha actual responderia, portanto, à necessidade de destruir o velho ambiente cultural confuciano de que o «linpiaoísmo» emanara.

Lin Piao e os vivos

Porém, é bem disso que se tratava? Ou, melhor, não se tratava senão disso? Como recentemente fazia notar Joseph Lelyveld, correspondente do Times: Não está nos hábitos de Mao declarar-se contra os mortos.

Com efeito, não se deve prestar atenção ao nome e à perso-

mentaram, assim, uma tendência, da direita. Esta corrente rejeita o primato da política e dá prioridade ao crescimento económico. Encoraja os estimulantes materiais e as diferenciações salariais nas fábricas. Reintroduziu parcialmente a selecção e os exames de aproveitamento nas escolas.

Um artigo de um grupo de tipógrafos de Pequim cita outras palavras de Confúcio, que Lin Piao fez suas: Restaurar as famílias cuja linhagem foi quebrada e chamar para o desempenho de altas funções aqueles que entraram na sombra. Estas linhas evocam indirectamente a reabilitação de responsáveis apelidados de revisionistas durante a revolução cultural. Desde há dois anos, numerosos são aqueles que encontraram lugares de direcção. Ora, isto não deixa de envolver perigo, pois, prossegue o artigo, a intenção de Lin Piao (ler:

vários chefes militares regionais poderia explicar-se deste modo.)

Quem é esta gente ávida de privilégios? De momento, a resposta continua a ser imprecisa. É muito aventuroso afirmar, como alguns já o fizeram, que Chu En-Lai é um dos atingidos. Não se trata necessariamente de um grupo organizado, mas mais de uma corrente definida. No desejo de eliminar injustiças cometidas durante a revolução cultural, foi-se demasiado longe noutro sentido. E preciso inverter a tendência e volta a lançar os revolucionários ao assalto. A alternância destas ofensivas da direita e da esquerda é característica da vida política chinesa.

Uma pergunta continua de pé. Por que é que a imprensa recorre a estas analogias históricas próximas da alegoria? Imagine-se em França a imprensa a celebrar Richelieu ou

conhece o código, pode decifrar os artigos e distinguir facilmente os objectivos. Aliás, trata-se menos de encetar longas discussões teóricas do que mobilizar as pessoas sobre objectivos concretos: controlar a reabilitação dos quadros, enunciar toda a forma de gestão burocrática, voltar a lançar a revolução pedagógica.

A hegemonia do proletariado

Eis-nos, portanto, diante de uma segunda revolução cultural. Em determinados pontos, aproxima-se da precedente, principalmente pelo seu lado vincadamente antiburocrático. Difere dela por outros, porque as lições do movimento anterior produziram efeito. Sem dúvida, exaltar-se-á menos o presidente Mao. A mobilização das massas será intensa, mas será dado um grande cuidado à constituição de uma rede de sólidas organizações de base. Procurar-se-á evitar o aprofundamento das comissões do partido, como aconteceu em 1967.

A primeira revolução ficou durante muito tempo limitada aos meios intelectuais. Estes debateram na confusão e introduziram na sociedade cisões tenazes. Se a campanha de crítica não poupou as escolas, desta feita passou rapidamente às fábricas. A imprensa sublinha o papel dos operários, e é claro que a hegemonia do proletariado é procurada desde logo.

No entanto, muitas dificuldades se anunciam. Como evitar as divisões na população? Os recentes incidentes de Wuhan mostram que estas já começam a aparecer. Os conflitos da anterior revolução continuam vivos. (Recordemos que graves motins eclodiram em 1967 em Wuhan. Facções antagonistas enfrentaram-se com extrema violência. A China esteve, então, à beira da guerra civil.)

A propaganda esforça-se por fazer deslocar a crítica sobre as ideias e levantar o nível ideológico. Não é preciso que os debates descambem em querelas pessoais. A imprensa convida as mulheres a desempenhar um papel cada vez maior. Anteriormente, esta questão foi bastante negligenciada, na altura em que constituía — e constitui — um elemento central da luta contra a tradição.

Os dirigentes revolucionários informaram plenamente as massas sobre os problemas do partido, a fim de que elas possam debater-las validamente? A sua falta de informação já antes suscitou correntes esquerdistas e uma desconfiança geral relativamente aos quadros. O movimento merecerá ser seguido, a este respeito, muito de perto.

Por outro lado, os serviços de propaganda chineses saberão dar uma imagem compreensiva do movimento, ao estrangeiro? Quando da primeira revolução cultural, ultra-esquerdistas e uma desconfiança geral internacional, inutilizavam as publicações destinadas ao exterior com uma mixórdia estereotipada. O significado das lutas foi, assim, fortemente obscurecido. Ao mesmo tempo, tanto no Ocidente como na U. R. S. S., campanhas de imprensa hostis contribuíram sofrivelmente para isolar a China. Também aí a falta de informação foi desastrosa. Seria lamentável que, por falta de saber falar aos estrangeiros, os chineses não possam comunicar ao mundo a riqueza das suas experiências políticas e sociais.



da extrema direita, que visa à restauração e à regressão. Para usar a sua própria expressão, consiste em moderar-se e em voltar aos ritos (o destaque é nosso, J. D.). Ora, moderar-se e voltar aos ritos, era um programa reacçãoário de Confúcio para a restauração da escravatura. Lin Piao considerou a sua realização como o objectivo da sua vida. A sua ambição devoradora de derrubar a ditadura do proletariado e de restaurar o capitalismo não pode aparecer mais claramente.

Estas linhas surpreenderão os leitores europeus que tinham acreditado ver no ex-delfim mais um turiferário de Mao Tsé-Tung, facilmente levado ao ditiramba e à hipérbole, do que um aluno de Confúcio.

Porém, pode-se perguntar se esse culto excessivo, essas homenagens enfáticas em que Lin Piao era useiro e vezeiro, não levavam exactamente a marca das velhas tradições sob a aparência de um zelo marxista rigoroso. O formalismo ritual não é a única falta de Lin Piao; a sua teoria do homem (a versão chinesa da do gólem providencial), o simplismo doutrinal e moralizante que ele apregoava, o encorajamento dado à descentralização, a preeminência dos militares, pareciam emprestar ao novo regime muitos vestígios do antigo. (Daí o contra-senso espalhado

nagem de Lin Piao, naquilo que ele pode ser ou parecer historicamente. Como Liu Chao-Chi antes dele, Lin já não é na China senão a antítese da revolução, um puro elemento negativo: a contra-revolução, o revisionismo. Quando é citado, este nome deve ser substituído por aquilo que serve para designar: a direita sempre presente e obstinadamente desejosa de recuperar o terreno perdido. Porque os numerosos textos que vituperam Confúcio e Lin Piao visam, de facto, objectivos actuais e vivos. Para o compreender, é preciso proceder a uma leitura em segundo grau dos documentos.

Todos os textos afirmam que o ex-vice-presidente professava a máxima confuciana moderar-se e voltar aos ritos. O acento posto sobre o «voltar aos ritos» é uma alusão à restauração das estruturas do partido empreendida a partir de 1970. Este processo é normal, mas fez-se acompanhar do retorno irregular de determinadas práticas burocráticas anteriores: autoritarismo em relação aos trabalhadores e aos alunos; favores especiais para os filhos dos dignitários do partido.

A «moderação», vários dirigentes a pregaram no mesmo período para contrariar o extremismo da esquerda e os excessos da revolução cultural. Ali-

dos das direitas) era libertar, no plano político, todos os proprietários rurais, os camponeses ricos, os contra-revolucionários e os maus elementos, para os levar ao poder.

Um outro artigo do Quotidiano do Povo de Fevereiro último, intitulado O espectro de Confúcio assedia os novos czars, censura aos soviéticos o facto de exaltarem o velho filósofo. Os comunistas chineses, esses, defendem Qin Shihuangli, que se tornou imperador em 221 a. C. Apoiado pelos teóricos legistas, unificou a China e opôs-se à aristocracia. O imperador lutou duramente contra os confucianos e seus privilégios.

Todavia, por sua morte, os confucianos retomaram o poder e constituíram essa burocracia de letras que durante tanto tempo devia oprimir o país.

A evocação destes episódios históricos, velhos de mais de dois mil anos, é uma alusão muito transparente à luta de Mao e do partido comunista contra os quadros emburguesados, os burocratas desapeados, desajustados de restaurar o seu poder e as suas prerrogativas. (Outras questões actuais estão subentendidas. O imperador foi um centralizador, o seu elogio corresponderia ao desejo de reforçar o poder central. A substituição recente de

Luis XIV por ocasião de um debate sobre regionalização!

Ora, esta prática é muito comum na China e revela toda a especificidade da sua política interna. Porque estes artigos, verdadeiramente codificados, em lugar de anunciar concretamente o conjunto dos problemas do dia? Porque estes problemas estão ligados a um pano de fundo explosivo de polémicas, de divergências, de questões teóricas mal resolvidas no seio do grupo dirigente. A este nível, se a direcção geral é comum, subsistem muitos conflitos pontuais.

A unidade da direcção assenta em determinados compromissos e não se resiste a abalá-la sem necessidade. O debate é indispensável tal como a intervenção das massas, porém, debater aberta e publicamente tudo traria consigo, talvez, divisões gerais e profundas. Além disso, o regime tem uma concepção extensiva do segredo de Estado. A discussão deve ser guiada, senão mesmo refreada. Com ou sem razão, certos dirigentes chineses consideram que agir a caixa de Pandora e introduzir o caos. Oferece-se, portanto, às massas, pelo menos de momento, uma versão «codificada» dos problemas, substituto pragmático e didáctico sem dúvida eficaz a curto prazo. A população

A VIGIA QUE ESPREITAVA A MORTE

Por PAUL EDDY, PATRICK FORMAN
e PETER PRINGLE
(Exclusivo «Sunday Times»/«Diário de Lisboa»)

(Continuação da pág. 1)

obtidas começam a tornar a causa do desastre mais prosaica, embora não menos trágica: a porta de carga traseira do avião, que se desprende e caiu a cerca de doze quilómetros do local onde se encontraram os principais destroços, tinha um sistema de fecho que não era à prova de avaria, e o piso da cabina adjacente, como estava assim construído, demorou-se imediatamente, cortando controlos e deixando o piloto sem saber o que fazer.

Este relato especial mostra como, se essa fosse a última razão para o desastre, ele nunca se teria verificado. O mundo fora alertado por um desastre semelhante, no Canadá, há quase dois anos. A lição não foi aprendida.

Esse gigantesco DC-10 das Linhas Aéreas Turcas que se esmagou no solo perto de Paris e matou 346 pessoas no domingo 3 de Março, estava quase certamente condenado por uma minúscula parte de um todo avaliado em nove milhões de libras esterlinas — quatro trincos na porta de carga traseira. E este fatal defeito já fora detectado a seguir a um desastre semelhante com um DC-10, perto de Windsor, no Canadá, em 12 de Junho de 1972.

Foi este defeito fatal que, segundo as provas até agora conseguidas, deu origem e foi a causa do desastre, e não a deflagração de uma bomba ou de um engenho explosivo. Passará agora a ser prestada atenção ao que aconteceu, às recomendações de segurança que foram feitas após o desastre de Windsor. Peritos de segurança americanos reco-

mendaram que o desenho do DC-10 deveria sofrer uma importante modificação, porém, 19 meses mais tarde, tal modificação está ainda a ser «considerada» pelos construtores, a firma Mc-

Donnell Douglas. E, para além dos 130 aviões DC-10 já em serviço em 23 linhas aéreas, a produção deste modelo continua sem interrupção.

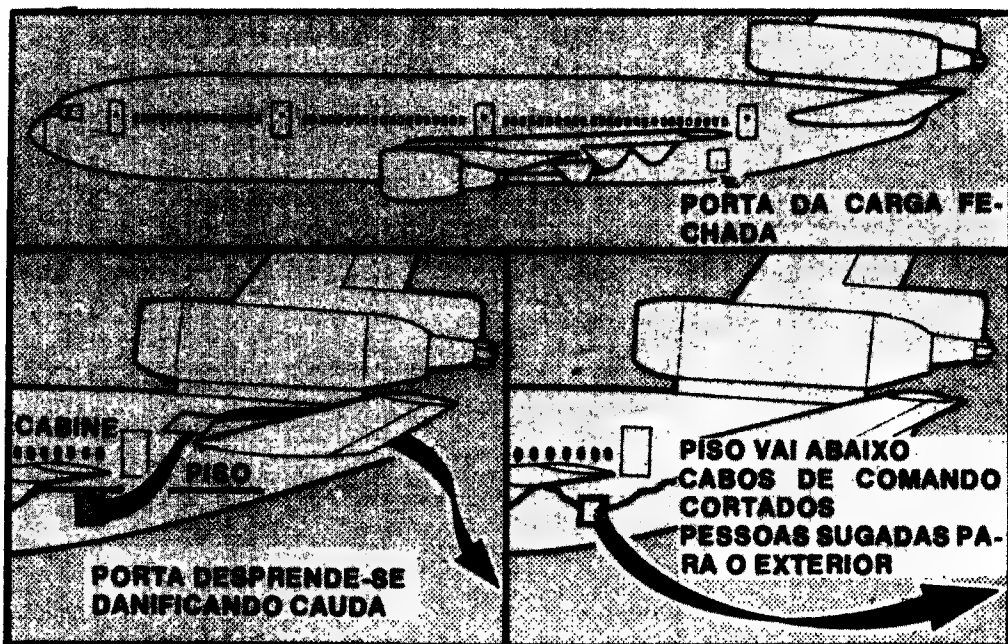
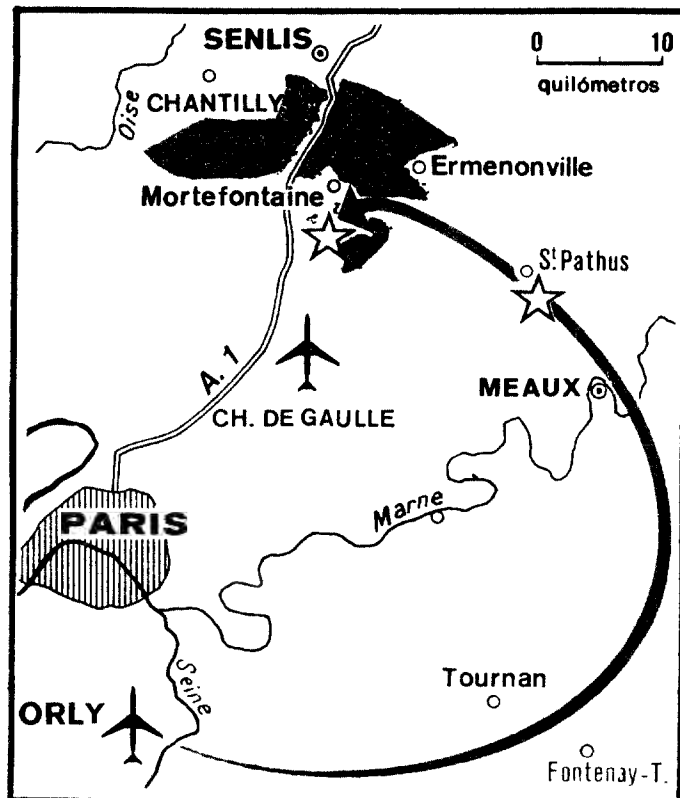
Mais perturbador ainda é o facto da Federal Aviation Administration, que emite os certificados de voo para os aviões de fabrico americano, não ter ordenado as modificações recomendadas em 1972, senão no dia 6 de Março, isto é, três dias depois da catástrofe de Paris.

Algumas pequenas modificações haviam sido, entretanto, introduzidas pela McDonnell Douglas, porém, estas fo-

caso de necessidade, porém, sabe-se desde 1972 que este sistema pode falhar. Uma vez a porta «segura» já não pode ser examinada do interior do avião.

O que o inquérito oficial do desastre terá de decidir é se a porta não foi convenientemente fechada durante o trânsito por Orly por um dos elementos do pessoal de terra.

Se for este o caso, um segundo inquérito judicial, que os franceses já abriram, terá de determinar e decidir até que ponto a concepção do DC-10 e a falta de suficiente correcção — foi motivo para o desastre, e até que ponto houve «ero humano».



Como uma porta de carga arrancada conduz ao desastre

ram incorporadas no DC-10 turco, aparentemente, não conseguiram salvá-lo.

Basicamente, a deficiência verificada permite, apesar de tudo, que a porta de carga traseira fique «segura», embora não convenientemente trancada. Existe um sistema de alarme para avisar a tripulação em

Porém John Godson, um perito de segurança aeronáutica, que fez um estudo especial do incidente de Windsor e que foi a primeira pessoa a declarar publicamente haver semelhanças com o desastre de Paris, disse há dias: «Não acredito que tenhamos ainda de esperar um ano, ou ainda mais, pe-

las modificações que têm de ser feitas no sistema que permitiu que uma tal tragédia acontecesse».

«Se a porta de carga foi a causa do desastre, então, as autoridades têm de ser tornadas responsáveis pelo facto de não terem tomado medidas decisivas, com a urgência que se impunha, depois desta deficiência ter sido posta em relevo em 1972. Não é esta a primeira vez que tal acontece — em quase todos os acidentes importantes que envolvem negligências de concepção ou desenho, as advertências anteriores foram ignoradas.»

O AVISO

Em 1967, o Congresso encarregou a National Transportation Safety Board (Repartição Nacional de Segurança nos Transportes) de investigar os acidentes ocorridos. Desde então, tem havido um certo atrito entre as duas entidades envolvidas, segundo a opinião de um destacado perito de aviação britânica, devido aos «ciúmes» da Federal Aviation Administration, entidade suprema.

A Safety Board não tem poderes para fazer introduzir novos regulamentos de segurança; somente pode investigar os acidentes e fazer recomendações que são então, submetidas à F.A.A. para aprovação. No princípio de Março, a Safety Board disse-nos que as suas relações com a F.A.A. eram «razoavelmente boas» e que uma média de 80 por cento das suas recomendações são executadas. Porém, em determina-

das ocasiões, essa média tem caído para 50 por cento e, no caso do DC-10, nenhuma das recomendações da Safety Board acerca da porta de carga traseira foi incluída nas ordens directivas da F.A.A. até ao dia 6 de Março. E, nessa altura, já tinham morrido 346 pessoas.

Vinte e quatro horas depois do acidente de Windsor, em Junho de 1972, a McDonnell Douglas Corporation sabia que o quase-desastre havia sido motivado por uma deficiência no sistema de fecho da porta de carga traseira e telegrafava um aviso imediato a todos os que trabalhavam com os DC-10. Um mês depois, os investigadores da Safety Board tinham descoberto que, por causa da maneira como estava concebida, a porta de carga podia ficar «incorrectamente fechada», sem que o piloto fosse disso alertado. Descobriram também que, se a porta saltasse durante o voo, o compartimento de carga podia sofrer uma depressurização cuja a força explosiva levaria ao desmoronamento do piso da cabina dos passageiros. Isso, por seu turno, impede todo e qualquer controlo vital do voo.

Em 6 de Julho de 1972, a Safety Board informou disto a F.A.A. e fez duas recomendações que, diz-se no relatório, «impossibilitariam a repetição de acidentes semelhantes».

UM: A Safety Board queria que o sistema de fecho da porta de carga fosse modificado por forma a tornar «fisicamente impossível» que o manípulo de fecho pudesse ser accionado sem que a porta estivesse per-



feitamente fechada e trancada (veja-se o diagrama).

DOIS: A Safety Board pediu que fossem instalados respiradouros entre a cabina dos passageiros e o compartimento de carga traseiro, o que permitiria que a pressão na cabina «escapasse», evitando o desmoronamento do piso.

A VIGIA

O relatório mereceu uma pronta, mas inesperada, resposta, por inútil que foi. Na manhã seguinte, a F.A.A. disse que ambas as recomendações estavam a ser consideradas, mas «podia não ser praticável a instalação de respiradouros entre a cabina de passageiros e o compartimento de carga». Contudo, a F.A.A. anunciava ter recomendado duas coisas: pequenas modificações na instalação eléctrica do sistema de fecho da porta de carga e a instalação de uma vigia de inspecção na porta. Isto permitiria a qualquer pessoa inspecionar o mecanismo de fecho, da parte de fora, depois da porta ter sido fechada.

Estas modificações foram incluídas pela McDonnell Douglas em todos os posteriores DC-10 que saíram das linhas de produção — incluindo o aparelho turco que se esmagou no solo no domingo 3 de Março. Tais modificações não foram suficientes para o salvar.

A F.A.A. recomendou também — mas não ordenou — que o mecanismo de fecho fosse modificado por forma a prevenir a possibilidade de ser forçado, como foi o caso no incidente de Windsor.

Não sabemos se esta modificação já fora levada a efeito no DC-10 turco. Mas sabemos, isso sim, que não foi incluída num avião Laker Airways que saiu da linha de produção aproximadamente na mesma altura. A Laker procedeu a esta modificação há pouco tempo ainda.

E o que é certo é que a mais importante modificação recomendada pelo Safety Board, há já 19 meses — a colocação de respiradouros entre a cabina dos passageiros e o compartimento de carga — não foi ainda incluída em nenhum dos 130 aparelhos DC-10 que se encontram presentemente em

serviço. Em 8 de Março, a F.A.A. disse-nos: «Esta seria a principal modificação, mas está ainda a ser considerada pela McDonnell Douglas».

O avião das Linhas Aéreas Turcas TK981 descolou da pista 08 do aeroporto de Orly exactamente às 12 e 30 horas de domingo 3 de Março, elevou-se normalmente a 7000 pés de altitude e dirigiu-se para Leste. Depois angulou nitidamente para a esquerda o que o punha na primeira fase de entrada no corredor aéreo para Londres.

O avião devia subir ainda até pelo menos, 23 000 pés, porém, apenas dois minutos depois de ter mudado de rota, algo de grave aconteceu.

De acordo com os investigadores em Paris, quando o aparelho estava a 13 000 pés de altitude, aproximadamente por cima da aldeia de St. Pathus, a porta de carga traseira saltou. Dois minutos depois, o avião despenhava-se na floresta de Ermenonville. Embateu no solo a uma velocidade de 400 a 425 milhas por hora (aproximadamente 640 a 680 km/h), ressaltou uma vez sobre uma ravina pouco profunda e esmagou-se contra as árvores numa extensão de cerca de 600 metros.

Que aconteceu durante estes dois minutos? Algo que pode ficar durante muito tempo, no campo das conjecturas. Porém, se foi uma «cópia a papel químico do incidente de Windsor, poderemos reconstituir parcialmente o drama. Partindo desta premissa, vejamos o que teria acontecido.

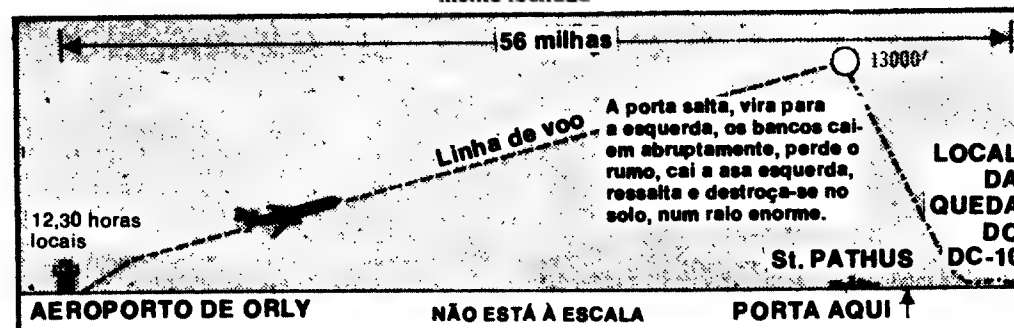
A 13 000 pés de altitude a porta de carga está sob uma força de três toneladas e meia devido à diferença entre a pressão artificial dentro do avião e o ar rarefeito do exterior. (O DC-10 da American Airlines voava quase à mesma altitude quando a porta de carga se abriu e o inquérito oficial descobriu que esse grau de pressão era suficiente para abrir a porta quando não perfeitamente fechada.)

A porta de carga de um DC-10, que abre para fora e para cima, é arrancada dos gonzos. O ar que se encontra dentro do compartimento de carga escapa-se, então, com uma força explosiva.

O piso do compartimento dos passageiros já não está



PERIGO: Se os trincos não ficaram perfeitamente engatados, os trincos da fechadura não funcionarão. Se o operador puxar depois o manipulador com força, o pino de ligação dentro da porta pode prender à força. A menos que o operador investigue cuidadosamente através da vigia, o sistema poderá parecer em condições de segurança, mas a porta não se encontra convenientemente fechada.



«aguentado» pela pressão do ar no compartimento de carga, que se encontra por baixo da cabina dos passageiros. A tensão que sobre ele se exerce aumenta enormemente. Quase, instantaneamente, portanto, a secção do piso por cima do compartimento de carga desmorona-se.

Noventa passageiros encontram-se em bancos ligados a esta secção do piso. Sabemos que seis deles foram sugados para o exterior através da porta de carga, ainda ligados aos seus bancos. Mergulharam para a morte de uma altura de 13 000 pés (aproximadamente 4000 metros).

Entretanto, na cabina de voo, a cerca de 45 metros de distância, a tripulação vê-se a braços com uma crise terrível. Ao desmoronar-se, o piso da cabina dos passageiros inutiliza os cabos de controlo que correm ao longo do aparelho, do focinho à cauda.

Primeiro de que tudo, a tripulação ouve e sente um tremendo baque, causado pela descompressão. Simultaneamente, sentem bater-lhes na cara poeiras e porcarias. (No incidente de Windsor, o comandante perdeu a visão e pensou ter havido uma colisão em pleno ar que lhe tivesse estilhaçado o pára-brisas).

Os pedais do leme de direcção e as três alavancas de controlo de potência dos motores retrocedem quase para uma posição de «ponto morto». Se o desastre de Paris é «uma cópia a papel químico» do incidente de Windsor, o motor número dois — montado na cauda do aparelho — falha. Os motores remanescentes, um por baixo de cada uma das asas, continuam a trabalhar, porém, o piloto não mantém o controlo sobre o leme de direcção, que guia o avião, e muito pouco controlo sobre os lemes de profundidade, que o fazem subir ou descer.

No incidente de Windsor, o avião e os seus 67 passageiros e tripulantes sobreviveram por

que o piloto, capitão Bryce McCormick, conseguiu manter parcialmente o DC-10 sob controlo, descendo e aterrando no aeroporto metropolitano de Detroit.

É impossível, nesta fase, dizer o motivo por que o capitão Nejat Berkov não foi capaz de «fugir» à catástrofe, mas todas as provas sugerem que os controlos na cauda do seu avião estavam ainda mais danificados e que havia muito poucas possibilidades de sobrevivência uma vez arrancada a porta de carga.

Quando o DC-10 desceu num mergulho abrupto, a sua velocidade aumentou. Segundo um perito de aviação que se encontrava perto da floresta, não ouve ruído de motores, mas tão-somente um guincho estridente aerodinâmico, que indicava não estar nenhum dos motores a trabalhar.

Quando o avião embateu com os topos das árvores, estava quase nivelado, porém, a asa esquerda estava inclinada; o que indica que o aparelho estava a virar para a esquerda. Um membro do grupo de inquérito francês, disse-nos: «Tendo em consideração a muito alta velocidade, há todos os indícios de que o piloto manteve pouco ou nenhum controlo do aparelho».

O culpado?

Na própria tarde do desastre, o Governo francês deu início a dois inquéritos paralelos. Um grupo, auxiliado pelos investigadores americanos e turcos, procura a causa do desastre, ao passo que um outro grupo, de inquérito judicial, procura determinar quem foi o culpado.

Porque a maioria das 346 pessoas que pereceram no desastre eram de nacionalidade britânica, foram convidados investigadores da Civil Aviation Authority para assistir ao inquérito preliminar, porém, no dia 8, o grupo britânico regres-

sou a Londres e, de momento, não faz tensão de voltar a Paris.

Se a porta de carga traseira foi a causa primária do desastre, a primeira pergunta a que tem de se responder é se ela foi — ou não foi — convenientemente fechada depois do compartimento de carga ter sido aberto em Orly, para tirar as bagagens dos passageiros ali desembarcados. Embora 216 passageiros tivessem tomado o avião em Orly com desti-

no a Londres, as suas bagagens foram colocadas num outro compartimento de carga, que não o da cauda, pois, este encontrava-se quase cheio.

O inquérito oficial afirma não ter sido ainda eliminada a hipótese de sabotagem, porém, um engenho explosivo, escondido numa mala, não podia ter sido carregado no compartimento de carga traseiro, em Orly, como primeiramente foi sugerido.

Os grupos de inquérito oficiais não têm de apresentar os seus relatórios ao Ministério francês de Aviação antes do próximo ano, porém, como a porta de carga foi encontrada virtualmente intacta a vários quilómetros de distância do local aonde se encontraram os principais destroços, os investigadores poderiam estar já habilitados a determinar se ela foi ou não convenientemente fechada.

Na manhã de quarta-feira, 6 de Março, todo o pessoal americano que lida com o DC-10 recebeu instruções obrigatórias da Federal Aviation Authority, por telegrama, para proceder a todas as modificações que foram recomendadas durante os últimos dois anos, antes de darem início a quaisquer voos. A F.A.A. ordenou, também, às tripulações de voo que fizessem uma verificação de cinco pontos à porta de carga, antes de cada descolagem, acrescentando nas instruções que, «se for observado qualquer anomalia na pressurização durante o voo, deve fazer-se a imediata depressurização do avião e aterrar no mais próximo aeroporto, capaz de servir».

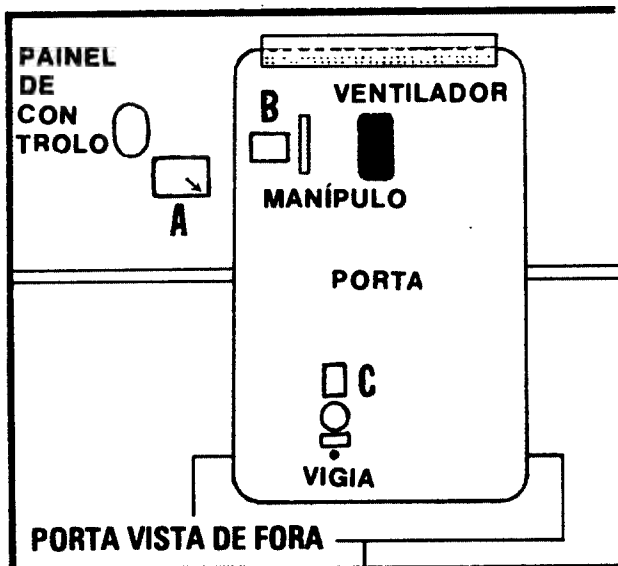
Além disso, o programa de treino da F.A.A. para os pilotos deve ser emendado de forma a que toda a tripulação de voo seja «doutorada» acerca da arte de fechar portas de carga.

A autoridade aérea inglesa, a C.A.A., ainda não emitiu nenhuma directiva, porém, a Laker Airlines — a única companhia britânica que opera com aviões DC-10 — selou as portas de carga traseiras dos seus três aparelhos.

Freddie Laker, o director-gerente da companhia, disse: «As portas estão fechadas e, quanto a mim, elas permanecerão fechadas até que alguém me apresente uma resposta melhor».



Os fragmentos do jacto estavam espalhados em quilómetros de floresta. Porém, foi encontrada uma «caixa negra» de registo de voo, completamente amassada, por um oficial da Força Aérea francesa, que poderá dar qualquer indicação quanto às causas do sinistro.



A: CUIDADO: Verifique se os trincos da fechadura estão engatados.

B: CUIDADO: Não force os manipuladores. Se o manipulador não trabalhar, restaure e eficiência da porta e coloque o interruptor de controlo

da porta na posição «Porta Fechada», durante mais três segundos. Mova o manipulador para a posição «Fechada».

C: Instruções sobre a maneira de abrir a porta manualmente, no caso do sistema eléctrico falhar.

NORMAL: O operador acciona, baixando, o interruptor eléctrico até que os trincos tenham engatado, depois puxa o manipulador para fechar o respiradouro e engata os trincos da fechadura. Supõe-se que, a seguir, verificará através da vigia

AS SUBSTÂNCIAS ESSENCIAIS À ALIMENTAÇÃO

Uma dieta considerada ótima para qualquer indivíduo normal deve ser constituída por AGUA, HIDRATOS DE CARBONO, PROTEÍNAS, GORDURAS, SAIS MINERAIS e VITAMINAS, em quantidades adequadas.

A AGUA é, depois do oxigênio, a substância mais essencial à vida. A sua privação, durante um período de poucos dias, é suficiente para causar a morte da maioria dos seres animados.

O Homem, à semelhança dos outros animais, possui meios próprios de regulação dos líquidos no seu interior e a quantidade total daqueles não pode ser inferior a um determinado limite mínimo, sem prejuízo grave das funções vitais. Por outras palavras, nos organismos saudáveis existem dois espaços aquosos, sempre em equilíbrio: um permanece constante e assegura o peso e as funções normais de todos os dias, o outro, é eliminado diariamente com as substâncias desnecessárias e por consequência tem de ser substituído nas mesmas proporções.

O volume de AGUA característico dos tecidos do corpo humano é mantido constante pela função de vários órgãos, entre eles o Sistema Nervoso Central. Assim, normalmente a AGUA constitui 70 a 75 por cento do peso total de um lactente (bebê), 60 a 65 por cento do peso de um adulto e 50 a 55 por cento do peso total de um ancião.

A quantidade de AGUA ingerida durante o período de 24 horas, destina-se a corrigir as perdas diárias eliminadas pelos rins, pulmões, pele e tubo digestivo e varia com a idade, o peso e o estado de funcionamento ou actividade do organismo. Em situação normal, um recém-nascido consome cerca de 300 cc, um bebê de 3 meses aproximadamente 800 cc, uma criança de 3 anos 1.500 cc e um adulto médio quase 3 litros diários. A quantidade total de AGUA ingerida é igual ao volume dos líquidos mais a percentagem destes, nos diferentes alimentos sólidos.

Os HIDRATOS DE CARBONO, as PROTEÍNAS e as GORDURAS são as chamadas substâncias alimentares calóricas ou energéticas porque da sua desintegração resulta libertação de energia que o organismo aproveita para vários fins.

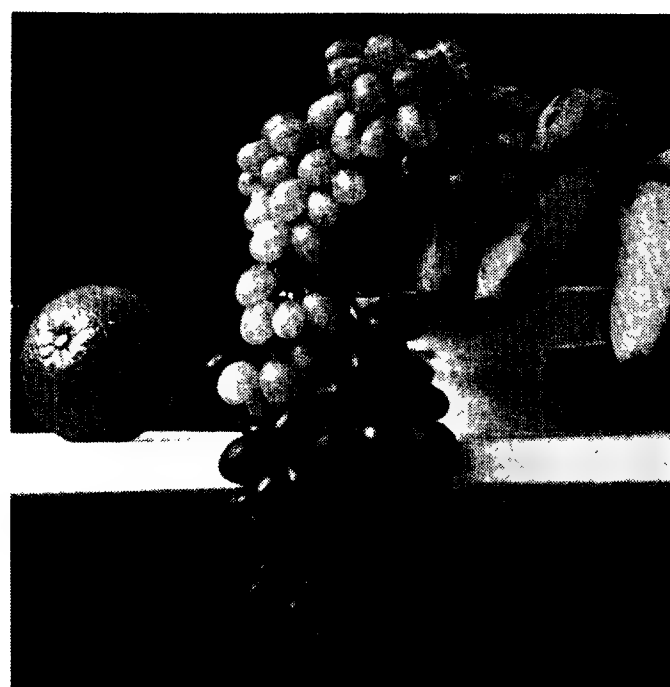
Uma dieta normal e equilibrada é constituída por 50 a 70 por cento de HIDRATOS DE CARBONO (amidos ou açúcares), 10 a 15 por cento de PROTEÍNAS (carne, peixe, feijão, soja, etc) e 20 a 30 por cento de GORDURAS (azeites, óleos, gordura animal).

Os HIDRATOS DE CARBONO, ingeridos durante as refeições, são modificados pela acção dos fermentos digesti-

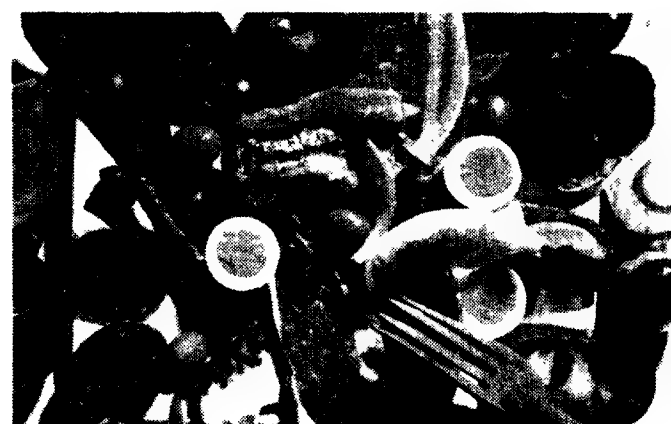
radamente activo de 70 quilos de peso, considera-se como adequado o valor de 450 gramas de HIDRATOS DE CARBONO, por dia. Uma criança de 3 anos, com cerca de 14 quilos, fazendo exercício físico próprio da sua idade, necessita, aproximadamente, 220 gramas diários.

As PROTEÍNAS são substâncias ricas em azoto que constituem a parte sólida do corpo humano, onde representam 20 por cento do peso total. São os componentes básicos de todo o protoplasma celular e também a única fonte dos Blocos de construção, necessários à síntese das estruturas dos organismos. Entram em larga percentagem na composição dos fluidos de todos os animais e é principalmente delas que depende as diferenças entre as espécies. Combinam-se frequentemente com os Hidratos de Carbono e as Gorduras imprimindo-lhes a sua individualidade. Por todos estes motivos ocupam uma posição especial, da maior importância, em todos os materiais biológicos.

Os fermentos gástricos, pancreáticos e intestinais transformam as PROTEÍNAS ingeridas, em diversos subprodutos dos



lação e alcançam o seu destino: ou entram em ciclos metabólicos para libertação de energia, ou ficam armazenados ou são agrupados. Neste caso, tal como tijolos ou areia adquiridos por uma firma construtora de modelos únicos, o organismo que os assimilou, obedecendo a uma mensagem secreta que lhe é ditada pelos cromossomas, reúne-os segundo uma orientação especial e sintetiza assim as suas próprias proteínas, completamente distintas daquelas que recebeu



quais os mais simplificados são os aminoácidos. Se compararmos as PROTEÍNAS da carne, do peixe, ou do feijão a edifícios terminados, podemos em analogia considerar os aminoácidos como os tijolos, a areia e o cimento dessas construções. Assim, as PROTEÍNAS intactas de uma determinada espécie animal ou vegetal, ao atravessarem o tubo digestivo do animal que as usa como alimento, são desmembradas, até perderem as características que possuíam e ficam reduzidas a elementos simplificados os aminoácidos comuns a toda a matéria viva. Esses aminoácidos atravessam então a mucosa intestinal, passam à circu-

como alimento.

Os mais importantes produtos naturais, ricos em PROTEÍNAS são, o leite, os ovos, a carne, o peixe, o queijo, a soja, o feijão, as ervilhas, os cereais, as nozes, as lentilhas, etc.

Um adulto de 70 kg. de peso, necessita um mínimo de 70 a 80 gr de PROTEÍNAS por dia e uma criança de 3 anos, com 14 kg e em crescimento activo requiere, no mesmo período de tempo, 40 a 45 gr.

As GORDURAS são alimentos altamente calóricos, mas, ao contrário do que acontece com os HIDRATOS DE CARBONO, não podem ser considerados como fontes económicas de energia. Com efeito, o uso e

abuso das GORDURAS tem sido sempre prerrogativa das sociedades prósperas. A irónica predominância de casos de arteriosclerose e outras doenças, nas civilizações ocidentais, deu origem à teoria de que as GORDURAS SATURADAS, provenientes dos produtos animais, podem ser a chave da incidência elevada daquelas afecções. Nas Américas Central e do Sul, certas tribos de índios que se alimentam quase exclusivamente de milho e muito pouca gordura, vivem longos anos, sem doenças. Existe hoje uma tendência geral para crer na necessidade de adoptar dietas satisfatórias em ácidos gordos essenciais (não saturados) mas pobres em gorduras saturadas.

Esquemáticamente, pode dizer-se que as GORDURAS ingeridas são também desintegradas pela acção de fermentos provenientes do pâncreas e do tubo digestivo, na presença da bilis. Dessa transformação resultam produtos mais simples, os ácidos gordos e o colesterol, que uma vez na circulação, podem ser, ou armazenados, ou aproveitados para síntese de várias substâncias ou em casos especiais, queimados para libertação de energia.

Exagerada ingestão de GORDURAS ou falta de enzimas adequadas, pode levar à sua deficiente transformação no intestino e condicionar indesejáveis depósitos em vários órgãos.

Os alimentos mais indicados como fontes de ácidos gordos essenciais (não saturados) são os óleos vegetais como o de amendoim, de girassol, de milho, etc.

Um adulto de 70 kg de peso deve ingerir diariamente 60 a 70 gr de GORDURA rica em ácidos gordos essenciais (linoleico, linolénico e araquidónico) e uma criança de 3 anos,

normal e activa necessita de 40 a 50 gr.

As SUBSTÂNCIAS MINERAIS são indispensáveis à saúde. Do COBRE, FERRO, IODO E CÁLCIO, há muito que se conhecem não só as quantidades de que o organismo humano necessita diariamente mas também os sintomas resultantes da sua carência e do seu excesso. Outros minerais como o MANGANÉSIO, o MANGANÉS, o COBALTO, o BROMO, o ZINCO, etc., são importantes em pequena quantidade e qualquer dieta normal satisfaz as exigências do organismo. O SÓDIO e o POTÁSSIO encontram-se tão largamente distribuídos na Natureza que chega a ser difícil a preparação de dietas isentas desses elementos.

As VITAMINAS foram descobertas quando se verificou que as dietas adequadas em Hidratos de Carbono, Proteínas, Gorduras e Sais Minerais não evitavam certos estados graves de carência. Dá-se hoje a designação de VITAMINA a toda a substância orgânica, necessária à vida, à saúde e ao crescimento, que exerce a sua função sem fornecimento de energia.

As VITAMINAS conhecidas são:

Vitamina A: Exclusiva do reino animal, na sua forma activa. Encontra-se no leite, na gordura e no fígado.

Complexo B: Grupo heterogéneo de que fazem parte a Vitamina B1 ou Tiamina, a B2 ou Riboflavina, o «Acido Nicotínico», a B6 ou Piridoxina, o Acido Pantoténico, o Acido Lipoico, a Biotina, o Acido Fólico, o Inositol, o Acido Para-Aminobenzoico e a Vitamina B12. Encontram-se em muitos alimentos que constituem os regimes dietéticos normais e algumas são produtos do metabolismo das bactérias intestinais.

Vitamina C: Acido ascórbico — presente nos vegetais e frutos frescos, principalmente cítricos. É sintetizada por todos os animais excepto o Homem, outros primates e a cobaia.

Vitamina D: Grupo de substâncias com acção antirraquítica. O Homem e outros mamíferos sintetizam, no seu organismo, a Provitamina D que depois, sob a acção dos Raios Ultravioletas, se transformam em Vitamina D.

Vitamina E: Antioxidante. Encontra-se no leite, ovos, carnes, peixe, cereais e folhas verdes dos legumes. O seu papel, como protectora contra o envelhecimento foi sugerido, mas não está demonstrado.

Vitamina K: Anti-hemorrágica — presente nas folhas verdes das plantas e nos produtos do metabolismo das bactérias. Escassa no recém-nascido.

Nem as crianças, nem os adultos devem tomar vitaminas em quantidades exageradas. É indispensável ler as instruções das embalagens e não exceder o volume da suspensão ou o número de comprimidos recomendados pelo médico.

Não devem dar-se a crianças com menos de 7 anos, compostos vitaminados, próprios para pessoas adultas.

Tanto a VITAMINA A, como a VITAMINA D, em doses exageradas, determinam efeitos secundários graves. A VITAMINA C, em excesso, pode ser causa da formação de cálculos renais, em indivíduos com determinadas condições metabólicas.

O quadro seguinte apresenta as doses diárias das vitaminas mais correntemente usadas, em relação com as idades, de acordo com as recomendações feitas pela National Academy of Sciences — National Research Council, dos Estados Unidos da América do Norte.

	Peso em Kgs	Vitamina A Unidades Internacionais	Vitamina B1 mg	Vitamina B2 mg	Acido Nicotínico mg	Vitamina B6 Piridoxina mg	Vitamina C Acido ascórbico mg	Vitamina D Unidades Internacionais
Homens	70	5000	1,2	1,7	19	1-2	70	-
Mulheres	58	5000	0,8	1,3	14	1-2	70	-
Mulher grávida na período de amamentação		+1000 -3000	+0,2 -0,4	+0,3 -0,6	7	-	+40 -40	400 400
Lactentes	8-10	1500	0,4	0,6	6	0,3	30	400
2, 3 e 4 Infância	10-14 14-18 18-24	2000 2500 2500	0,5 0,6 0,8	0,8 1,0 1,3	9 11 14	0,3 0,3 0,3	40 50 60	400 400 400
Rapazes	33-40 45-50 50-60	4500 5000 5000	1 1,2 1,4	1,4 1,8 2,0	19 20 22	1-2 1-2 1-2	70 80 80	400 400 400
Raparigas	33-40 40-48 48-53	4500 5000 5000	0,9 1 0,9	1,3 1,5 1,3	15 17 15	1-2 1-2 1-2	80 80 70	400 400 400

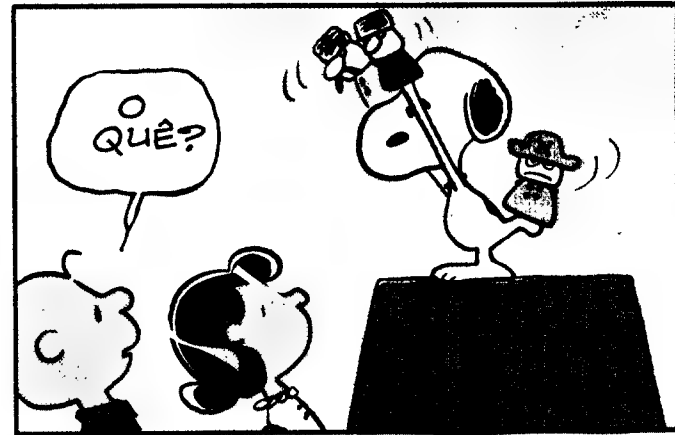
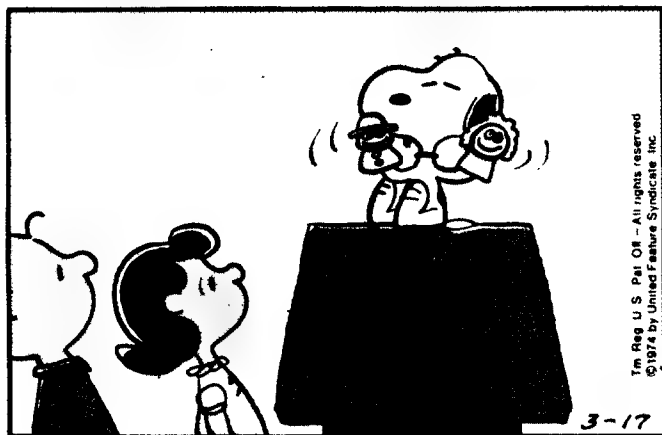
PEANUTS

apresentam

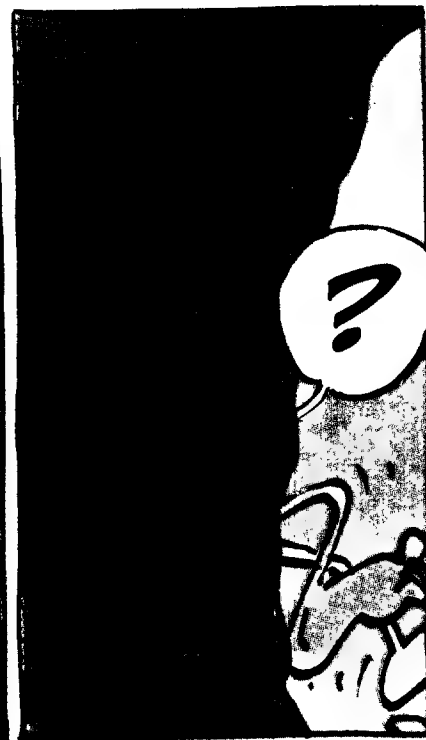
"O velho amigo Charlie Brown"

Por SCHULZ

PRÓXIMO
ESPECTÁCULO
13 HORAS



os Kolans



INSUBORDINAÇÃO ABORTADA

Marchou sobre Lisboa uma companhia do Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha

Ontem de manhã começou a constar em Lisboa que oficiais do Exército estavam a ser chamados para os diferentes quartéis da cidade e da região a fim de tomarem parte numa operação tendente a impedir o acesso à capital de uma companhia autotransportada procedente das Caldas da Rainha.

Essa companhia, segundo informação que fomos obtendo minuto a minuto, viera para a rua motivada pela insubordinação de alguns oficiais do Regimento de Infantaria 5, aquartelado naquela cidade. Apoiados por outros oficiais que se tinham introduzido no RI5, os insubordinados prenderam o comandante, o segundo comandante e três maiores do mencionado Regimento e fizeram-se à rua com tropas. O destino como se pode ver pela nota oficiosa que também inserimos nesta edição era efectivamente Lisboa.

Enquanto se procedia à chamada dos oficiais, o País entrava em prevenção rigorosa, Lisboa tornou-se numa cidade controlada e na auto-estrada do Norte, entre as sete e as nove da manhã, não foi permitida a passagem a qualquer automóvel.

Ao ver-se interceptada, a companhia autotransportada resolveu retroceder para as Caldas da Rainha. A interceptação foi efectuada por forças de Artilharia 1, de Cavalaria 7 e da GNR. Uma vez a coluna dentro do quartel, logo este foi cercado por unidades da região militar de Tomar. Pode dizer-se que foi o fim da insubordinação.

As mais desencontradas informações chegavam, entretanto, a Lis-

boa: as ruas de Vila Franca de Xira estavam a ser patrulhadas por marinhos; tropas de Chaves e de Penafiel iam a caminho do Porto; outras de Beja dirigiam-se, por sua vez, para Lisboa, etc.

Outra informação: tropa armada em Rio Maior (na estrada Lisboa-Porto), sendo todos os veículos revistados. Perguntas dos automobilistas, espanto, enigma... Os oficiais insubordinados, foram transportados para uma unidade militar.

Recorde-se dois anteriores movimentos militares que também alertaram o País: o da Mealhada (uma coluna que saiu do Porto e é detida naquela localidade por tropas vindas de Coimbra) e o de Beja, ocorrido em 31 de Dezembro de 1961.



Para interceptar a marcha da coluna vinda das Caldas foram imediatamente colocadas à entrada de Lisboa, forças de Artilharia 1, de Cavalaria 7 e da GNR.

INFORMAÇÃO OFICIAL

Da Secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos o seguinte comunicado:

«Na madrugada de sexta-feira para sábado, alguns oficiais em serviço no Regimento de Infantaria 5, aquartelado nas Caldas da Rainha, capitaneados por outros que nele se introduziram, insubordinaram-se, prendendo o comandante, o segundo comandante e três maiores e fazendo em seguida sair uma companhia autotransportada que tomou a direcção de Lisboa.

«O Governo tinha já conhecimento de que se preparava um movimento de características e finalidades mal definidas, e fácil foi verificar que as tentativas realizadas por alguns elementos para sublevar outras unidades não tinham tido êxito.

«Para interceptar a marcha da coluna vinda das Caldas foram imediatamente colocadas à entrada de Lisboa forças de Artilharia 1, de Cavalaria 7 e da G.N.R.

«Ao chegar perto do local onde estas forças estavam dispostas e verificando que na cidade não tinham qualquer apoio, a coluna rebelde inverteu a marcha e regressou ao quartel das Caldas da Rainha que foi imediatamente cercado por unidades da região militar de Tomar.

«Após terem recebido a intimação para se entregarem, os oficiais insubordinados renderam-se sem resistência, tendo imediatamente o quartel sido ocupado pelas forças fiéis, e restabelecendo-se logo o comando legítimo.

«Reina a ordem em todo o País.»

Soviéticos na reabertura do Canal do Suez

CAIRO, 17 (UPI-ANI) — Círculos governamentais informaram que o chefe da manutenção do Canal do Suez, Maxur Amhed Maxur, conferenciou com uma equipa de onze peritos soviéticos para discutir as bases da assistência soviética na limpeza e reabertura do Canal.

De manhã, Maxur encontrou-se separadamente com o embaixador norte-americano Herman Eilts e com o seu homólogo da Alemanha Ocidental, Hans Georg Stelzer, para discutir a assistência que os dois países poderiam dar para o mesmo problema.

O canal está fechado desde 1967, quando da Guerra Israelo-Arabe, e reabrirá dentro dos próximos seis meses.

LEVANTAMENTO DO EMBARGO AOS ESTADOS UNIDOS

VIENA, 17 (R-UI/ANI) — A Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OAPEC), que reúne hoje em Viena, deve levantar o embargo contra os Estados Unidos, apesar da oposição da Síria, cujas tropas continuam a lutar com as forças israelitas nos Montes Golan.

O influente jornal do Cairo «Al Ahram» escrevia ontem que o embargo será provavelmente levantado por um período experimental de dois meses. O levantamento manter-se-á ou não em função das acções de paz norte-americanas em relação ao Médio Oriente.

Yamani, o ministro do Petróleo da Arábia Saudita, declarou aos jornalistas que os ministros árabes do Petróleo se encontraram separadamente para decidirem as condições em que aceitariam levantar o embargo aos Estados Unidos.

«O embargo será levantado», afirmou Yamani.

Os produtores árabes, segundo as mesmas indicações, mostram-se relutantes em levantar a boicotagem imposta à Holanda durante a guerra de Outubro.

Em Novembro e Dezembro os estados petrolíferos árabes, com excepção do Iraque, reduziram a sua produção entre 25 a 30 por cento, como uma alavanca política no conflito com Israel. Em Janeiro, a redução foi afrouxada para 15 por cento.

Por outro lado, a produção venezuelana de petróleo sofreu uma redução de 33 497 barris diários (10,2 por cento) até ao passado dia 13, em relação ao mesmo período de 1973, informou o Ministério de Minas da Venezuela.

Os preços do petróleo não baixarão

Os ministros do petróleo dos principais países exportadores do mundo afastaram as esperanças de que os actuais níveis de preços possam vir a ser reduzidos.

Depois da primeira sessão na sede em Viena da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEC), o ministro da Arábia Saudita, Sheikh Ahmed Zaki Yamani, declarou jovialmente «somos a favor de níveis elevados de preços».

Quando se iniciou a reunião, o Sheikh Yamani disse que iria pedir à conferência para considerar a redução dos preços no período de três meses que se iniciará em 1 de Abril.

Informadores da OPEC disseram que a Arábia Saudita, o maior exportador mundial de petróleo, pretendia que o preço descesse de 11,65 dólares para dez dólares por barril, a partir do dia 1 de Abril.

A Líbia e a Argélia fazem pressão para um aumento até 14 dólares por barril — afirmaram entidades ligadas à OPEC.

O Sheikh Yamani sugeria uma baixa, embora mínima dos preços, argumentando que o aumento verificado em dez meses foi demasiado súbito.

Abdassalam, o ministro da Argélia, que acompanhou o Sheikh Yamani numa viagem a várias capitais para explicar a

Continua na pag. 2

HOJE
36 PAGINAS

CONVERSÇÕES AMIGÁVEIS ENTRE OS PRESIDENTES MILITARES DA AMÉRICA DO SUL

BRASÍLIA, 17 (UPI-ANI-R.) O novo presidente do Brasil, general Ernesto Geisel, iniciou o seu primeiro dia como presidente, trabalhando numa tentativa de melhor entendimento com os países sul-americanos. Recebeu os presidentes da Bolívia, Chile e Uruguai.

Os líderes dos quatro países sul-americanos traçaram projectos de íntima cooperação económica.

No fim do encontro com o presidente do Chile, no qual participaram os chanceleres Ismael Huerta e António de Azevedo da Silveira, o general Pinochet afirmou:

«Estou comovido perante as perspectivas de amizade que se reforçam entre os nossos dois países».

O presidente da Junta Militar chilena declarou numa conferência de imprensa em Brasília: «O meu Governo não tenciona formar um grupo anticomunista com outros países do continente».

Referindo-se ao encontro com o general Hugo Banzer, presidente da Bolívia, Pinochet revelou que não foram estabelecidos acordos, mas «existe boa predisposição para assinar acordos no futuro».

O presidente Pinochet, que

não quis utilizar os serviços de um tradutor para português, sublinhou que o seu Governo «não tem interesse em formar eixos anticomunistas».

Em relação à situação interna no Chile o general-presidente, adiantando-se às perguntas da centena de jornalistas brasileiros e estrangeiros, disse que a Junta Militar havia «fixado objectivos, mas nenhum prazo». Entre as opções existentes, escolheu-se, simplesmente, o estabelecimento de metas a atingir no desenvolvimento do país.

Mais adiante, anunciou que «pelo menos oitenta por cento da população chilena está com a Junta», declarando ainda que a situação económica do país «é grave neste momento, mas caminha no sentido da recuperação».

Pinochet afirmou que «o povo está feliz e manifesta o seu apoio, de forma individual, compreendendo que há agora liberdade no Chile».

Um repórter francês perguntou como entendia a liberdade, sem partidos políticos, sem eleições e com censura à imprensa. Pinochet replicou recordando que se havia referido à «liberdade individual e não às liberdades colectivas, as quais foram aproveitadas pelos marxistas para influenciar a massa populacional».

A terminar, o general denunciou a «existência de uma máquina internacional, montada pelos comunistas, para atacar e difamar a realidade chilena».

Divergências entre o Chile e a Bolívia

«Qualquer tentativa de restabelecimento de relações diplomáticas entre a Bolívia e o Chile está condicionada ao acesso da Bolívia ao mar», afirmou, em Brasília, o general Hugo Banzer, chefe do Governo de La Paz, ao referir-se aos seus encontros com o presidente da Junta Militar chilena, general Augusto Pinochet.

Ambos vieram a Brasília assistir às cerimónias da transmissão do mandato presidencial do general Ernesto Geisel.

Hoje, no palácio do Planalto, sede do Governo, os dois militares entrevistaram-se em separado, com o novo presidente brasileiro.

Numa entrevista com a imprensa, no Palácio Presidencial, o general Banzer acrescentou que «as conversações com o Chile prosseguirão, com vista a uma próxima solução». Em relação ao papel do Brasil nestes encontros, o presidente boliviano disse simplesmente: «Foi o medianoiro».

Pontos de acordo entre o Peru e o Brasil

«O Peru tem opiniões similares às do Brasil, principalmente nos temas que dizem respeito à segurança económica colectiva e ao limite de 200 milhas para as águas territoriais», afirmou em Brasília o general Roland Gilardi, ministro peruano da Aeronáutica, que representou o seu país na cerimónia da tomada de posse do presidente do Brasil.

O ministro peruano acrescentou que o seu país tem uma filosofia pacifista, pelo que apoia a redução dos gastos com armamento. E declarou também que as relações entre o Peru e os Estados Unidos são normais, sobretudo depois do acordo pelo qual o Peru pagará uma indemnização às empresas norte-americanas no montante de 76 milhões de dólares.

Em relação a Cuba, Gilardi afirmou que o Governo do seu país deseja que Havana entre de novo para o sistema interamericano, assunto que será proposto oficialmente na próxima assembleia geral da OEA, nos Estados Unidos.

Rui Patrício no Rio de Janeiro

Os três dirigentes sul-americanos partiram já para o Rio de Janeiro, onde deverão permanecer três dias em visita não oficial. A sr.^a Pat Nixon, esposa do presidente Nixon e representante dos Estados Unidos na cerimónia de posse do general Geisel, regressou ontem ao seu país.

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Uruguai também já regressou ao seu país. O dr. Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, partiu para o Rio de Janeiro, onde permanecerá até ao dia vinte.

UMA ATERRAGEM DE EMERGÊNCIA SALVOU UM AVIÃO TURCO

ISTAMBUL (Turquia), 17 (UPI-ANI) — Um avião DC-10 das linhas aéreas turcas, com 329 pessoas a bordo, perdeu um dos motores quando levantara voo com destino à Alemanha Federal, mas teve a possibilidade de realizar, cinco minutos depois, uma aterragem de emergência sem incidentes — informou o Aeroporto Yesilkoy, em Istambul.

Há três semanas, despenhou-se, perto de Paris, outro avião das linhas aéreas turcas, morrendo as 346 pessoas que se encontravam a bordo.

Diz-se em círculos afectos à aviação que é o terceiro acidente dos DC-10 das linhas aéreas turcas, desde a tragédia de Paris.

Dois dias depois do mais grave desastre aéreo do Mundo, um DC-10 perdeu um motor ao levantar voo de Heathrow, em Londres, mas aterrou sem incidentes.

Em círculos autorizados afirma-se que os pilotos da companhia censuram os maus serviços de manutenção dos aviões.

LEVANTADO O EMBARGO AOS ESTADOS UNIDOS

Continuação da pág. 1

posição da OPEC depois do primeiro aumento substancial dos preços das ramas — mostrou-se sempre firmemente adversário de qualquer redução.

Em Dezembro do ano passado os doze países membros da OPEC aumentaram os preços das ramas 130 por cento, depois de um aumento de 75 por cento em Outubro.

Mas em Janeiro anunciaram um congelamento de preços até ao dia 1 de Abril.

O ministro das Finanças do Irão, Jamshid Amouzegar, afirmou que se nessa altura as nações industrializadas do ocidente não tivessem conseguido restringir a inflação e os lucros das companhias petrolíferas, os exportadores subiram de novo os preços.

Informadores da OPEC declararam que essas condições não tinham sido satisfeitas.

O levantamento do embargo contra os Estados Unidos, bem como o regresso a um nível de produção normal, terão certamente um impacto gigantes-

co nos preços mundiais do petróleo.

Os doze ministros debateram um relatório, elaborado pelo secretário da OPEC, sobre a inflação. O valor dos lucros em dólares foram depreciados pelo aumento do preço dos artigos comprados no ocidente.

Os ministros do Petróleo concordaram que a inflação anda, provavelmente, à volta de 12 por cento por ano nos países industrializados. A este nível de inflação somaram mais três por cento os preços das importações pelos países da OPEC desde a última reunião há três meses — segundo disse o ministro do Petróleo iraniano aos jornalistas. O ministro iraniano disse que foram também debatidos níveis de produção em relação com os preços.

Como argumento em favor dos altos preços do petróleo, a Comissão Económica da OPEC fez notar que as grandes companhias petrolíferas continuam a realizar tremendos lucros em cada barril de petróleo que compram.

CENTO E CINQUENTA EMPREGADOS...

SAINT NAZAIRE, 17 — (F.P.) — Cento e cinquenta empregados da «semm-Caravanes», filial do grupo «Trigano», que estão a ocupar a sua fábrica há mais de duas semanas, depois da colocação da primeira pedra de uma fábrica americana na região de Saint-Nazaire,

invadiram o local, arrearam uma bandeira americana e deitaram abaixo a placa comemorativa.

O grupo «Eaton» propõe-se a construir elementos de transmissão de camiões e deveria empregar em 1976 perto de mil pessoas.

A VENEZUELA DEFENDE A SUBIDA DO PETRÓLEO

CARACAS, 17 — (R.) — O presidente Carlos Andres Perez da Venezuela anunciou hoje a formação imediata de uma comissão para estudar a nacionalização da indústria petrolífera do país. Ao mesmo tempo disse que os preços do petróleo devem continuar a aumentar.

O presidente prometeu a nacionalização da indústria petrolífera 95 por cento da qual pertence a companhias norte-americanas e europeias, durante o seu discurso de posse na passada terça-feira.

De acordo com os contratos actuais, segundo a lei de 1972, essas concessões só reverterão para o Estado venezuelano em 1983.

Mas o presidente disse hoje numa conferência de imprensa: «De modo nenhum podemos continuar até 1983 sem definir a nossa política petrolífera».

O presidente Perez disse que os correntes elevados do petróleo — a Venezuela estabeleceu o preço «posted» das ramas em 14,08 dólares por barril em Janeiro do ano corrente — constituíram um «enorme triunfo» para o mundo em vias de desenvolvimento.

O presidente acrescentou: «pela primeira vez o custo de uma matéria-prima latino-americana atingiu um preço que nós impusemos através da nossa soberania nacional. Os preços do petróleo deverão continuar a aumentar até que os países industrializados compreendam as justas exigências da América Latina, da Ásia e da África e concordem com um equilíbrio económico».

A França e a Itália opõem-se à renegociação do acordo da Grã-Bretanha com a CEE

BÁRI, (Itália), 17 A Grã-Bretanha não poderá renegociar a sua adesão à Comunidade Económica Europeia. Foi o que declararam os ministros dos Negócios Estrangeiros da França, e da Itália, Michel Jobert e Aldo Moro, ao terminarem o seu encontro na cidade de Bari, no Sudoeste de Itália.

Tratado traçado para alcançar a unidade europeia, mostrando-se optimistas quanto ao futuro.

OS ESPANHÓIS FAVORÁVEIS

BARCELONA, 17 — (F.P.) — 61 por cento dos espanhóis são favoráveis à entrada do seu país para o Mercado Comum. E isto o que indica uma sondagem realizada em Fevereiro e publicada no «Diário de Barcelona».

Dez por cento das pessoas consultadas opuseram-se e 29 por cento não formularam qualquer juízo. Quanto às consequências de tal adesão, 57 por cento das pessoas interrogadas julgam que serão benéficas.

Moro e Jobert fizeram votos para que se mantenha o cami-

NAUTICAMPO

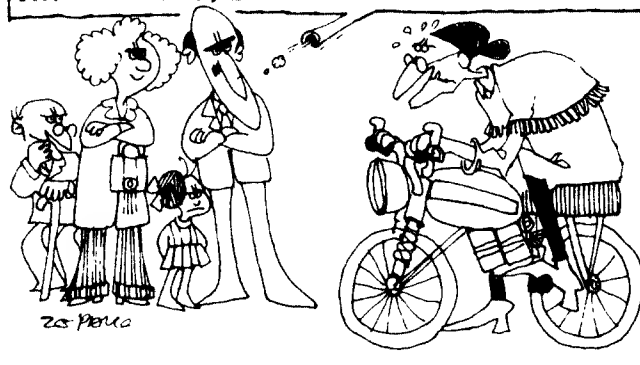
8/17 MARÇO NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HOJE: DAS 15 ÀS 23 H.



HISTÓRIA DOS TEMPOS LIVRES 7

VIEMOS AQUI À NAUTICAMPO SÓ PARA VERMOS O QUE A SENHORA, QUE SE ANDA SEMPRE A RIR DE NÓS, É CAPAZ DE FAZER!



Rui Patrício atacou as «superpotências»

BRASÍLIA, 17 (R) — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Rui Patrício, atacou a forma como as «superpotências» fazem os seus próprios regulamentos e disse ter esperanças de que a razão venha a prevalecer em África.

O dr. Rui Patrício, que se deslocou ao Brasil para assistir à posse do novo presidente, general Ernesto Geisel, acusou as «superpotências» de tentarem manter o «status quo», enquanto fazem os seus próprios regulamentos no Hemisfério Norte, regras que não podem ser válidas para o Hemisfério Sul.

O dr. Rui Patrício disse a jornalistas que o Brasil tinha uma brilhante oportunidade para ser o grande árbitro do equilíbrio do poder no Hemisfério Sul se mantivesse as suas ideias fundamentais.

O ministro dos Estrangeiros português frisou que o seu país não permitirá que outras nações «empurrem Portugal para uma solução» e disse que qualquer interferência de outros países seria uma «medida negativa».

O ministro português negou a presença de tropas rodésias em Moçambique, declarando: «Portugal defende sozinho os seus interesses pessoais».

O dr. Rui Patrício disse ainda: «Acreditamos que a razão venha a prevalecer — tanto mais que o tempo está a nosso favor».

Violência no Ulster

Dois soldados ingleses mortos

BELFAST, 17 (R) — Guerrilheiros mataram dois soldados ingleses e feriram gravemente

outro militar britânico numa emboscada realizada perto da fronteira com a república do Eire.

Os soldados andavam em patrulha perto da aldeia de Crossmaglen — um bastião dos provisórios do Exército Republicano Irlandês (IRA) e cenário de vários ataques dos guerrilheiros.

As mortes elevam para 210 o número de soldados ingleses mortos nos últimos cinco anos de violência e sangue na Irlanda do Norte.

A emboscada seguiu-se a um aviso feito pelos provisórios do IRA de que iriam iniciar uma nova ofensiva contra as tropas britânicas.

A província da Irlanda do Norte emergiu da sua pior noite de violência em vários meses com quatro pessoas mortas e dezenas feridas num novo surto de atentados bombistas e tiroteios.

Entretanto, os serviços na principal via férrea Belfast-Dublin, foram reatados depois de peritos do Exército terem inspecionado dois comboios assaltados por homens armados, na sexta-feira à noite, e que se julgava que pudessem conter armadilhas com materiais explosivos.

Como esses materiais não foram encontrados, a circulação dos comboios passou a realizar-se normalmente.

A VOTAÇÃO NOS COMUNS DO DISCURSO DO TRONO

LONDRES, 17 (F.P.) — Trava-se uma grande batalha política na Grã-Bretanha na véspera da votação do discurso do trono nos Comuns.

Replicando ao discurso do primeiro-ministro Harold Wilson, que deu a entender que serão inevitáveis eleições gerais se a emenda dos conservadores ao discurso do trono for aprovada com o apoio dos liberais, os «Tories» afirmam que a rainha Isabel não terá constitucionalmente obrigação de dissolver o Parlamento. Mas pode chamar outra vez Edward Heath ou outro político, encarregando-o de formar um governo de união nacional. O ministro dos Estrangeiros, James Callaghan, que alguns «Tories» veriam com bons olhos como primeiro-ministro numa «grande coligação», recusou já esta hipótese. Assim, declarou um «Blackpool»: «Se alguém julga que qualquer líder nacional pode dar um passo em frente e chefiar uma maioria de todas as vozes no Parlamento actual, vou desenganá-lo imediatamente. O Partido Trabalhista não quer outra pessoa senão Harold Wilson».

Dentro do próprio Partido Conservador, Heath enfrenta certos deputados da extrema direita que não estão dispostos a aprovar uma política de fiscalização dos rendimentos e dos preços que sempre recusaram. Outros estão preocupados com o facto do líder da Oposição abandonar uma atitude construtiva para atirar o Governo Trabalhista abaixo.

Enfim, não seria espantoso que aparecessem abstenções nas bancadas conservadoras, quando for a votação. A abertura da crise ficaria assim para a altura da votação do orçamento, na última semana de Março.

A Europa reage ao discurso de Nixon

LONDRES, 17 (R) — Começaram a surgir na Europa as inevitáveis reacções contra a atitude de Nixon.

Círculos diplomáticos em Bruxelas queixam-se de que se trata de uma linguagem que o presidente nunca deveria ter usado contra aliados.

Um influente jornal italiano argumenta que foram palavras nunca ouvidas a um chefe da Casa Branca desde a Segunda Guerra Mundial.

Sabe-se que os nove membros do mercado comum — França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Itália, Irlanda, Dinamarca, e países do Benelux — estão em comunicação directa a respeito da situação.

Certos informadores dizem que um chefe de Governo europeu deverá responder publicamente a Nixon dentro de poucos dias.

O jornal parisiense «Le Monde» independentemente dizia que se desencadeou numa confrontação directa com os Estados Unidos respeitante à cooperação e segurança e em relação às relações económicas e políticas.

O jornal concedia que a Europa está a «atravessar um excesso de fraqueza», mas acrescentava: «O tom empregue pelo sr. Nixon, mais ameaçador do que nunca, sugere que o chefe do executivo americano nem sequer se consegue dominar a si próprio, asoberbado como está por problemas internos».

Certos círculos em Bruxelas sugeriram também que os escândalos do caso Watergate devem ter tido qualquer coisa a ver com o casado ataque do presidente, absolutamente despropositado.

Quanto a comentários oficiais dos Governos Europeus não surgiram.

Entidades inglesas pensam que sejam quais forem os erros e justificações da querela atlântica, a linguagem usada pelo presidente Nixon foi sem dúvida exagerada.

A agência noticiosa «Tass», da União Soviética, anunciou a decisão tomada pelo presidente Nixon de não realizar a sua projectada viagem à Europa, afirmando ser o prelúdio normal do seu comentário autoritário feito em Chicago.

Em Bona, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo federal, Walter Scheel, actual presidente do Mercado Comum europeu, disse que não considerava o discurso proferido por Nixon em Chicago como um ataque directo ao Mercado Comum europeu sendo antes uma nova declaração a respeito dos problemas já existentes.

Em entrevista gravada para a televisão, Scheel disse que recentemente sugeriu ao Mer-

de em questões políticas, sobretudo porque compartilhamos com os Estados Unidos os superiores interesses da segurança e da defesa, duas coisas que devem estar sincronizadas.

Em França a atitude do presidente Nixon é considerada como um dos mais directos desafios lançados pela América contra a política francesa e a independência europeia.

Após ter levantado barreiras ao projecto americano para a instituição de uma nova Carta do Atlântico, a França torpedeou virtualmente a conferência energética de Washington no mês passado e conseguiu que os seus parceiros na CEE fizessem uma abertura aos produtores petrolíferos árabes, excluindo os Estados Unidos das consultas.

Todavia, embora os france-

ses se mostrem conscientes do seu papel central na querela Estados Unidos-Europa Ocidental, a verdade é que não esperavam a severidade do aviso feito por Nixon em Chicago.

Entidades governamentais mostram-se cautelosas em reagir com prontidão, devido aos melindres envolvidos na querela.

Seja como for, a França não pode agora recuar na sua posição perante os Estados Unidos, curvar-se às acusações e ameaças do presidente Nixon significaria, aos olhos dos franceses, um virtual colapso nos esforços para uma Europa independente. As perspectivas de uma entrega aos Estados Unidos de todas as iniciativas económicas e políticas seria um verdadeiro anátema para Pompidou.

Companhia das Águas de Lisboa

ADMISSÃO DE PESSOAL
ELECTRICISTAS

REQUISITOS:

- Idade até 35 anos.
- Serviço militar cumprido.
- Carteira profissional das especialidades I, IV ou XII.

PREFERÊNCIAS:

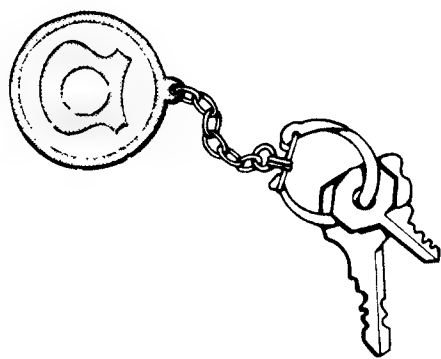
- Uma boa experiência no serviço de postos de transformação e grupos electro-bombas.
- Possibilidade de fixar residência de preferência na região Vila Franca de Xira-Alverca, Lisboa e, também, Azambuja.

OFERECE-SE:

- Entrada imediata.
- Vencimento mensal acrescido de abonos de deslocação e diversos; subsídio de férias e gratificação anual.
- Condições de promoção e estabilidade.

Os interessados deverão dirigir-se pessoalmente ou por escrito, com dados pessoais e profissionais, aos Serviços de Pessoal da Companhia, Avenida da Liberdade, 24, até ao dia 25 de Março 74.

Lisboa, 15 de Março de 1974



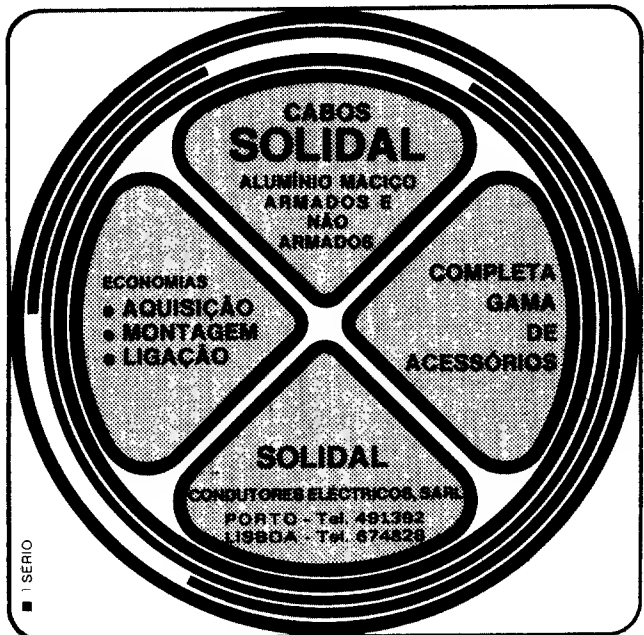
Toda a sua vida não pode depender das chaves do seu carro. Este carro precisa de gasolina. Mas, necessariamente, você não depende deste carro. Existem o telefone... e as Páginas Amarelas para encontrar soluções mais rápidas para os seus problemas importantes.

Nas suas deslocações, nas suas compras, poupe o seu tempo. Poupe gasolina.

Consulte as Páginas Amarelas.

Páginas Amarelas

a consulta que resulta



A PARTIR DE ABRIL

UM INSTITUTO DE ONCOLOGIA NA CIDADE DO PORTO

PORTO «O sonho do saudoso prof. Francisco Gentil, que era dotar o Porto de um serviço do Instituto Português de Oncologia, será concretizado a partir de 15 de Abril próximo, data em que as novas instalações (1ª fase) junto ao hospital de S. João entrarão em funcionamento», disse o director da Faculdade de Medicina do Porto, prof. Alvaro Rodrigues, numa conferência que proferiu ontem no Liceu Nacional António Nobre, integrada num

ciclo de actividades culturais destinadas a alunos daquele estabelecimento de ensino, de colaboração com o Rotary Clube do Porto, Gaia e Matosinhos. Os novos serviços de detenção e tratamento do cancro, que muito ficam a dever a donativos particulares (nomeadamente de João dos Santos Ferreira) ficarão a dispor de duas trombas de cobalto, disse ainda aquele professor catedrático da Universidade do Porto.

Socorrendo-se de gráficos e gravuras com que ilustrou a sua conferência, o prof. Alvaro Rodrigues traçou um panorama da evolução da doença em Portugal e em diversos países, afirmando ser real o aumento da frequência de casos de cancro ao longo dos anos. Nos Estados Unidos da América por exemplo, os números dão-nos um aumento de 118 000 em 1930 para 298 000 em 1970. Em Portugal é igualmente ascendente a curva gráfica nos casos tratados no Instituto de Oncologia em Lisboa. Em Portugal os maiores aumentos verificaram-se no cancro da laringe (15,8 por cento) e do pulmão (11,2 por cento) segundo os dados referentes aos anos que decorreram entre 1945 e 1961. Neste período o aumento da frequência do cancro no seio e na pele não foram além de 1,5 e 2,2 por cento. Aquele professor salientou, a propósito, a influência exercida nas estatísticas pela melhoria dos meios de diagnóstico, mas, afirmou ainda, de qualquer modo tem de concluir-se que a civilização propicia o aumento do cancro. Referiu então o facto de a alimentação natural do homem antigo ser mais saudável e a circunstância de a alimentação actual ser, nesse campo, muito mais perigosa para o homem («os produtores e os comerciantes dos alimentos sabem que as pessoas são mais atraídas pelo aspecto do que pelas qualidades nutritivas»).

é muito maior. A propósito falou ainda da importância das vitaminas e dos múltiplos factores que possibilitam o desenvolvimento daquela doença, mormente em ligação com determinadas profissões, concluindo: «O cancro continua a ser um flagelo universal, mas é hoje uma doença essencialmente curável».

Na segunda parte da sua conferência, o prof. Alvaro Rodrigues abordou o problema do tabaco, que considerou um real agente cancerígeno. Aduziu os argumentos de um e outro lado em estudos feitos na América e noutros países para salientar depois a importância fundamental da profilaxia: o tratamento no início permite a cura na quase totalidade dos casos. Assim, em Portugal as curas iniciadas a tempo no cancro da pele, do seio e do recto dão percentagens de cura de 93,75 e 67 por cento, respectivamente. Além da profilaxia e da necessidade de alargamento dos centros e serviços de oncologia (até aqui, em Portugal, apenas centrados em Lisboa), referiu ainda a importância do diagnóstico precoce: as pessoas, «com medo da doença», vão tarde ao médico e isso agrava extraordinariamente a situação. Finalmente referiu a importância da preparação de pessoal médico, a actualização dos conhecimentos e as reciclagens.

Referida a acção do prof. Francisco Gentil e da Liga Portuguesa do Cancro, o prof. Alvaro Rodrigues comentou dois filmes que foram então projectados sobre o Instituto de Lisboa e o treino do pessoal de enfermagem. Acabou por dizer que os serviços de oncologia de Coimbra vão funcionar em breve e os de Évora já possuem terreno para a sua futura instalação.

O DR. PEDRO PINTO EM CONECTICUT

No prosseguimento da sua visita aos Estados Unidos da América, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Pedro Pinto, chegou ao Estado de Connecticut, onde vi-

vem milhares de luso-americanos.

Foi recebido no aeroporto de Hartford pelo cônsul de Portugal em Connecticut, dr. Adriano Seabra da Veiga.

DIA 19 MARÇO DIA DO PAI
DICA-O COM FLORES E OFEREÇA UM RELÓGIO



CAUNY

Moderno, desportivo, diferente

Cronógrafo
calendário
100% à prova de água

Calendário automático,
100% à prova de água
em aço inoxidável
ou dourado

Calendário automático
em aço inoxidável
ou dourado

100% à prova de água
automático
dia-data

CAUNY

Com a qualidade de sempre
e seus preços tradicionais

O RELÓGIO SUÍÇO MUNDIALMENTE CONHECIDO

FILMES CASTELLO LOPES (30) apresenta

MARCELLO MASTROIANNI - OLIVER REED



FIM DE SEMANA
ILEGÍTIMO

O ÚLTIMO GRANDE FILME DE
DINO RISI

Não perca!



3.ª FEIRA, ESTREIA

ALVARDE

GRUPO D - 18 ANOS

COLORIDO



Importação de produtos alimentares

Pelas estatísticas de que se dispõe nesta altura sobre as importações de produtos para a alimentação, que se reportam ao período de Janeiro a Novembro de 1973, verifica-se que foram adquiridas, nesse espaço de tempo, carnes frescas ou refrigeradas no montante de 605 mil contos, bacalhau no valor de 863 mil contos, batatas valorizadas em 100 mil contos e ainda 391 mil contos de trigo, um milhão e quinhentos e noventa e um mil contos de milho, 387 mil contos de amendoim, 815 mil contos de açúcar e um sem-número de outros artigos de custos variáveis.

Supermercados

Segundo informações tornadas públicas pelo Gabinete de Divulgação Económica, tendem a aumentar acentuadamente as suas áreas de venda, os supermercados ultimamente abertos ao público no País. Pelo final de 1973, já se encontravam em actividade três estabelecimentos desse tipo, com mais de 3 mil metros quadrados de superfície e um ultrapassava sensivelmente os 5 mil metros quadrados.

Vale do Mondego

Desde a Figueira da Foz até ao interior da Beira Alta, o vale do Mondego vai ser uma das regiões do País onde a valorização económica acelerada se evidenciará nos próximos anos. O programa estabelecido para essa área tem marcadas características de utilização múltipla, entre as quais avultam a regularização dos caudais de cheia do Mondego, a produção de energia — designadamente no valioso aproveitamento da Aguieira — o armazenamento de água para fins de rega e abastecimento das populações, a instalação de indústrias transformadoras de produtos agrícolas acrescidos. A área a beneficiar com a defesa hidráulica, rega e enxugo será da ordem dos 15 mil hectares, a que poderão ser agregados mais 17 mil hectares a beneficiar nas zonas vizinhas do vale do Mondego, cujo conjunto é normalmente designado por Cova da Beira.

Indústrias químicas

Uma fábrica destinada à produção de oxigénio e azoto líquidos e argon puríssimo, com apreciáveis capacidades, foi autorizada por despacho oficial.

Indústrias metalúrgicas e metalomecânicas

Luanda vai ter em breve uma nova unidade fabril para a produção de perfilados de aço, com a capacidade de produção anual de 30 mil toneladas.

CÂMARA DE SOLICITADORES DO PORTO

PORTO, 18 — Na sede da Câmara de Solicitadores, no Palácio da Justiça, a direcção que desempenhará o mandato até ao final do ano vai tomar posse no próximo dia 22, pelas 15 horas.

Do novo elenco fazem parte os solicitadores Júlio Dinis Cardoso de Oliveira Santos, Joel Amaro Marques e João Crisóstomo Campos Gonçalves Bastos, respectivamente, presidente, secretário e tesoureiro.

O LEITE MAIS CARO

O aumento do preço do leite no mercado do consumo, em vigor desde o dia 15, sofrerá um novo acréscimo a partir de 1 de Setembro, segundo determina uma portaria do Ministério da Economia publicada na folha oficial. Até lá, os preços máximos em vigor são os seguintes: 4\$90 (1 litro), 2\$60 (1/2 litro) e 1\$60 (1/4 litro), nas leitarias e outros estabelecimentos; ao domicílio os preços são, respectivamente, 5\$20, 2\$80 e 1\$70.

A portaria refere o aumento dos custos de exploração e o

facto de não terem os preços do leite sofrido aumentos, desde 1967.

Os preços, a partir de 1 de Setembro, passarão a ser, nos postos e nos estabelecimentos, de 5\$30, 2\$80 e 1\$70; ao domicílio os preços serão fixados em 5\$60, 3\$00 e 1\$80. O preço máximo do leite pasteurizado vendido em bilhas nos postos abastecedores (4\$40) será de 5\$10.

O copo de leite, açucarado ou não, que agora é vendido, no máximo, por 1\$60 ou 1\$80, passará para 1\$70 e 1\$90.

«PARTICIPAÇÃO E TRABALHO DE GRUPO»

Efectua-se na terça-feira, às 21.45, no Liceu Charles Lepierre, uma sessão de esclarecimento, na qual o eng. Pedro Reis dos Santos, da Associação Nacional para a Formação e Desenvolvimento dos Recursos Humanos, ocupará do tema «Participação e trabalho de grupo».

Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é fácil quando se faz a barba.

E verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo.



Ai é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal — muito mal — e é a pele que sofre as consequências.



É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina. Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento natural muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.

Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.

Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar... e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele. E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.

Finalmente — e é importante — alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte. Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.

Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisível, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.

É por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.



Com williams, quando já não há espuma, a lanolina fica.



SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA

Apresenta num único recital em Portugal o famoso pianista soviético

EMILE GUILLELS TIVOLI

28 DE MARÇO—18.30

Programa MOZART - BRAHMS - LIZT
(Grupo A — 6 anos)

Serviço de entradas para os lugares disponíveis: Rua das Flores, 77, r/c., fr., Tel. 35830 das 17.30 às 19.30 e a partir de 26 do corrente, na bilheteira do Tivoli, das 13 às 20 horas.



Horários e tarifas de passageiros

Os Caminhos de Ferro Portugueses atendem diariamente os seus pedidos de informações das 8 às 24 horas pelo telefone 32 62 26 (4 linhas) Lisboa

CP Caminhos de Ferro Portugueses

Regresso às linhas dominantes dos anos 30 com preferência pelas cores claras

Uma colecção de 60 modelos, no valor global de quatro mil dólares, aproximadamente, foi passada, ontem à noite, no Hotel Sheraton no decorrer de um jantar de gala organizado pelo Núcleo Regional do Sul da Liga Portuguesa Contra o Cancro, em favor desta instituição.

Cada participante neste acontecimento de fins caritativos pagou mil escudos pela entrada com direito a assistir às passagens dos modelos da Casa Nina Ricci, a jantar e a um baile ao som do conjunto de Segundo Galarza.

A reunião foi pretextada para uma conferência de imprensa das entidades que colaboraram, no jantar: a Casa Nina Ricci, os perfumes Jilbert, o Hotel Sheraton e a TAP, que transportou os seis manequins graciosamente e por parte da

qual compareceu o dr. Maia Malta.

Aos jornalistas e à direcção da Liga, que estava presente, a sr.^a Kemoulária, directora daquela casa de costura contou que a fundadora, uma italiana, começou como desenhadora em Monte Carlo, por volta de 1920, profissão que continuaria em Paris em várias casas de alta costura até fundar a sua própria casa de modas em 1932. Actualmente a Casa Nina Ricci é uma das mais importantes do sector, passando regularmente as suas colecções em todo o mundo, de Bagdad ao Texas, como aconteceu ainda recentemente. Tem regularmente duas colecções de 90 modelos em exposição e manequins de várias nacionalidades contratados à época. Em Lisboa, estiveram, ontem, a passar a mini-colecção Nina Ricci, duas inglesas, as holandesas Eunice e Beatrix, e as francesas Dominique e France.

A sr.^a Kemoulária ainda in-

formou os interessados sobre as características específicas das suas colecções Primavera-Verão, que denunciam um regresso às linhas dominantes da moda dos anos trinta com preferência pelas cores claras.

Ao jantar de gala, que constituiu de destaque na vida social lisboeta, estiveram presentes, entre outras individualidades, os embaixadores da França, Suíça e Bélgica, acompanhados de suas esposas; os generais Kaulza de Arriaga e Mira Delgado; D. Natália Tomás; a duquesa de Palmela, presidente da Liga; e D. Maria Elisa Pimenta, secretária da mesma.

Abrilhantou a reunião, emprestando-lhe fundo musical adequado, o pianista Shagundo Galarza. Apresentou os modelos, Maria Leonor.

A assistência, avaliada em cerca de 350 pessoas, interessou-se vivamente por quanto lhe foi dado ver, tendo distinguido alguns modelos com farto aplausos.

IV PLANO DE FOMENTO

«REPARTIÇÃO DE RENDIMENTOS»

PORTO, 17 Por iniciativa da Comissão de Planeamento da Região Norte, e integrada no Ciclo de Encontros para a análise do IV Plano de Fomento, realiza-se amanhã na casa do Infante D. Henrique, às 17 horas, a terceira palestra segui-

da de colóquio sobre «Hepartição de Rendimentos». A exposição inicial e a orientação do colóquio está a cargo do prof. Alfredo António de Sousa, economista e catedrático da Universidade de Nova de Lisboa.

Golfe em Vila Moura

Está a decorrer, em Vilamoura, o 3.º Campeonato dos Profissionais de Golfe, prova à qual concorrem diversos estrangeiros e os melhores valores portugueses da modalidade, que disputam, simultaneamente, o 1.º Campeonato do Algarve.

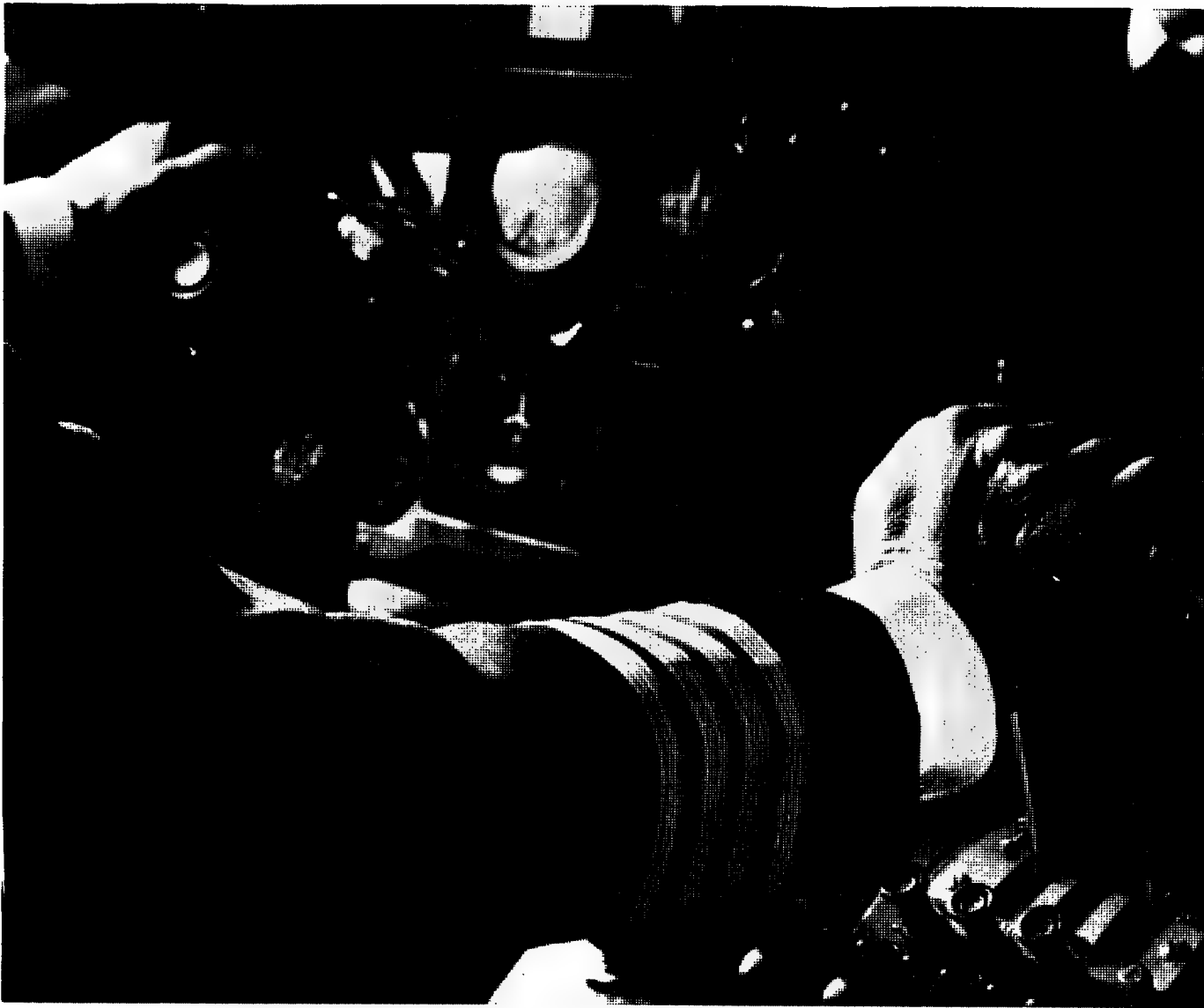
O torneio está a despertar um interesse muito particular, pois pela primeira vez Vilamoura é cenário de uma competição desta categoria: nela estão interessados jogadores que, a nível internacional, já deram bastas provas da sua categoria.



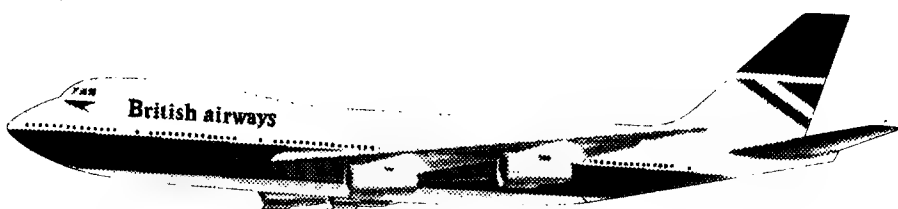
Um dos modelos da colecção Primavera-Verão-74 de Nina Ricci apresentados durante o jantar de gala a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro. Como em muitos outros, o branco é a cor predominante. De realçar, o facto de incluir calças, que ultimamente parecem ter caído um tanto em desuso.



Um aspecto da assistência presente ontem à noite à passagem de modelos, no momento em que um dos cinco manequins estrangeiros especialmente convidados para o efeito apresentava um conjunto de saia e casaco que mereceu farto aplausos



Agora em todo o mundo você está em boas mãos



British airways
BEA E BOAC UNIDAS

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

Agente Oficial:

M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A
Telef.: 560498 - 45019 - 58958
Av. da República, 54
Telef.: 769430
LISBOA

POLÍCIA

Uma semana sem crimes de morte

Nesta semana em que o Senado norte-americano aprovou a reintegração da pena de morte nos Estados Unidos, por singular coincidência, nenhum crime de homicídio ocorreu nesta terra nossa.

Por cá, apenas dezenas de automóveis continuaram a desaparecer em certas avenidas, para reaparecerem nem sempre, dias ou horas mais tarde, naquela rua ou travessa mais além.

Depois foram alguns supermercados, talhos ou armazéns, que receberam as visitas clandestinas de assaltantes mais preocupados com o auto-abastecimento alimentar gratuito do que, propriamente, no furto de artigos ditos supérfluos.

Neste particular, bacalhau,

chouriços, presuntos, frutas e conservas, mereceram especial atenção por parte de gatunos triviais.

E, não raro, os cidadãos lesados gritaram em alvoroço: «Estes malandros mereciam era a forca!» ou «Precisavam era de ser fuzilados».

Como se a morte fosse solução para os males de raiz. Como se no gesto do carrasco estivesse o elixir da «paz social». Como se com o retorno da cadeira eléctrica, agora aprovada pelos circunspectos senadores ianques, as causas que estão na base dos delitos considerados juridicamente «maiores» fossem definitivamente abolidas.

Quando deixará o Homem de andar na rota do caranguejo,

que é como quem diz, de arre-cuos e com a forca (carapuça) na hélice do pensamento?

MANUEL GERALDO

PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS

A Irmandade de Santa Cruz e Passos do Desterro realizou ontem, em honra do Senhor dos Passos, missa seguida de via-sacra. Hoje de manhã houve de novo missa e à tarde, cerca das 16 horas, realiza-se a tradicional procissão.

O BISPO DO PORTO NA FESTA DIOCESANA DA CATEQUESE

PORTO 17 — O bispo da diocese do Porto, D. António Ferreira Gomes, preside hoje, às 16 e 30, na Se Catedral, à Celebração Eucarística durante a qual os catequistas que concluíram os seus cursos em 1973 receberão os respectivos diplomas e a Missão Canónica que, os investe nessa função eclesial, tornando-os de algum modo intérpretes da Igreja junto dos que devem ser catequizados.

Este acontecimento eclesial vem coroar esforços de alguns anos de preparação a diversos níveis, exames e gastos generosamente oferecidos à Igreja.

A par destes novos catequistas, o prelado da diocese entregará cinco diplomas de catequista formadora a outras tantas senhoras que de há anos a esta parte, competentemente orientam cursos e estágios de formação de catequistas na diocese.

A NAUTICAMPO-8 ENCERRA-SE ESTA NOITE

A oitava edição do Nauticampo, certamente internacional de material e actividades náuticas, campismo e caravanismo termina esta noite nas instalações da F.I.L. na Junqueira tendo registado uma vez mais invulgar interesse por parte do público.

Registando as maiores afluências sempre que se refere a espaço ocupado — 200 metros quadrados — o número de expositores — 600 nacionais e 277 estrangeiros — é difícil admitir que a número de visitantes previsto se tenha realizado.

Para além das mais recentes novidades no que se refere a caravanas, barcos desportivos, material de campismo, etc., o Nauticampo-8 ofereceu este ano uma gama vasta de actividades integradas no certame nomeadamente provas de vela no Tejo, demonstrações de aeromodelismo, e ainda um colóquio sobre actividades ao ar livre, além da projecção de dezenas de filmes relacionados com o certame.

E de salientar o desenvolvi-

mento que o Nauticampo tem registado desde que se criou, o primeiro salão especializado independente da Feira Internacional de Lisboa, no primeiro ano o espaço ocupado foi de sete mil m² com 150 expositores, na sua segunda edição, ano transacto, ocupou 100 m² registando a presença de 583 expositores e 86 483 visitantes. Números que põem em relevo a importância deste ano.

Homenagem a Jaime Franco

Hoje, às 21.30 na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, procede-se a uma homenagem a Jaime Franco, presidente da assembleia geral da instituição. Durante o acto, o governador civil de Lisboa entregará ao homenageado as insígnias do oficialato da Ordem de Benemérita com que foi agraciado pelo Presidente da República.



PATXI ANDION

COLISEU dos RECREIOS

março 23

22 horas

MARIA Y FEDERICO 1ª parte

Grupo - E
14 anos

BILHETES A VENDA
 DISCOTECA MELODIA — Rua do Carmo
 DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Rua Nova do Almada
 DISCOTECA VALENTIM DE CARVALHO — Edifício Castil
 DISCOTECA ROMA — Av. de Roma
 DISCOTECA SINFONIA — Av. de Roma
 DISCOTECA APOLO 70 — Av. Júlio Diniz
 DISCOTECA COMPASSO — Rua Saraiva de Carvalho
 DISCOTECA SOL & DÓ — Marquês de Pombal
 AGÊNCIA ABEP — Praç. dos Restauradores
 COLISEU DOS RECREIOS

Artistas contratados por INTERARTES

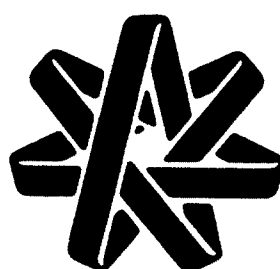


R. dos Fanqueiros, 226-232
 Telef. 86 85 72 — LISBOA

ENXOVAIS

No 1.º andar do nosso EDIFÍCIO SEDE temos uma bem sortida secção de ROUPAS DE CAMA — Lindos jogos, lençóis e almofadões, em panos brancos, cores e estampados, bordados, e com aplicações Suíças.

COLCHAS — COBERTORES E LINDOS CORTINADOS



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

EMISSION DE 200 000 OBRIGAÇÕES

2ª FASE

autorizada por Portaria de Sua Excelência o Ministro das Finanças, de 16 de Novembro de 1973 publicada no Diário do Governo, III série, n.º 273, de 22 de Novembro de 1973.

RATEIO

Foram recebidos 32587 boletins, a que corresponderam 380669 obrigações subscritas.

Houve, deste modo, que proceder a rateio, o qual conduziu ao seguinte resultado:

Obrigações		
Subscritas		Atribuídas
1 a	13	Todas
14 a	30	14
31 a	49	15
50 a	100	16
101 a	200	17
201 a	1000	18
1001 a	4000	19
Acima de	4000	20

As importâncias correspondentes às obrigações não atribuídas serão reembolsadas a partir do dia 18 do corrente **nos locais em que as subscrições tiveram lugar**, mediante a apresentação das cautelas em poder dos subscritores.

Lisboa, 14 de Março de 1974
 O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

IAN HAMILTON FINLAY

O movimento internacional de poesia concreta ir-se-ia iniciar um pouco antes de meados da década de 50 e estender-se-ia da Suíça («Do verso à constelação», Eugen Gomringer) ao Brasil («Plano-piloto para poesia concreta», Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari). Estender-se-ia também, posteriormente, a Portugal, onde António Aragão e Ernesto de Melo e Castro são talvez os seus melhores representantes. Como referi na semana anterior, continua-se uma dispersa tradição iniciada em princípios do Sec. XX por poetas, pintores e músicos (Webern?), dá-se-lhe um sentido, uma relativa unidade, assume-se como forma dominante. Trata-se, sobretudo, de acrescentar um outro sentido ao poema: o sentido da própria página, a tipografia como significação; e, simultaneamente, de reacertar a importância significativa do campo fonético do texto.

Muitos nomes, muita pompa vocabular, muito malabarismo designativo utilizaram e utilizam estes autores para nomear as suas produções, muitos subgrupos se formaram dentro desta intencionalidade genérica; contudo, o fulcral deste tipo de poesia cabe dentro dessa preocupação: também semântica pelo visual e pelo auditivo, bem como pela renovação dos recursos sintácticos.

Por aqui que num manifesto construtivista, o segundo manifesto «De Stijl» (1920) se encontra claramente antecipado muito ou quase tudo o que os concretistas posteriormente têm vindo a realizar. Repare-se: o ataque à poesia sentimental (ataque que de múltiplos sectores partiria no princípio do século Valéry, Eliot, Pound, Tzara, Pessoa, os futuristas russos à análise psicológica e ao desdramatamento retórico do discurso tradicional; a sujeição da palavra a esta intenção discursiva determi-

nando a consciência de que a palavra está morta; logo, abandono dessa discursividade em nome da palavra, centro impulsor que se substitui à frase ou ao verso; tentativa de um revigoramento expressivo através de uma atenção nova prestada à palavra, o que determinará modos novos de a assumir; a própria «escrita» irrompendo no âmbito dos significados. Este apelo para o som e a grafia da palavra contém em si as fragmentações futuras do discurso, a própria fragmentação da palavra em letras e quase letras.

Ao mesmo tempo, realizadas as potencialidades de exploração tipográfica na página, a palavra, ou a insinuação de palavra, ou a letra, explode para fora da página, apropria-se de um espaço que já não se confina ao livro, invade o campo da pintura e da escultura (um exemplo, e não dos mais radicais, pode ser dado por um poema de Ian H. Finlay que

antes de ser reprodução numa página foi construção — 15 pés de comprimento por seis de altura — num jardim escocês. Não cabe na intenção desta nota a descrição dos múltiplos e interessantíssimos aspectos desta situação; apenas está em causa este tipo de poesia produzido por Ian Hamilton Finlay. Porém, quem estiver interessado, poderá encontrar (além do livro de E.M. de Melo e Castro indicado na nota anterior) numa obra de Pierre Garnier, ele próprio poeta concretista, publicada na Gallimard, «Spatialisme et poésie concrète», uma panorâmica e uma bibliografia bastante boas sobre a situação do concretismo.

Ian Hamilton Finlay é um dos mais importantes contribuidores ingleses para esta situação da poesia. E o que interessa é, no âmbito destas notas, depois de em linhas muito gerais ter indicado o que me parece crucial apreender acerca do que é a poesia concreta, mostrar um ou outro desses poemas propostos pelo escocês Finlay. Este tipo de poesia levanta problemas insolúveis à tradução, pois joga com as próprias letras que fazem a palavra numa língua específica, joga com os sons dessas palavras de um modo radical. Se no poema «Acrobata» basta (em português) atrair um plural inglês, «Acrobats» para o traduzir; se o poema em francês me dispensa obviamente a tradução (o escrever noutra língua acentua a vocação internacionalista desta poesia), já o «Poema XM» me obriga a reproduzi-lo em inglês com nota para a tradução.

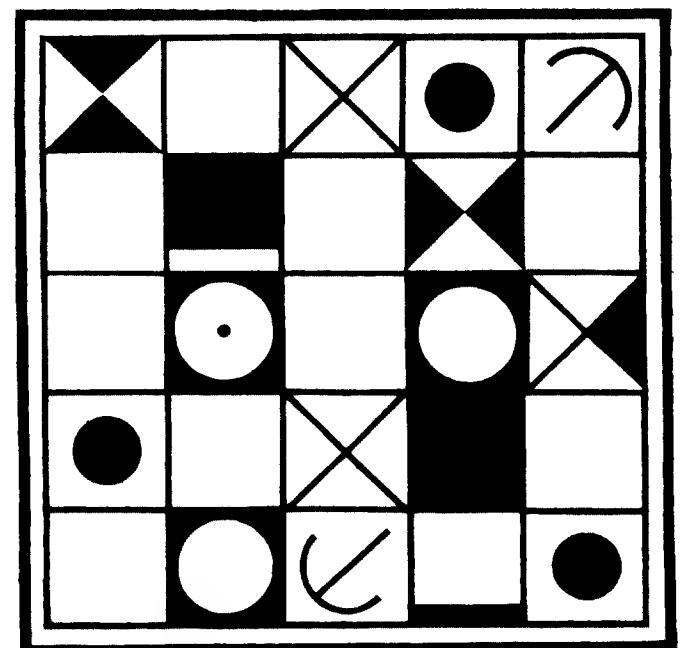
Uma vez que cada poema vai acompanhado de uma nota explicativa do próprio autor, parece-me desnecessário acrescentar seja o que for. Talvez

apenas chamar a atenção para a presença do elemento líquido, das fainas ligadas ao mar, da vida de ilha, como já ficara acentuado na nota da semana passada.

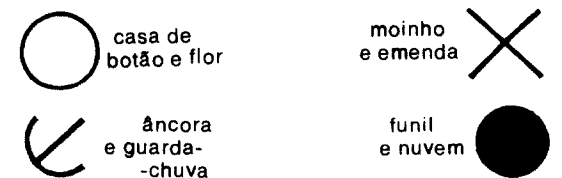
NOTA — Ian Hamilton Finlay nasceu em 1925.

Além dos já referidos volumes de poesia não-concreta, há vários e variados volumes de poemas concretos editados pelo próprio autor na sua Wild Hawthorn Press.

POEMA SEMIDIÓTICO



CHAVE LEXICAL



Semidiótico — Poema semiótico, a que I.H.F. acrescenta a nota irónica de idiota. É uma espécie de poema em código, cuja chave o poeta dá na base do quadrado que forma o poema (o jogo e a pintura e o poema).

O barco está no mar (anel de ondas) pescando (fieira de redes) mas em águas costeiras (fio de luzes) — descarregando o pescado numa rede varredoura (fieira de peixe, anel de redes) — regressando (fieira de telhados) — a tripulação levando para casa alguns peixes enfiados numa corda (corda de peixe). O «anel de luz» é a lâmpada, e a cultura, oposta ao «anel de ondas» da natureza com que o poema começa. (I.H.F.).

a	a	a	a	a
c	c	c	c	c
r	r	r	r	r
o	o	o	o	o
b	b	b	b	b
a	a	a	a	a
t	t	t	t	t
s	s	s	s	s
t	t	t	t	t
a	a	a	a	a
b	b	b	b	b
o	o	o	o	o
r	r	r	r	r
c	c	c	c	c
a	a	a	a	a

Letras isoladas são forma, mas letras agrupadas em palavras (como estas) são direcção. As do poema «Acrobata» são as duas coisas, comportando-se como acrobatas reais no circo que ora são uma unidade individual, ora — saltando em conjunto — diagonais e torres. A bem dizer, o poema deveria ser construído por grandes letras recortadas, de modo a que se ocupasse não uma página mas toda a parede que desse para um recreio de crianças. (I.H.F.)

Acrobats igual a acrobatas

DO SEGUNDO MANIFESTO «DE STIJL» 1920

A PALAVRA ESTA MORTA...

A PALAVRA É IMPOTENTE

poesia asmática e sentimental

o «me» e o «isso»

que ainda são de uso comum

por todo o lado...

são influenciados por um individualismo que teme o espaço

escórias de uma era exausta...

análise psicológica

e retórica grosseira

MATARAM O SENTIDO DA PALAVRA

a palavra tem de ser reconstruída

seguir o SOM tal como

a IDEIA

se na velha poesia

pelo domínio de sentimentos

relativos e subjectivos

o sentido intrínseco da palavra foi destruído

queremos por todos os meios possíveis

sintaxe

prosódia

tipografia

aritmética

ortografia

dar novo sentido à palavra e nova força à expressão

a dualidade entre prosa e poesia já não pode continuar a ser mantida

assim a forma para o escritor moderno terá um sentido directamente

espiritual

não descreve acontecimentos

não descreve

ESCREVE

recria na palavra o sentido comum de acontecimentos

uma unidade construtiva de forma e conteúdo...

Leiden, Holanda, Abril de 1920

Theo van Doesburg/Piet Mondrian/Anthony Kok

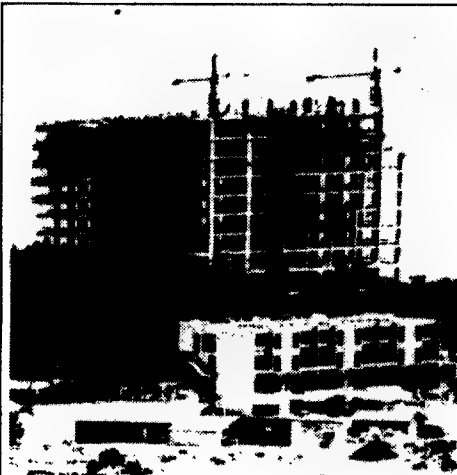
m Mm
x
m
m Mm
x
m
mm
m
mm
x
MmM
mm
m
m
mm
x
mm
m
mm
m
mm
x
m
mmMm
m
x
m
mm
m
this
is
the
little
burn
that
plays
its
mm
mmMm
m
mmouth-
organ
by
the
m
mm
mmm
mmMm
mill
x
mm
Mmm

O «Poema XM» é menos concreto que «fauve». Um pequeno regato corre com um som que sugere melodias numa harmonia. O seu percurso é denotado pelos X e M, sendo os M o som e os X um moinho de vento, bem como o sinal convencional para beijos — de luz na água, talvez — e sinais de felicidade. Os diferentes tamanhos e espécies de tipos sugerem as naturais alterações da água. (Nota de I.H.F.).

A frase em inglês que aparece no texto poderá traduzir-se por: «este é o pequeno riacho a tocar a sua harmonia junto do moinho». (N.T.).



10000 construtores do futuro



O homem pensa.
Sonha.
Idealiza o futuro.
Outros homens realizam a obra.
Concretizam o sonho.
Constroem o futuro.
Já somos milhares de homens e mulheres
a viver este sonho de futuro.
A tornar o sonho possível.
Dia a dia. Pedra a pedra. Árvore a árvore.
Participando na construção do futuro.
Do admirável mundo novo de amanhã.



Tudo faremos para que o pessoal se sinta cada vez mais «em casa» nos locais de emprego.

Das inúmeras oportunidades de trabalho, formação e promoção do trabalhador, às condições de trabalho, tudo está sendo estruturado para que estes milhares de homens e mulheres se sintam cada vez mais integrados. Sintam sua, a obra que é de todos.



Formamos uma grande comunidade.
Temos 10 000 homens a trabalhar nas
nossas Empresas.

10 000 homens que são 10 000 famílias.
A quem procuramos dar as melhores condições sócio-económicas para que possam realizar da forma mais eficiente as suas tarefas. Atribuímos remunerações justas, de acordo com a experiência profissional; possibilitamos promoções regulares de acordo com a capacidade de trabalho e o grau de aperfeiçoamento.
Incentivamos em cada um as suas melhores qualidades para que as possam desenvolver mais facilmente.



Uma das nossas preocupações dominantes é contribuir para a fixação das populações — da mão-de-obra — dentro do País, de forma a diminuir a corrente migratória para o exterior e criar condições de emprego e de vida que constituam factores aliciantes para todos os trabalhadores portugueses.

Os 10 000 homens que trabalham connosco são já uma concretização deste objectivo. Muitos outros se seguirão.

Na nossa programação de futuro, temos como dominante, alargar o mercado de emprego, criar novas oportunidades, novas opções e oferecer condições de vida digna a muitos mais milhares de construtores do futuro.



PUBLICITOTAL T-1/74

TORRALTA mais trabalho para um país melhor



A sede do posto náutico do Fluvial em V.N. de Gaia

desporto e exercício físico, monitores, médico, alimentação, etc. E então sim, falem-me de desporto em Portugal. Vi isso na Alemanha e na Holanda, por exemplo, onde estive por obrigações profissionais».

A competição

Mas o Fluvial também tem competido?

«Pois é verdade que temos competido. Competir só é um mal quando não se faz ou não se pode fazer mais ou que isso. Nós só gostávamos de não ter que competir em condições disparatadas. Olhe este caso: eu gosto da minha profissão, mas gostaria muito mais de ser monitor de remo. Vou viver disso? Eu já pratico remo há 20 anos e, todavia, não tenho preparação suficiente para a transmitir aos outros, pois nunca foi possível ir além de algum entusiasmo. E quantos há como eu? Paga-se 100 contos a um «técnico» de futebol. Isso dava para pagar a dez professores de educação física de algumas modalidades. Esses dez, a trabalhar em tempo inteiro, podiam orientar e instruir 100 rapazes e raparigas. Talvez desses saíssem alguns que até nos podiam representar em competições internacionais sem nos envergonharem».

Existem 4 clubes de remo nesta zona: Fluvial, Sport, Infante D. Henrique e Centro Universitário. Segundo o nosso interlocutor, cada um poderá ter uns 40 praticantes da modalidade. O Porto e Vila Nova de Gaia têm meio milhão de habitantes:

«Que haja 60 mil habitantes com idade compreendida entre os 15 e os 20 anos. Quantos desses praticam desporto? Dar umas braçadas, remar 10 minutos, meter uma bola no cesto, não é desporto. Gostava de saber qual é a ocupação de todas essas pessoas nos tempos livres».

Só temos o rio...

Pedimos a José Monteiro que nos falasse das circunstâncias em que o remo é praticado no Fluvial.

«Verdadeiramente, temos o rio Douro. Exceptuando uns

poucos dias do ano, é um rio maravilhoso para o remo, nos aspectos do treino e da prática. Mas que temos nós mais? Olhe, os acessos ao rio, por exemplo. Havia umas pranchas, muito funcionais que foram levadas pela cheia de 1962. Os rapazes nem tinham necessidade de molhar os pés. O cais ficou em ruína, as pranchas desapareceram, e até hoje... Temos umas escadas de madeira, temos todo, estamos sujeitos a cair, partir uma perna, por vezes vamos remar com os pés encharcados. Assim, não temos ilusões... Não me venham falar em desporto, olhe, fazemos aqui umas coisas» de que gostamos e que nos ensinaram, mais nada».

Os jornais têm falado na vossa situação?

«Sabe, nós temos razões para esperar muito do tempo gasto em conversas assim... Sabe como isto funciona: vive-se do desporto mas já é duvidoso que, na maioria dos casos, se fomenta o desporto. Não é visto de um modo educativo. Quantas horas perdem a falar do futebol? Falaram do basquetebol porque vieram uns americanos, até vimos os americanos deitados na cama, assim e assado. Vai-se atrás do mau gosto do público. Falam do remo? Eu pratico-o há vinte anos, já lhe disse. Se eu fosse um ídolo contavam a minha vida toda, criavam um romance à volta destas coisas. Parasitar à volta de certas «polémicas» não é fomentar o desporto. Presta-se um mau serviço até ao país. Pois, que o possível tem compromissos, etc. E tal, olhe, uma confusão... Veja esse artista do espectáculo dos estádios de que agora se fala. Começou logo a máquina a funcionar, que era um investimento e coisas assim... Fico à espera dos atletas que vão sair desse investimento para representar Portugal nos Jogos Olímpicos...»

Completamos a nossa visita ao posto náutico do Fluvial. Poucos foram os que compareceram nessa manhã. No tanque de treinos não vimos ninguém. Três associados jogavam futebol de salão no ginásio.

Uma casa que significa encontro para poucos ao fim da tarde e ao domingo de manhã. Onde o encontro com o desporto podia ser uma realidade para muitos.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

HOSPITAL

Recolheram ao Hospital de S. José, muito traumatizados: Hermínio Gomes Marcão, de 36 anos, analista, morador no lugar do Pego, Abrantes, que chocou a bicicleta que conduzia com um automóvel, naquela vila; Alfredo Afonso Penalva, de 46 anos, operador, morador na Rua Padre Penalva Francisco da Silva, 10, r/c, Dt.º, na Buraca, que chocou a motoreta que conduzia com um automóvel, na Cruz das Oliveiras; Henrique Manuel Migueis Matos, de 7 anos, residente em Coruche, que foi atropelado por uma motoreta, naquela vila; Albertina Rocha Tavares, de 6 anos, residente na Quinta do Reguengo, que foi colhida por

um automóvel, na Avenida Mousinho de Albuquerque; José Maria Rito Cabral, de 50 anos, residente em Lombos, Carcavelos, que foi vítima do choque da motoreta em que seguia com um automóvel, naquela localidade; Manuel Gonçalves Duarte Arratana, de 30 anos, tractorista, residente na Rua Alexandre Herculano, 17, 3.º, na Cova da Piedade, que caiu do tractor que guiava, em Monte de Caparica.

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, por ter chegado já morta ao Hospital de S. José, Isaura Duarte Martins, de 63 anos, residente na Rua Capitão Leitão, 62, 1.º, que adoeceu subitamente na Rua Zótimio Pedroso.

Receberam tratamento no Hospital de S. José, onde o primeiro ficou internado, muito traumatizado, Manuel José, de 34 anos, escriturário, e sua mu-

lher Filipa Maria Cruz, de 31 anos, residentes na Praceta João de Deus, Lote 2, 7.º, no Cacém, que foram vítimas do choque da motoreta em que seguiam, guiada pelo primeiro, com uma camioneta, na Rua

Manuel Bento de Sousa.

Recolheu ao Instituto de Medicina Legal, o cadáver de Josué Martins Pinho, de 84 anos, residente na Rua Senhora do Monte, 20, 2.º Dt.º, que se enforcou na residência.

Décimo aniversário da «Pacem in Terris»

LEIRIA, 17. Integradas no X Aniversário da Encíclica «Pacem in Terris», do Papa João XXIII, está a decorrer nesta cidade um ciclo de palestras seguidas de diálogo promovidas pela LUC (Liga Universitária Católica).

«Relações entre a Igreja e o Estado foi o primeiro trabalho apresentado pelo rev. dr. Urbano Duarte, seguindo-se

um intitulado «Pluralismo político e compromisso cristão», da autoria do advogado Joaquim Magalhães Mota.

A encerrar este ciclo de trabalhos, a decorrer no Grémio Literário e Recreativo, o dr. Manuel Porto profere, na terça-feira, às 21 e 30, uma palestra subordinada ao tema «Proble-mática do Desenvolvimento Económico».

GRANDE EMPRESA NACIONAL PROCURA

LICENCIADOS EM ECONOMIA OU FINANÇAS

EXIGE :

- Experiência profissional
- Nacionalidade Portuguesa
- Situação militar regularizada
- Idade máxima 35 anos

OFERECE :

- Vencimento inicial compatível
- Gratificação de Natal
- Subsídio de Férias
- Regalias sociais

Só serão consideradas as candidaturas que responderem às exigências postas.

Resposta acompanhada de curriculum a este jornal ao n.º 1048.

Teatro HOJE
às 16,00 horas
e às 21,45 h.

«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»

de Arthur Miller

Bilhetes a venda

Telef.: 717017

M/ 14 anos

APARTAMENTOS NO ALGARVE

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1940

LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados 207 • Telef. 379 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telef. 2 70 11/2

HERDADE

Para pecuária e searas ou eucaliptos, a 100 km de Lisboa, 3.000 contos. Vende o próprio. Carta para Apartado 1.149, Lisboa - I.

TERRENO COMPRA-SE CONCELHO DE LISBOA

Para construção c/ o mínimo de 19 ms. de largura e 56 ms. de comprimento e de preferência autorizado para edifício até 8 andares. Resposta a este jornal ao n.º 1050 indicando área certa, localização, preço e outros detalhes.

PORTO: ATLETAS DO FLUVIAL

«REMAR NESTAS CONDIÇÕES NÃO É DESPORTO»

«Esta «coisa» que praticamos aqui, o remo, está enquadrado no sistema de vida que nós temos: os rapazes trabalham, às vezes longe, em fábricas, trabalho arduo na maioria dos casos. E nem isto é desporto que se compadeça com alimentações deficientes».

Estas palavras são dos dirigentes da secção de remo do Clube Fluvial Portuense, que visitamos na manhã do último domingo, na sua sede junto ao Douro. Prosseguimos assim, a nossa «viagem» pelas associações (de cultura, recreio e desporto) de Vila Nova de Gaia que iniciamos pela tuna musical de Santa Marinha.

O «fluvial», como é conhecido, vai completar um século de existência dentro de três anos. E a mais antiga associação do norte do país, dedicada a esta modalidade. Praticamente, todavia, em condições mais que deficientes. A carência de material, de verbas, de instalações e de pessoal instrutor juntam-se ainda as que resultam da situação geral de pobreza do desporto português, do culto da competição e do «profissionalismo» exercido como espectáculo, em detrimento do verdadeiro desporto e do próprio desportista.

A primeira vista a sede do fluvial (dizendo «fluvial» estamos a referir-nos apenas à secção de remo, o posto náutico, que visitamos) faz-nos pensar numa florescente actividade desportiva: edifício próprio, tanques de treinos e armazém anexo, no rés-do-chão, instalações administrativas, balneário, ginásio e ainda uma sala de convívio («não tem utilidade, nunca se conseguiu dar motivação a isto») no segundo pi-

so. Uma visita mais cuidadosa deixa-nos, todavia, uma impressão algo diferente: vidros partidos, salas fechadas por carecidas de obras, buracos no tecto, um certo desconforto.

«Fez-se a obra e acabou-se, nunca mais se fez nada. Isto precisa de grandes reparações» — dizem-nos os dirigentes da secção.

Junto às escadas que dão acesso ao segundo piso, uma placa de mármore recorda a data da inauguração: «14 de Novembro de 1948 pelo desporto e por Portugal».

Puro amadorismo

O Clube Fluvial Portuense, «intitulado real por S. M. o rei D. Luís I» é cavaleiro da Ordem Militar de Cristo, Instituição de Utilidade Pública e possui a medalha de mérito «ouro» da Câmara Municipal do Porto. Além da referida secção de remo, em Vila Nova de Gaia, tem um parque desportivo e um conjunto de piscinas na Rua da Granja de Lordelo, secretaria-geral na Avenida dos Aliados (Porto) e sede numa artéria que tem o seu nome, Rua do Clube Fluvial Portuense. Mantém hoje outras modalidades desportivas (natação, basquete, tiro, etc.) embora tenha sido o remo o escopo principal da sua criação. Está na origem da Federação Portuguesa de Remo.

Dentro do clube, a secção de remo, vive com certa autonomia: «tem um chefe de secção (José Monteiro) e um encarregado administrativo (Fernando Garcia), quando é preciso alguma coisa vamos à sede. Temos agora uma promessa de comparticipação para obras no posto náutico».

E de desporto propriamente

dito? Como vive a secção, que possibilidades existem para uma prática normal do remo?

«A secção vive portanto dos associados que não são muitos. E no mais puro amadorismo: ninguém os compensa da falta ao trabalho para ir ao exame médico e se faltam ainda pagam a multa do seu bolso. Não temos corpo clínico próprio, apenas boa vontade de alguns médicos. O remo é um parente pobre... mesmo assim temos comparecido em encontros da modalidade. Foi o Fluvial que representou Portugal nos jogos luso-brasileiros.

Em 1973 ainda conseguimos ser campeões nacionais de juniores».

Quando decorrem os tre-

nos?

«Todos os dias, menos às segundas e sábados, temos treinos, das 19 e 30 às 21 horas. Mas isto é feito em condições de grande sacrifício para os atletas. Alguns vão jantar tardíssimo e isto é um desporto que exige muita preparação, vigilância médica e alimentação cuidada. Ao domingo de manhã também há treinos».

Ouçamos José Monteiro:

«Isto funciona assim: a malta sai do trabalho e corre para aqui. Eu até nem sou a pessoa mais capaz para dirigir um desporto como este, mas que quer?, não temos mais ninguém. Os dirigentes, os professores, os monitores, deviam ser uma classe profissional a

favor do exercício físico e do desporto da população. Não somos nós, que temos o nosso trabalho e vimos para aqui uns bocados, que vamos projectar o remo e levá-lo a fazer figura no desporto nacional. Se o desporto é programado como deve ser, o seu interesse manifesta-se na colectividade. Mas quem organiza isso, os clubes?, com o seu amadorismo pobre? Já vê que assim não chegamos a lado nenhum. Que significa isto, esta prática do remo feita no fluvial, na vida de centenas de rapazes que podiam ser bons atletas? Não significa nada. A nível nacional nós até competimos, mas para quê? Olhe, apenas para fazer calendário...

«Atletas» e desporto

Não será preciso estar a dizer ao leitor da importância que se revestem estas afirmações do dirigente da secção de remo do fluvial.

Vejamos ainda estas suas palavras:

«O remo está enquadrado no sistema de vida que nós temos, e isso condiciona tudo. Os rapazes trabalham, às vezes longe, alimentação deficiente, tarefas arduas. Não podem praticar a sério uma modalidade desportiva que exige vigor físico. Quem leva uma marmitta para o trabalho não está em condições de fazer remo. Os empregados nos escritórios, por exemplo, com um esforço mais intelectual, teriam aqui uma compensação, mas os horários não o permitem. Chegar e não chegar vai-se para a água às 8 da tarde. Não temos o rio Douro iluminado numa extensão de dois quilómetros para treinar neste tempo. Temos que aguardar a luz do dia e nesta altura já os treinos deviam ser intensos. Uma hora de treino não é nada. Temos que exigir um esforço dobrado e aqui começam novos erros porque não pode ser assim. Está a ver, o nosso esforço limita-se a uns tantos que vêm para aqui depois do trabalho. E veja quantas pessoas podiam praticar o remo, a outras horas, se para tal houvesse condições.

«De quanto tempo precisa uma pessoa para saber remar convenientemente?»

(Os profissionais destas perguntas não falam em pessoas, falam em atletas. Os «atletas»... uma espécie à parte, que cada vez se pretende confundir mais com o «profissional» de um espectáculo que toma o desporto como justificação... pois falemos de «pessoas», de todos os que podem pretender uma prática desportiva como aquela que o fluvial, por exemplo, podia estar habilitado para dar).

Responde ainda José Monteiro:

«Não se faz um remador, e muito menos o tal atleta, a partir dos 17 anos de idade. O desporto é uma prática essencial a todos e eu até diria que começa antes do nascimento.

Então a saúde das pessoas já não depende das características dos pais?

Que se passa aqui com os nossos rapazes? Se os pais já não tiveram alimentação capaz, por exemplo, não vamos ter boas perspectivas. A compleição robusta não abunda por aqui. Está a ver aquela fotografia na parede?...»

E quanto a material, que ajudas têm?

«De vez em quando há comparticipações A Federação dá alguma coisa, pouco, que também não tem. O problema é sempre o mesmo: o nosso desporto para quem é?

Isso começa logo na escola, onde devia existir não como obrigatoriedades, não como coisa imposta, mas como motivação. Ninguém deve ser obrigado a este ou aquele desporto, mas apenas ser motivado para uma coisa de que pode vir a gostar e a revelar qualidades.

Uma coisa destas, mal feita, tem consequências na vida dos jovens. Falem-me de locais de



José Monteiro (equipado) Fernando Garcia e António Salvador, dirigentes da secção de remo do Fluvial

METROPOLITANO

250.000 PESSOAS TRANSPORTADAS DIARIAMENTE

A imagem que os lisboetas retêm do Metropolitano é, quase sempre, a de um enorme aglomerado de gente lutando, com unhas e dentes — entenda-se «à letra» a expressão — por um lugar para além das portas automáticas, mesmo demasiadamente apertado, incómodo em extremo. Isto, porque quase todos o utilizamos ao mesmo tempo, durante as chamadas «horas de ponta», numa cidade em que os escritórios e as casas de comércio substituem cada vez mais os prédios de habitação.

De facto, o coeficiente médio mensal de utilização da capacidade disponível do Metropolitano não ultrapassou, em média e durante o ano transacto, os 23 por cento, variando entre um mínimo de 18 por cento, em Agosto, e 25,1 por cento, em Dezembro.

«Estes números — diz-nos o dr. Castro e Solla, chefe das Relações Públicas da empresa — «podem parecer enganadores, quando encarados friamente pelo observador desprevenido. Repare, no entanto, que um tal coeficiente é dos mais altos da Europa».

Justificada, portanto, a actual ampliação das estações do Metropolitano, de duas para seis linhas. Justificada, queremos frisá-lo, em números concretos, já que o facto se torna bem evidente aos olhos do lisboeta. Mas porque é que não se planeou logo de início um metro mais ambicioso?

A cidade mudou de características

Consideremos que, desde a inauguração deste serviço público, a cidade terá mudado muito de características. De uma relativa concentração, passou-se à dispersão dos nossos dias. Dantes morava-se muito em Lisboa; agora, a cintura da cidade é a zona habitacional por excelência.

Além disso — frisa o dr. Castro e Solla — o Metropolitano tem de conjugar sempre a sua

função de serviço público com uma gestão cuidadosa, já que os dinheiros a administrar provêm exactamente dos contribuintes.

Como se sabe, a Câmara Municipal de Lisboa possui mais de 90 por cento das acções da empresa.

É provável que a Administração dessa altura, que não é a mesma de agora, tenha considerado não se justificar um investimento, demasiadamente grande, em face das necessidades de então — prosseguiu o nosso interlocutor.

Na realidade é muito difícil

saber-se se a política seguida terá sido acertada ou não, tantos são os factores em jogo: inflação défica muito maiores durante vários anos, etc. E, verdade se diga, o mesmo aconteceu em outras cidades, de que Madrid e Paris são bons exemplos.

Mas, por falarmos em défices, convém acentuarmos que a empresa do Metropolitano não ganha dinheiro, antes pelo contrário. Em 1973, o preço de cada percurso, para a empresa, foi de 3\$61, tendo o público pago, em média 1\$80 por bilhete.

A exploração em si, não é deficitária — acentua o dr. Castro e Solla. Antes pelo contrário. Acontece, porém que, devido às obras de ampliação que somos obrigados a fazer, os custos se nos apresentam, todos os anos, extremamente acrescidos.

Entretanto — e à guisa de curiosidade — diremos que, também durante o ano transacto, foi de 3,4 quilómetros o percurso médio, por passageiro, o que pode considerar-se normal, em comparação com aquilo que acontece noutras cidades europeias.

E, já que abordámos o problema das obras, impõe-se um pequeno esclarecimento. Com efeito, muita gente terá estranhado o facto de se ter levado dois anos para alongar quatro

estações. Contudo, sabendo-se que o Metropolitano funciona quotidianamente entre as 6 horas e a 1, do dia seguinte, é tudo uma questão de fazermos as contas. Considerando ainda os necessários trabalhos de reparação e a segurança de que os operários têm de dispor (e dispõem, efectivamente), restam três horas diárias para as referidas obras de ampliação.

O futuro: linhas para Benfica e ligações com a C. P. e a Sociedade Estoril

O facto de o Metropolitano transportar diariamente mais de 250 000 pessoas atribui-lhe inevitavelmente uma importante função social. Assim, haverá muito quem discorde, por exemplo, do prolongamento das linhas para Alvalade, em vez de ter sido Benfica a zona beneficiada. Ao que nos foi dado apurar, essa foi, no entanto, uma condição imposta no contrato de concessão, logo desde o início. Cláusula que, por isso mesmo, teve de ser cumprida.

E o futuro, como vai ser?

«Preocupa-nos mais, como compreenderá, a função social do metro do que a questão de explorá-lo em termos rentáveis. A própria ampliação das linhas insere-se nessa política, já que, sendo unitário o preço dos bilhetes, não nos traz qualquer receita adicional — diz-nos o chefe das Relações Públicas da empresa concessionária do Metropolitano.

E prossegue:

«O futuro será aquilo que os estudos agora em curso determinarem, existindo várias probabilidades que um consórcio luso-alemão, encabeçado pela SIEMENS, está a analisar. Ainda nada se decidiu, mas existem hipóteses bem firmes.

Ao que parece, as actuais linhas poderão ser prolongadas até Benfica (finalmente) e de forma a estabelecerem ligações com os serviços da C. P. e da Sociedade Estoril. Podemos acrescentar que, das 10 hipóteses iniciais para as obras de ampliação, já se escolheram três ou quatro, actualmente a merecerem um estudo mais profundo.

Por outro lado, o capital a despendar no Metropolitano, durante o período de vigência do IV Plano de Fomento, eleva-se a cerca de 5 milhões de contos.

RECEBENDO QUASE 22 MILHÕES DE CONTOS A SECIL BATEU UM «RECORD»

Ainda na semana passada nos referimos à questão dos «vales». Hoje voltamos ao mesmo assunto. Não para focar a obsolescência do sistema que originou o aparecimento dos celeberrimos «vales», já que sobre esse problema várias vezes temos expandido a nossa opinião que, pensamos, traduz o sentimento de várias pessoas envolvidas na teia dos «vales». Já nos fizemos eco de casos concretos, como aquele das acções do BNU que determinado banco tinha em «vale» no «dossier» de títulos de um seu cliente. Pois, este mesmo cliente, após infrutíferas «démarches» junto do «seu» banco, levou o seu natural descontentamento junto da Inspeção Geral de Créditos e Seguros.

Esta entidade, mostrando estar atenta ao problema, imediatamente providenciou para que, num curtíssimo lapso de tempo, as acções que estavam na origem da reclamação fossem entregues, substituindo, assim, o «vale» existente. Aliás, estamos mesmo em crer que à própria Inspeção Geral de Créditos e Seguros interessa conhecer, de perto, estes problemas e a natural reacção (negativa) do público face à «invasão» descontrolada dos «vales».

Entretanto, estamos a menos de um mês da entrada em vigor do novo regulamento das bolsas de valores. Até lá, importa tomar as medidas indispensáveis para evitar o estrangulamento do novo regulamento.

O número de corretores adstritos à Bolsa de Lisboa já foi fixado em dez. Porém, ainda nada se anunciou quanto ao esquema de funcionamento futuro, quer no que respeita ao número de sessões, quer no que concerne a horários. Pretender manter inde-

finidamente as habituais três sessões semanais, parece-nos de má política, até porque foi resultado de uma solução de emergência.

O problema das instalações para um funcionamento razoável da Bolsa, em Lisboa, é outro assunto que continua a aguardar solução. Quer o recinto, quer as condições de trabalho ali existentes, estão completamente ultrapassadas. Esperemos que estes e outros problemas candentes relacionadas com o funcionamento das bolsas de valores sejam brevemente objecto das medidas que as actuais condições impõem.

Secil

O «record» conseguido pelo BIP na sua última emissão foi efêmero. A Secil, cujo impacto junto do grande público foi sobremaneira significativo, superou o «record» anterior fixando-o, agora, em valores extraordinários.

Na realidade, embora não nos tenha sido possível obter elementos concretos relativos ao resultado do rateio, podemos, no entanto, adiantar números definitivos referentes ao volume de numerário mobilizado pela Secil.

Assim, um total de 150 138 boletins mobilizou, nada mais nada menos, do que 21 947 715 000\$00, quase vinte e dois milhões de contos. Como as acções a subscrever pelo público eram 85 500, poderão os nossos leitores, interessados no resultado, começar a deitar as contas à vida. Pela nossa parte, adiantaremos que esperávamos mais boletins e menos dinheiro.

Somotel e C.U.F.

Ou Cuf e Somotel, muito embora, em princípio, haja uma convergência de opiniões que dão a primazia à Somotel que já negociou a emissão com os bancos que a tomam firme e cujo «leader» é o Banco Nacio-

nal Ultramarino. Quanto às possíveis condições da C.F.F. (97 500 acções a 3 500\$00) já nos referimos. No respeitante à Somotel, que certamente pretende que seja feita a devolução do numerário mobilizado pela subscrição da Secil antes de abrir a subscrição, podemos já informar os nossos leitores sobre as condições dessa emissão. Para o público em geral serão 80 mil acções, a subscrever ao par, a 500\$00 cada uma. Para os actuais accionistas estão reservadas 240 mil acções, a subscrever ao par, pelo valor nominal (500\$00) na proporção de três novas acções para cada uma das que possuírem. Portanto, temos os accionistas com óptima posição para esta subscrição, tal como deixámos entender no «DL» de Domingo passado. Daí não surpreender o interesse que o papel da Somotel tem merecido e cujos preços deverão naturalmente subir. Quanto à data, apenas adiantaremos que, no passado dia 14, os bancos ainda não tinham os boletins na sua posse. Todavia, caso a C.U.F. não apareça primeiro, o raciocínio mais lógico diz-nos que logo após a devolução do numerário retido pela Secil — e são tantos milhões — começará a subscrição da Somotel. Quantos milhões serão mobilizados?

Embora a Somotel não tenha o impacto junto do público conseguido pela Secil, apenas recordamos que as subscrições vai toda a gente... que tenha dinheiro disponível... São ao par e pelo valor nominal.

Seguros Tagus

Como todos sabem a Companhia de Seguros Sagres tem tido as suas acções cotadas na casa dos 70 000\$00. Esta companhia foi agora autorizada a explorar no ramo de «diversos» o seguro de viagens. A Sagres está ligada ao grupo C.U.F.

Assembleias

e aumentos de capital

A Cisl acaba de marcar a realização de uma assembleia geral extraordinária para o próximo dia 29, a fim de «apreciar e votar uma proposta do conselho de administração pa-

ra a elevação a 200 000 contos do capital social da empresa, pela emissão de 50 000 acções do valor nominal de 1000\$00, com reserva de preferência para os accionistas». A Cisl é uma empresa associada da Somapre e tem as suas instalações cimenteiras perto de Loulé, com uma capacidade de 300 mil toneladas por ano.

Ultimamente, o papel da Cisl tem sido bastante transaccionado no mercado paralelo (ainda não dispõe de cotação na bolsa), a preços que têm variado entre os 12.000\$00 e 15.000\$00. Entretanto, também a Siderurgia Nacional, cujo capital social é de 847.321.000\$00, vai reunir, no próximo dia 29, em assembleia ordinária que inclui na ordem dos trabalhos «deliberar sobre aumento de capital social e consequente alteração do artigo 5.º dos Estatutos». Actualmente, a Siderurgia Nacional, no concernente a receitas e capital social, é a terceira maior empresa industrial do País continuando o complexo do Seixal a ser ampliado. Pensa-se que as vendas da Siderurgia Nacional, em 1973, tenham ultrapassado os três milhões de contos. No final de 1973, as acções da Siderurgia chegaram aos 22.000\$00. Sobre o aumento de capital da Siderurgia, é voz corrente que será apenas para os accionistas. Mas como a assembleia só reúne no dia 29...

Mutual e outras

Nas condições a que oportunamente nos referimos, realizou-se já a subscrição da Mutual que assim aumentou o seu capital social de 9.000 para 30.000 contos. Entretanto, os bancos Pinto de Magalhães e BIP estão a pagar o dividendo referente ao exercício de 1973. O Banco Micaelense iniciou já a troca das cautelares pelos títulos.

Mercado Paralelo

O mercado paralelo ainda vive. A actividade é frouxa, mas continua. Como sempre a Comunidade em primeiro plano, mesmo em período de troca de cautelares pelos títulos definitivos. Os planos da Comunidade e os trabalhos em Algés fizeram redobrar o interesse pelo papel desta dinâmica organização. A última transacção de que tomamos conhecimento (cautelares) foi feita a 1.950\$00. E nem todas as pessoas estão dispostas a vender a este preço. A Eurominas continua a ser procurada a 4.000\$00, sem vencedores. O Amoniac continua a 1.600\$00, enquanto que a Interhanda anda pelos 2300\$00/2400\$00 e Matur pelos 3300\$00. A Ourique tem aparecido já a 8.500\$00 e a Açoreana a 650\$00/700\$00. A Grão-Pará continua a aparecer ao preço das cotações das acções antigas. Os papéis dos bancos Alentejo e Algarve têm merecido igualmente as atenções do mercado paralelo, embora com preços bastante irregulares. As cautelares do BIP estão a sofrer fortemente a desvalorização do papel cotado.

A última semana

Como escrevemos no domingo passado, a hipótese de um aumento generalizado nas cotações não era viável, muito embora deixássemos claro que a valorização de alguns papéis era de considerar. Para a semana que amanhã se inicia, somos da opinião que uma valorização das actuais cotações não deverá ser generalizada,

ÚLTIMAS COTAÇÕES EFECTUADAS

Bancos	
Agricultura	6.300\$00
Algarve	4.500\$00
Alentejo	3.250\$00
Angola	7.000\$00
Borges & Irmão	10.550\$00
Crédito Predial	6.200\$00
Espírito Santo	13.400\$00
F. & Burnay	—
F. de Magalhães	7.300\$00
Fomento	5.800\$00
BIP	11.000\$00
BNU - n.	7.000\$00
BNU - c.	10.550\$00
P. Atlântico	18.700\$00
P. de Magalhães	10.200\$00
P. Sotto Mayor	18.100\$00
Portugal - n.	7.500\$00
Portugal - p.	9.000\$00
Totta	10.500\$00
Seguros	
Alentejo	670\$00
Aliança Mad.	2.000\$00
Atlas	2.090\$00
Bonança	18.500\$00
Douro	38.000\$00
Lusitana	900\$00
Mundial	5.490\$00
Nacional	27.000\$00
Nauticus	700\$00
Pátria	33.000\$00
Tranquilidade	14.100\$00
Diversas	
C. U. F.	5.250\$00
Cidra	4.700\$00
Compal	1.050\$00
Grão-Pará	4.450\$00
I. P. Colónias	2.200\$00
Intar	845\$00
Lisnave	14.000\$00
Mabor	14.400\$00
C. N. N.	2.900\$00
Nitratos	1.600\$00
P. Pesca	1.150\$00
P. Celulose	8.500\$00
Penina	8.500\$00
Petroquímica	1.700\$00
Marconi	2.500\$00
TAP	2.000\$00
Salvor	3.300\$00
Socel	7.700\$00
Sacor	6.500\$00
Siderurgia	17.000\$00
Tabaqueira	14.000\$00
Tab. Portugal	2.200\$00
U. F. A.	1.070\$00
Matur	3.700\$00
Cimentos Tejo	110.000\$00
Cimentos Leiria	30.000\$00
Cel. Guadiana	6.000\$00

pois, os últimos acontecimentos nacionais, que por acaso até poderiam ter maior incidência no comportamento do mercado de títulos, não permitem antever, com um mínimo de segurança, uma escalada nos valores actuais dos papéis cotados. De qualquer forma, é possível verificarem-se valorizações, principalmente nos papéis de empresas que se preparam para aumentar o seu capital social. Nesta última semana, notou-se um retrocesso nos valores bancários em geral. O Agricultura desvalorizou-se em 400\$00; o B. Irmão em 350\$00; o Totta acusou um declínio de 500\$00; Portugal, menos 150\$00; o ESCL 200\$00; e o BPA obteve uma mais valia de 2.200\$00. No grupo segurador, notou-se uma certa regularidade com o Alentejo a perder somente 5\$00; a Mundial a manter os mesmos valores (5.490\$00); e a Nacional a recuperar 3.000\$00. No sector das «diversas» verifica-se que os Cimentos Tejo perderam 1.000\$00; Leiria 600\$00; enquanto que nas celulosas se manteve a Guadiana em 6.000\$00; a Portuguesa de Celulose cedeu 400\$00; e a Socel teve uma mais valia de 100\$00. A Sacor decau 300\$00; a Siderurgia manteve-se inalterável (17.000\$00); a Petroquímica ganhou 80\$00; os Nitratos valorizaram-se em 50\$00; a Marconi situou-se nos mesmos 2.500\$00; e a TAP em 2.000\$00. A CUF perdeu 50\$00 em vésperas de aumento de capital; e a Intar obteve uma mais valia de 5\$00. A Cidra também ganhou 100\$00 e a Tabaqueira cedeu 100\$00.



MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quince dias, a contar da publicação destes editais no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 852340, do arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, de uma linha aérea provisória de 30 kV, RA 30-44-1-3-2 Ar Líquido (estalheiros) com 687 metros, do poste n.º 12 da linha para o posto de transformação da Sociedade de Empreitadas, Somague S. A. R. L. ao posto de transformação de Ar Líquido (Estaleiros).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição do Licenciamento, em 5 de Março de 1974.

PIO Engenheiro Chefe
A. Pires dos Santos

JAGUAR 2.8

Como novo, poucos km.
VENDE-SE

Informa: Tel. 25076 —
Apartado 163.
CONSTRAVE—AVEIRO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 54

Eu, António Jorge da Silva Sebastião, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm editais de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste Edital, intimando nos termos do artigo 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, MARIO SICALHO LOURENÇO ESTRADA, com residências no Rossio ao Sul do Tejo e Avenida Elias Garcia, 59, 2.º andar em Lisboa, proprietário do prédio situado no Largo Fernandes Costa n.º 3, a iniciar no referido imóvel no prazo de 15 dias findo o dos editais, obras de reparação e beneficiação geral, as quais deverão ficar concluídas nos 30 dias seguintes.

NOTA: — Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166 170, de 15 de Abril de 1970, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia, se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descargas, apetrechos, acessórios e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaimes, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto n.º 41 821, de 11 Agosto de 1958.

E, para Geral conhecimento se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Março de 1974.

O PRESIDENTE

António Jorge da Silva
Sebastião

PÓPULO-PRAIA

EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.R.L.

RUA DOS MERCADORES, 65
PONTA DELGADA — SÃO MIGUEL — AÇORES

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral
Ordinária

Nos termos da lei e dos estatutos, nomeadamente no disposto no art.º 17.º, convoco todos os senhores accionistas de PÓPULO-PRAIA, EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.R.L. para a reunião da Assembleia Geral Ordinária da referida Sociedade, que terá lugar na Avenida Infante Santo, n.º 52, 3.º andar, direito, em Lisboa, no dia 29 de Março de 1974, pelas 15 horas, em primeira convocação, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Appreciar, discutir, modificar ou aprovar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973.

Lisboa, 11 de Março de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. João Frederico Gustavo Hinder Heger

PÓPULO-PRAIA

EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.R.L.

RUA DOS MERCADORES, 65
PONTA DELGADA — SÃO MIGUEL — AÇORES

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral
Ordinária

Nos termos da lei e dos estatutos, nomeadamente no disposto no art.º 17.º, convoco todos os senhores accionistas de PÓPULO-PRAIA, EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.R.L. para a reunião da Assembleia Geral Ordinária da referida Sociedade, que terá lugar na Avenida Infante Santo, n.º 52, 3.º andar, direito, em Lisboa, no dia 29 de Março de 1974, pelas 15 horas, em primeira convocação, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— Appreciar, discutir, modificar ou aprovar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973.

Lisboa, 11 de Março de 1974.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. João Frederico Gustavo Hinder Heger

Entre a gaguez e o rãguebi

Falara-se aqui, poucos dias há, do fenómeno da gaguez. Estava eu bem longe de ver tão breve as minhas palavras confirmadas. A própria televisão se encarregaria disso, através do «caso da semana» na emissão em que, talvez mais do que em nenhuma outra, pois Luis Filipe Costa exibiu as suas excelentes qualidades de entrevistador, quer na preparação e orientação da matéria quer na maneira de resolver os problemas postos por uma entrevistada prudente, muito atenta às palavras, ciosa de não ultrapassar nunca determinados limites, ou não fosse ela terapeuta da fala.

Terapeuta da fala, Susete Carmona Dias fala pouco e por medida. Trabalha em Alcoitão, trata-se de uma profissão praticada entre nós apenas por mulheres, em número aproximadamente de vinte. Razões da exclusividade? Talvez o facto de se tratar de uma actividade pedagógica. Explicação que não explica grande coisa.

De uma coisa não ficam dúvi-

das. Trata-se de profissão com futuro: há dezenas de milhar de gogos no nosso País à espera de auxílio. Isso tudo só em número de gogos totais, tatebites em full time. Porque, como judiciosamente comentou Luis Costa, todos nós somos mais ou menos gogos...

Grande parte da atenção da rubrica centrou-se no próximo curso para terapeutas da fala

a realizar no Algarve. No Algarve, imaginem, região onde as pessoas passam, tradicionalmente por terem o freio da língua bem cortado! Alguns pensarão tratar-se de promoções turísticas. Não terá sido isso, ou não isso apenas: apenas o desejo de alargar à província os benefícios antigaguez de que já gozamos (pouco, mas) na capital. Isto de gogos e não esqueçamos Luis Filipe Costa: todos somos um pouco.

Neles me incluo. Chega a ser dramático. Resolvido. Um dia destes apresento-me em Alcoitão, dirijo-me a Susete Carmona Dias, «Minha senhora, que hei-de fazer?»

Passámos o cabo de «Os Garotos da Rua 47». Trata-se de uma nova série que vai na segunda emissão, quase nada mas que autoriza a locutora Maria Fernanda a afirmar: «Pe-

las suas características tem agradado aos telespectadores da hora do almoço...». Isto é o que se chama andar em dia com os inqueritos à opinião pública...

No «Estúdio sem marcação», quase exclusivamente constituído por produtos enlatados, ouvimos Fraçoise Hardy cantar e falar: «Porque prefiro a solidão? Porque é mais fácil viver só do que em companhia de outras pessoas». Gostos.

Muitas outras cousas aconteceram, musiquitas e artigueiros de almanaque. Como disse, enlatadas quase todas. Com excepção daquela entrevista com D. Alda, professora de Filatelia no Brasil. Por aqui se vê quanto o sistema social brasileiro vai adiantado. Particularmente em Guanabara a filatelia goza de grande audiência: além dos seus cursos regulares, D. Alda profere palestras e colóquios sempre

com grandes audiências.

Combina-se que D. Alda fará na Televisão portuguesa um curso filatélico dividido em duas partes e escutámos a primeira que se ficou por generalidades apressadas e sem grande brilhantismo. A senhora brasileira estava ali por mera delicadeza. Há em Portugal pelo menos três dúzias de filatelistas de cultura suficiente para evitar o aproveitamento da ciência de Guanabara.

Como já se esperava, o grande êxito do meio da tarde de domingo foi a transmissão directa do último desafio de rãguebi da Taça das Nações.

A sério: desconhecemos a popularidade que o rãguebi tem entre nós. A este jogo entre a Inglaterra e o País de Gales assistiram, segundo informação de Cordeiro do Vale, cerca de 75 mil pessoas. Uma assistência que em Portugal atingisse os 10 por cento seria ao que me dizem, coisa do outro mundo. A julgar pelas últimas emissões do «Momento Desportivo», o rãguebi enfileira entre aquelas modalidades consideradas exemplarmente amadoras ou seja, aquelas, a julgar pelos subsídios, os atletas não estudam muito, não comem muito, não se transportam muito nem muito habitam ou seja, uma modalidade que não suscita

grandes paixões clubísticas.

Há três semanas iniciou-se na TV Educativa um curso de iniciação desportiva, desta vez dedicada ao rãguebi. Para quê? Para ouvirmos Boavida Portugal dizer-nos muitas vezes que o desporto sem disciplina não é desporto e outras vezes, numa comovedora e útil eloquência, que a disciplina é a base de toda a actividade desportiva.

O técnico encarregado das lições é Luis Caldas que procedeu a uma introdução histórica extremamente sumária nem mais lhe seria consentido pelas migalhas de tempo que Boavida lhe deixou, por grã mercê.

Tem raízes o meu cepticismo quanto a um possível aumento de popularidade ou conhecimento desta modalidade como consequência das emissões da TV Educativa desportiva. Unfelizmente, tal como se processam, não passam de verbo de encher na programação. Ficamos, de ano a ano, a contar com as emissões da BBC e com o entusiasmo de Cordeiro do Vale para a melhor propaganda do rãguebi. O Torneio das Cinco Nações é o Natal do rãguebi. Acaba-se o Natal, volta-se à pobreza. Ao silêncio. Ao nada. Ou à saudade que é uma espécie disso.

PROGRAMAS DA SEMANA

Para a semana que hoje principia e termina a 23, destacamos os seguintes programas:

HOJE

I PROGRAMA

15.30 TARDE DE CINEMA: «Doida por Música» com Deanna Durbin, Herbert Marshall e Gail Patrick, realização de Normam Taurog. Deanna Durbin que representa o papel de uma orfã de pai, reside com sua mãe na Suíça, e inventa um pai que lhe escreve cartas e acabando por se materializar em Richard Todd.

22.00 25 MILHÕES DE PORTUGUESES. Programa gravado no Teatro Maria Matos. Dedicado à cidade de Bragança com a participação da Cançonetista brasileira Doris Monteiro, Grupo Folclórico Mirandês Duas Igrejas, Grupo Coral de Bragança, Banda do Patronato dr. Oliveira Salazar e Grupo Teatral de Parada.

II PROGRAMA

22.00 NOITE DE CINEMA. «O Mordomo da Ilha Deserta» (Paradise Lagoon) com Kenneth More, Diane Cinto, Cecil Parker e Sally Ann Howes, realização de Lewis Gilbert. Crichton é um mordomo impecável em casa de Lord Loam. O velho Lord tem a mania da

igualdade e por vezes oferece chá aos criados servido pelas filhas...

SEGUNDA-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 MUSEU ABERTO. Um programa de Alexandre O'Neil em que se procura interessar o grande público pelos assuntos menos evidentes ou desconhecidos da nossa cultura.

22.05 «COLUMBO». Mais um episódio da série policial, com Peter Falk no protagonista

TERÇA-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 NOITE DE CINEMA. Ciclo 3 mestres americanos. II — Billy Wilder «Crepúsculo dos Deuses» com William Holden e Glória Swanson no papel de Norma Desmond, realização de Billy Wilder. Uma estrela antiga do cinema mudo, aliás famosa na altura de Norma Desmond, não se convence em ser hoje ignorada. Graças a um jovem escritor a quem ama apaixonadamente, vive horas de ilusão...

QUARTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 HISTÓRIAS DA MÚSICA. Um programa da RTP com a apresentação e realização de António Vitorino de Almeida.

22.35 GUERRA E PAZ

Romance de Leon Tolstoi, com adaptação de Jack Pulman. Produção da BBC. 18.º Episódio com Morag Hood, Alan Doble, Antony Hopkins, Silvester Morand e Rupert Davies. Num grupo de guerrilhas colaboram Denison, Dolohov e Petya e resolvem atacar a coluna para libertarem Pierre que vai prisioneiro.

QUINTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 NOITE DE TEATRO. «O Vagabundo das Mãos de Ouro» de Romeo Correia com Carlos Miguel, Rui Furtado, Leonor Poeira, Lurdes Lima, Manuela Maria, Josefina Silva, Vitor Ribeiro, Armando Cortez, Luís Horta, Cristina Cassola e Helena Isabel. Realização de Pedro Martins.

SEXTA-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 INVENTARIO MUSICAL. 1.º programa de uma série de cinco; este dedicado ao Concelho de Agueda. Um programa de Francisco d'Orey.

SÁBADO

I PROGRAMA

22.05 «BURT BACHARACH». Opus n.º 3. Burt Bacharach entrevista Beethoven (Peter Ustinov) em Viena e interpreta: Patética, 4.º andamento da 9.ª Sinfonia e a Sonata ao Luar.

DISCOS

OS DEZ MAIS

LONDRES, 14 — (R) — Alvin Stardust conseguiu finalmente o que pretendia.

Após semanas perto da posição cimeira, o cantor, que viu o caminho tornado mais fácil por uma tremenda campanha de publicidade, alcançou ao fim e ao cabo o primeiro lugar nos «10 mais» de Londres, com «Jealous Mind».

Como aconteceu com Gary Glitter há pouco tempo, Stardust confia mais no trabalho de palco, como gestos e um enfado exagerados, do que na música para levar a água ao seu moinho. O próprio disco revela um cantor competente, sabendo o que está a fazer, que aprendeu a sua profissão há muito, mas que nunca teria obtido êxito sem levar para o palco todo o aparato e todas as extravagâncias que parecem agora tão essenciais no mundo da «pop-music».

Entretanto, em Nova Iorque, Ed Kendricks passou para o topo da tabela com «Bogie Down», relegando para o segundo lugar «Seasons In The Sun», de Terry Jacks.

A seguir, os «Top-Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parentesis.

LONDRES

- 1 (2) Jealous Mind, Alvin Stardust;
- 2 (4) The Air That I Breathe, Hollies;
- 3 (5) You're Sixteen, Ringo Starr;
- 4 (1) Devil Gate Drive, Suzi Quatro;
- 5 (12) Billy Don't Be a Hero, Paper Lace;
- 6 (7) Remember,
- 7 (9) The Most Beautiful Girl, Charlie Rich;
- 8 (6) Rebel Rebel, David Bowie;
- 9 (14) Jet, Wings;
- 10 (3) Wombling Song, Wombles.

NOVA YORK

- 1 (2) Bogie Down, Ed Kendricks;
- 2 (1) Seasons in the Sun, Terry Jacks;
- 3 (5) Rock On, David Essex;

- 4 (4) Dark Lady, Cher;
- 5 (6) Sunshine on My Shoulders, John Denver;
- 6 (7) Jet, Paul McCartney;
- 7 (8) Mockingbird, Carly Simon and James Taylor;
- 8 (11) Hooked on a Feeling, Blue Swede;
- 9 (15) Bennie and the Jets, Elton John;
- 10 (4) Eres Tu, Mocedades.

BONA

- 1 (1) Teenage Rampage, Sweet;
- 2 (5) Kansas City, Les Humphries Singers;
- 3 (3) My Coo-ca-choo, Alvin Stardust;
- 4 (2) I'd Love You to Want Me, Lobo;
- 5 (11) Tiger Feet, Mud;
- 6 (6) Daydreamer, David Cassidy;
- 7 (12) Devil Gate Drive, Suzi Quatro;
- 8 (8) Raring Love, Golden Earring;
- 9 (4) This Flight Tonight, Nazareth;
- 10 (7) Daytona Demon, Suzi Quatro.

AMSTERDÃO

- 1 (1) Dyna-Mite, Mud;
- 2 (2) The Air That I Breathe, The Hollies;
- 3 (10) Tiger Feet, Mud;
- 4 (3) Jambalaya, Carpenters;
- 5 (7) Dance With the Devil, Cozy Powell;
- 6 (6) You're Sixteen, Ringo Starr;
- 7 (5) Peaches on a Tree, Nick MacKenzie;
- 8 (8) Woman, James Brown;
- 9 () Never, Never Gonna Give Ya Up, Barry White;
- 10 (14) The Man Who Sold the World, Lulu.

HONG-KONG

- 1 (3) You Won't Find Another Fool Like Me, New Seekers;
- 2 (1) Sunshine Lover, The Wynners;
- 3 (5) Let Me Be There, Olivia Newton-John;
- 4 (2) Hello It's Me, Todd Rundgren;
- 5 (7) Riverboat Queen, Springfield Revival;
- 6 (11) Seasons in the Sun, Terry Jacks;
- 7 (12) Reasons Why, Ming;
- 8 (9) Rock On, David Essex;
- 9 (10) Jet, Paul McCartney;
- 10 (4) Crying in the Rain, Marty Kristina.

Nota curiosa: na multidão de celebridades que enchia o Century Plaza Hotel achava-se a actriz Mae Clarke, a quem James Cagney deu com um cacho de uvas na cara numa cena do filme «The Public Enemy», em 1931.

Essa cena ajudou a carreira do actor em Hollywood, onde se tornou o favorito para desempenhar papéis de duro e de bandido.

Mae Clarke, após assistir a uma reposição da cena na pantalha gigantesca da sala de baile do hotel, disse que aprendera a amar essa sequência, nunca a podendo esquecer.

«Mesmo agora tomo ainda todas as precauções para não me sentar demasiado perto de James no caso de serem servidas uvas», observou a actriz, gracejando.

Shirley MacLaine disse também brincando: «James é a única pessoa que conheço que parece que está a dançar quando, na verdade, está sentado».

O famoso actor foi a segunda pessoa a receber o prémio instituído recentemente. A primeira foi o director John Ford, no ano passado, pouco antes do seu falecimento.

MAYER CINEMA — Tel. 32 55,79

(Antigo Terraço do Capitólio)

Teatro da Cornucópia

A Ilha dos Escravos e A Herança

de MARIVAUX

Enc. Jorge Silva Melo

Grupo C. 14 anos

Esp. Sub. I Gulbenkian

HOJE, AS 21.30 h.

Ananã, descanso da companhia

NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

EXPOSIÇÕES

GALERIA GULBENKIAN

Depois de ter apresentado a parte da obra de um grande artista português, Abel Salazar, a Galeria Gulbenkian abre as suas portas para outro importante acontecimento artístico: **100 Desenhos Europeus do Museu de Arte Moderna**. Organização do Museu Nacional de Arte Moderna, de Nova Iorque.

Nesta exposição figuram obras de grandes nomes da pintura universal: Cézanne, Chagall, Chirico, Dali, Giacometti, Juan Gris, Kandisky, Paul Klee, Matisse, Léger, Picasso, Rodin, Severin, Kokoschka, Modigliani, Rouault, etc. Uma exposição para o leitor visitar obrigatoriamente.



sição para o leitor visitar obrigatoriamente.

S. MAMEDE

«A boa pintura, sensual, robusta, embriagada de luz e cor, mas com o fervor do arabesco, da natureza verde emaranhada, surge nestes quadros algarvios (ou de essência algarvia)». Assim fala Urbano Tavares Rodrigues do pintor irlandês Patrick Swift. Lima de Freitas refere igualmente, «as praias e colinas doces do sul lusitano», que Swift insere nos seus quadros. Na Rua da Escola Politécnica.

PRISMA 73
Inácio Matsinhe expõe vinte óleos africanos. Disse Urbano Tavares Rodrigues: «O que ele nos propõe é já África, a inocência da África, a sua alegria e o seu medo, as pessoas que não conhecem o mal, pelo menos segundo o código europeu».

QUADRANTE

A primeira exposição individual do artista nortenho João C. Martins, na cidade de Lisboa. Na Galeria Quadrante.

TEATRO

TEATRO DA CORNUCÓPIA

A Ilha dos Escravos e a Herança, de Marivaux, pelo grupo de teatro da Cornucópia. Uma série curta de espetáculos. No Mayer Cinema.



nema, no parque do mesmo nome.

COMUNA

Na Avenida Almirante Reis, 115-A, o grupo «A Comuna» Teatro de Pesquisa prossegue os seus espetáculos de criação colectiva. Maiores de 14 anos. A não perder.

MÚSICA

10.º Concerto da Temporada 1973/1974. Às 16 horas, a Orquestra Filarmónica de Lisboa (maestro: Rudolf Baumgartner; solista: Maria Tipo) interpreta Mozart, Bach e Frank Martin. Os jovens até 21 anos têm 25 por cento de desconto. Teatro Municipal de S. Luiz.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIADAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregadas Auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal líquido de Esc. 1700\$.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

- a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
- b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
- c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

DR. SEVERINO GOMES DE PINA

1 ANO DE PROFUNDA SAUDADE

Sua mulher Teresa Monteiro Levy de Pina participa que manda rezar missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, dia 19, às 10 horas.

Antecipadamente agradece: todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

SESSÕES NO PLANETÁRIO GULBENKIAN

Se está interessado em observar os mundos infinitos que existem para além deste nosso planeta minúsculo, se está interessado em viajar através do Cosmos sem ter necessidade de sair da mesma cadeira, vá assistir às sessões do Planetário Gulbenkian.

Hoje, domingo, pelas 16 horas exibir-se-á o filme «A Máquina do Tempo».

«O Calendário». E, às 17 horas, «O Planeta e o Cosmos» — uma breve revista através do Planetário.

No próximo sábado, igualmente às 16 horas, e às 17.30 «Os Caprichos da Deusa Isis O Sol e a Lua», e «Planetário e o Cosmos».

No domingo o programa voltará a ser o mesmo, mas, antes, na quarta-feira, haverá às 15.30 e 16 horas, sessões especiais dedicadas a estudantes. Chegar a tempo. Depois do início das sessões não é permitida a entrada.



CINEMA

«LÁGRIMAS E SUSPIROS

Ingmar Bergman é um excentrico metafísico da burguesia no cinema e um dos seus grandes mitos contemporâneos. Numa sala como o Apolo 70, não admira que a película se mantenha em cartaz há 18 semanas. Caminho Pequeno. 18 anos.

«AMOR LOUCO»

André Delvaux construiu o seu filme interessante dos seus filmes. Um tema repetido: as obsessões do intelectual Mathieu, as suas flutuações entre o real e a ficção. Estúdio. Alameda.

«A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS»

Paul Newman realizou para Joanne Woodward interpretar (prémio de interpretação feminina Cannes 71). No Pathé. Detrás da Praça do Chile. 18 anos.



TV INFANTIL

Hoje pelas 17 e 05, haverá uma edição de TV Infantil que incluirá a história desenhada «Dudu-Mestre de Cerimónia» e os filmes «Mister Benn» e «A Formiga e a Pomba».

Também na 4.ª e na 6.ª feira, pelas 19 e 45, serão exibidos mais episódios da série «Aventuras do Alecrim» coordenação de Mariana do Sameiro Souto.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

Para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de

COIMBRA-B

Até às 16 horas do dia 24 de Abril de 1974, esta Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Coimbra-B, sendo todas as despesas a cargo dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 30 contos e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 5000\$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no Programa do Concurso e Caderno de Encargos que os interessados poderão consultar nas estações e locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Rua Vitor Cordeiro, 45 — Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Coimbra-B».

AVISO CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Alameda D. Afonso Henriques, n.º 82 — LISBOA —

COLÓNIAS DE FÉRIAS INFANTIS

Encontra-se aberta na sede desta Instituição, até 10 de Abril de 1974, a inscrição de filhos de beneficiários que desejem frequentar as colónias de férias infantis, conforme plano estabelecido pelo Instituto de Obras Sociais.

A inscrição só é permitida aos menores que tenham mais de 7 anos no acto da inscrição e menos de 11 em 1 de Junho do corrente ano.

Para qualquer esclarecimento sobre o assunto, podem os interessados dirigir-se a este Organismo.

Lisboa, 14 de Março de 1974

A DIRECÇÃO



Oculos de condução OSSEA

SURDOS

CASA SONOTONE

Chegou uma nova remessa de aparelhos auditivos o que há de mais moderno. Óculos só para encostar ao mastóide, sem fios nem pipetas, o mais cómodo possível. Fazemos trocas e prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Trabalhamos com as Caixas de Previdência. Pilhas de todas as voltagens LARINGS ELECTRONICAS para os operados a Laringe. Os nossos exames são gratuitos. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito reconhecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 888352

PORTO — Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef.: 02-35602

LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2 - 2.º A — Telef.: 38381

NÃO COMPRE ROULOTTE SEM VER AS CAVALIER NA FONSÉ

ARIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Influências contrárias aos seus interesses sentimentais teimam, por enquanto, em fazer sentir os seus efeitos, se bem que não o vá afectar para o futuro. Recomendamos prudência nas amizades, e paciência com os familiares.

DINHEIRO: No plano financeiro só com um bom raciocínio levará a bom termo os seus intentos.

PROFISSÃO: Qualquer problema pode tornar a sua posição embaraçosa, se der motivo a atitudes ou más vontades no seu emprego. Procure não alterar nada, de contrário encontrará-se numa situação delicada.

SAÚDE: Qualquer mal-estar proveniente do estado de espírito que presentemente atravessa.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: O período apresenta-se feliz para aqueles que desejarem casar. O ambiente familiar decorre sob bons auspícios e num clima tranquilo. As pessoas de família, e as amigas prestarão a sua ajuda sobretudo moral, para que tudo corra bem na sua vida.

DINHEIRO: Financeiramente é propício para alcançar, em parte, o desejado. Não tome deliberações de ânimo leve.

PROFISSÃO: Neste período deve pôr em prática os seus projectos importantes. Os astros influem benéficamente sobre as suas iniciativas. Con-

centre os seus esforços e proceda confiadamente.

SAÚDE: Pequenos incómodos de ordem passageira. Repouse o necessário.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: O período é pouco favorecido neste capítulo. A moderação e a paciência são os trunfos com que deve jogar para que não haja agravamento na sua vida sentimental durante esta semana.

DINHEIRO: A sua actividade neste campo será feliz se limitar a sua acção a empreendimentos e negócios de carácter rápido e prático.

PROFISSÃO: A actividade profissional caminhará com uma certa lentidão, mas observa-se segurança em todos os seus actos. Fuja das complicações ou de novas empresas que requeiram grandes responsabilidades.

SAÚDE: Estará em ótima forma física e isso muito contribuirá para que o seu espírito de iniciativa dê o melhor rendimento.

CÂNCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: A sua disposição durante esta semana é confiante, honesta, simpática e idealista. Boa oportunidade para melhorar a sua posição sentimental, as relações familiares e tratar de assuntos importantes relacionados com os seus interesses domésticos e amorosos.

DINHEIRO: Os seus assuntos de carácter financeiro sofrerão aumento,

isto é, beneficiarão de uma certa melhoria, tanto pelo seu esforço próprio como pela intervenção favorável de outros.

PROFISSÃO: Mostre-se sob reserva nas suas ocupações profissionais. Tenha prudência em todos os assuntos. A atenção e perspicácia são-lhe muito úteis durante este período.

SAÚDE: Não se observam grandes alterações no seu estado de saúde. Não faça excessivos esforços e procure consolidar o seu estado actual.

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Pode contar com protecções secretas nos seus casos de coração. Alguém se interessará por si para vos ajudar a compor a vida familiar e amorosa.

DINHEIRO: A actividade que despende não será em vão, porque os ganhos compensarão a sua actividade e todo o seu esforço. Momento oportuno para aplicar o seu capital em empreendimentos, cujos resultados não são imediatos, mas terão êxito no futuro.

PROFISSÃO: Entregue-se com mais entusiasmo ao seu trabalho se não quiser ver fraccassado todo o seu esforço anterior. A sua inconstância pode ser a causa desse infortúnio. Mantenha-se firme e não tome decisões precipitadas.

SAÚDE: E grande o seu nervosismo e a sua impaciência, mas com um pouco de calma e perseverança, e algum repouso, tudo decorrerá da melhor forma.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os maus aspectos astrais do seu signo conferem-lhe durante a presente semana uma disposição melancólica e certas apoquentações no campo afectivo.

DINHEIRO: As possibilidades financeiras desta semana são minguadas, em parte devido a desinteligências em sociedades ou falsas amizades. De qualquer modo o período é pouco compensador.

PROFISSÃO: Proceda com cautela antes de agir e mantenha-se na defensiva em todos os assuntos referentes à sua actividade e aos seus afazeres quotidianos. Não tome a seu cargo novas responsabilidades.

SAÚDE: Não é má, mas o seu estado de nervos continua a fazer sentir os seus efeitos. Tente distrair-se e, se possível, viaje ou mude de ambiente.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Semana de aborrecimentos no plano afectivo. Nos assuntos de amor e na sua vida doméstica as coisas não estarão a seu favor. Possibilidade de pequenos desentendimentos.

DINHEIRO: Pensará em muito dinheiro, em projectos grandiosos, aventuras financeiras, etc, e quando afinal salvo raras excepções conseguirá durante este período apenas o normal.

PROFISSÃO: Afaste a ideia de novas responsabilidades. Siga o caminho do dia-a-dia e escute os conselhos amigos das pessoas idóneas. Na verdade, o momento não é indicado para novas aventuras, que importam em maiores responsabilidades e grandes gastos.

SAÚDE: Observa-se um certo desalento que pode pôr em perigo a sua resistência física.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Período benigno à sua vida amorosa, doméstica e familiar, que decorrerá portanto em condições muito harmoniosas e agradáveis. A altura é própria para introduzir alterações e modificações no lar. Os assuntos de ordem familiar e amorosos estão sob excelentes influências astrais.

DINHEIRO: A influência de Mercúrio, seu planeta governante, indica uma semana auspiciosa em matéria de finanças.

PROFISSÃO: Os afazeres quotidianos marcham no plano desejado. Continue com entusiasmo e tome iniciativas com o propósito de melhorar a sua actual posição.

SAÚDE: Nada de especial se observa para esta semana, a não ser pequenas ansiedades que pode combater com o domínio dos nervos.

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: No domínio sentimental as

coisas não correm a seu favor. No ambiente familiar há grandes possibilidades de se verificarem perturbações de humor, que poderão ocasionar desinteligências, assim como no círculo das suas relações sociais e nos seus problemas puramente amorosos.

DINHEIRO: Adapte-se às circunstâncias, pois o esforço que fizer nem sempre corresponderá ao resultado. Não se arrisque financeiramente. Diminua as despesas e adie o que puder ser adiado.

PROFISSÃO: Continue o caminho que trilhou anteriormente. Não faça alterações de espécie alguma. Espere com serenidade a altura propícia de agir, porque a pressa pode prejudicá-lo.

SAÚDE: Repouse convenientemente para recuperar a vitalidade e recompor os nervos.

CAPRICORNIUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Período falso aos seus interesses amorosos. Pondere bem todos os seus actos, meça bem as palavras e, sobretudo, não provoque discussões. Igualmente, não dê azo a que assuntos antigos voltem a estar em evidência, porque poderão ser um ponto de partida a discórdia e ao desassossego.

DINHEIRO: Grande incerteza e insegurança quanto à sua situação financeira. Procure a todo o custo não mostrar aos seus amigos que está tão mal como consta entre eles.

PROFISSÃO: Deve adir todo e qualquer projecto que tiver em mente. Não desanime e aguarde que as influências lhe sejam mais propícias.

SAÚDE: Tome cuidado com o esco- lher para a alimentação, principalmente no que respeita a líquidos.

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Atravessará um período de meditação. Este estado de espírito não lhe permite dar muita atenção aos acontecimentos que se passem em redor da sua presença. Por vezes pode até causar uma certa estranheza a sua maneira de agir.

DINHEIRO: A semana é de grande importância neste capítulo. Conserve-se ao corrente de tudo quanto diga respeito aos seus interesses financeiros. Cuidado com a tendência para a extravagância, devida a exageradas preocupações com o vestir e prazeres.

PROFISSÃO: O período não é favorável para efectuar grandes negócios. Devido às coisas não lhe correrem de feição, haverá uma certa tendência a discussões com os seus sócios e amigos íntimos. Tente dominar-se e aguardar melhores dias.

SAÚDE: Pequenas indisposições de ordem passageira.

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Semana em que será alvo de muitas atenções, mercê do seu magnetismo pessoal. Excelentes satisfações amorosas, e conjugais. Um crescimento do seu encanto facilitará os seus interesses tanto de ordem familiar como sentimentais.

DINHEIRO: Explore as facilidades que se deparam para aumentar os seus rendimentos. Excelente para comprar e negociar em papéis de crédito, acções e operações de bolsa.

PROFISSÃO: No domínio profissional conseguirá uma melhoria com bons índices de continuação a aumentar. Se tiver necessidade de fazer deslocações por causa de negócios, é da máxima importância que seja pessoalmente a tratá-los.

SAÚDE: Precavenha-se contra os excessos de ordem física e mental. A moderação e a temperança evitarão muitos males.

TERRENOS

HASTA PÚBLICA

A Câmara Municipal de Lisboa, leva a efeito no próximo dia 19, às 10 horas, no Pavilhão dos Desportos, a venda de diversos lotes de terreno destinados à construção de moradia, prédios para habitação, comércio, instalações de características oficiais (artesanato) e armazéns ou indústria condicionada.

Na mesma praça será posta também à licitação a cedência de direito de superfície de um lote destinado a Cinema e Teatro e outro para Parqueamento Automóvel, nos Olivais.

As condições encontram-se patentes na 2.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças — Paços do Concelho — 3.º andar.

Paços do Concelho de Lisboa

O PRESIDENTE
António Jorge da Silva Sebastião



ATLANTICA
LINE
G É N O V A

EXPORTAÇÃO

Serviço expresso directo

LISBOA / USA / CANADÁ / LISBOA
IMPORTAÇÃO

Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.
Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.ª-feiras).

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Toronto Montreal St. John	Lisboa chegadas
Atl. Marseille	2 4	9 4	11 4	-	12 4	-	20 4
Atl. Livorno	5 4	-	12 4	14 4	-	15 4	24 4
Atl. Genova	12 4	19 4	20 4	21 4	22 4	-	30 4
Atl. Montreal	19 4	-	26 4	27 4	-	30 4	8 5

tempo do percurso Lisboa/New York 6, 5 dias
acomodações para passageiros.

OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados. EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segunda a sexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

Serviço Oficial TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua do Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES BMW ROVER VOLVO MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

Serviço Independente

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 20 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1 2 1905, 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

CURSOS

● MECANOGRRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC

máq. 029 - 059 - 129 - 1701 - 1710

Início dos cursos: 22 MARÇO

Informações e matrículas no

EXTERNATO CONTINENTAL

Tel. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.ª

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução todas as marcas c/ garantia.

Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

QUINAGENS

Corte e quinagem de todos os trabalhos até 6 m

FABRIFER — Venda Seca - Belas

Telefs. 96 02 75 - 96 07 38

É JAPONÊS E CHAMA-SE THUNDER-JET

É um sistema de ignição electrónica aplicável em todos os automóveis, e qualquer pessoa o pode montar em 1 MINUTO

Além de outras vantagens ele pode oferecer

30 % DE AUMENTO DE POTÊNCIA, e

20 % DE ECONOMIA DE GASOLINA

Vende-se nas casas da especialidade ou na

SEFIREX

R. VOZ DO OPERÁRIO, 64, 1.ª — Tel. 86 76 39 — LISBOA

O ÚLTIMO APRONTO



Tudo a postos para o grande jogo desta tarde. Em Alvalade, Yazalde e seus pares dão os últimos pontapés a brincar. Num hotel de Lisboa, Cubillas concentra-se para a sua estreia na capital. Os dois técnicos estão tranquilos; só os adeptos começam a dar mostras de nervosismo.

Tudo pronto para Alvalade. E tempo de nos metermos ao caminho...

VITÓRIA DE SETUBAL, 4 - ORIENTAL, 0

O ORIENTAL DESFALCADÍSSIMO FOI PRESA FÁCIL DO VITÓRIA

Não ofereceu dúvidas de qualquer espécie a vitória dos profissionais setubalenses sobre o grupo da região oriental de Lisboa, assim como não foi necessário forçar para chegar a um resultado volumoso de quatro golos sem resposta. Isto, para o Vitória de Setúbal, era o mais conveniente em vésperas de importante confronto com os alemães de Stuttgart, mas no modo como perdeu, o Oriental poderá apontar várias atenuantes.

Por exemplo: qual das equipas do fundo da classificação teria oposto réplica tão airosa, se desfalcada de sete dos seus jogadores habituais da primeira categoria? Talvez nenhuma e, quem sabe mesmo, se um grupo do topo em idênticas circunstâncias, não se teria feito rodear de adiantadas desculpas para obviar aos efeitos de provável derrota...

Do grupo principal do Oriental apenas se apresentaram no Bonfim o médio José Manuel e os avançados Madeira, Moia, Armando Luís e Quim. Tudo o mais eram reservistas, se não mesmo juniores, não oferecendo um mínimo de garantias ao treinador.

O guarda-redes é o terceiro da lista: Gomes (lesionado) e Azevedo (suspense) não puderam jogar. No seu lugar apresentou-se o jovem Artur que, por seu turno, se lesionou logo no primeiro minuto. Quando, aos 34 minutos, Duda atingiu, deliberadamente, o guarda-redes substituído chegou a pensar-se que Pedro Gomes, de treinador, teria de passar nesta noite a guarda-redes. A tal ponto chegou esta infeliz e depauperada turma orientalista.

No entanto, o panorama torna-se mais risonho, uma vez que Artur recuperou na cabina dos efeitos de uma joelhada nas costelas e Azevedo concluiu o seu castigo federativo.

Sobre o jogo propriamente dito, pouco a acrescentar. A questão ficou resolvida no primeiro minuto. Saiu o Oriental e um dianteiro tratou muito rapidamente de atrasar a bola para o seu guarda-redes, mas fê-lo com pouca força. Artur hesitou na saída e o defesa Vítor teve de interpor-se para evitar o pior. Só que, ao despachar a bola, Octávio já lhe estava à cola e ganhou o ressaltito. Rapidamente, abriu para a direita de onde Rebelo lançou Torres para a área e para o golo. Avançado e guarda-redes chocaram e do lance resultou a

saída do «keeper» em maca reduzindo de imediato, o potencial da sua equipa, no primeiro minuto e com um golo de desvantagem.

A partir daí assistiu-se à pressão constante do Vitória, apenas entrecortada com um ou outro contra-ataque dos pupilos de Pedro Gomes. Por sinal notou-se organização e intencionalidade nesses lances fugazes, podendo até o Oriental obter um golo por este processo. Mas não o conseguiu.

No segundo tempo, novo golo a abrir e descanso para os da casa, proporcionando-lhes mais requinte técnico, fruto da serenidade e da calma. Daí os quatro golos, sendo mais bonito o quarto: Jacinto João fintando tudo na esquerda, bola na grande-área, Duda a recebê-la no peito, a baixar para a relva

e a disparar na passada. Sem defesa.

Bom arbitragem de Ernesto Borrego, até nos dois eventuais golos que anulou a Torres e Duda por deslocações.

D.R.

Dois golos de Torres.

Pouca assistência, praticamente circunscrita aos sócios do Vitória, bom tempo e arbitragem de Ernesto Borrego, de Viseu.

Equipas: VITÓRIA: Joaquim Torres, Rebelo, Matine, José Mendes e Carriço; Octávio, Câmpora e José Maria; José Torres, Duda e Jacinto João.

ORIENTAL: Artur, Ventura, Candeias, Vítor e José Manuel; Armando, Luciano e Quim; Armando Luís, Moia e Madeira.

Substituições: Artur por José Manuel II, logo no primeiro minuto e Armando por Almeida, aos 60 minutos, no Oriental. No Vitória de Setúbal, José Lino e Vicente renderam Carriço e Jacinto João, respectivamente, aos 58 e 78 minutos.

Golos: José Torres (1.º e 58.º minutos), José Maria (47) e Duda (75).

OS JOGOS DESTA TARDE

Para além do sensacional Sporting-F.C. do Porto, que mobiliza as atenções gerais, este domingo futebolístico é completado com a realização dos seguintes jogos do Campeonato Nacional da 1.ª divisão: Académica-Montijo, Olhanense-Desportivo da Cuf, Barreirense-Farense e Leixões-Beira Mar.

Na 2.ª divisão nacional teremos: Riopelle-Tirsense, em Pousada de Saramagos; Varzim-Vilavense, na Póvoa de Varzim; Oliveirense-Desp. Aves, em Oliveira de Azeméis; Desp. Chaves-Lousa, em Chaves; Desp. Gouveia-Gil Vicente, em Gouveia; Espinho-Sanjoanense, em Espinho; Famalicão-Sporting de Braga, em Famalicão; Salgueiros-Fafe, no Porto; Penafiel-Feirense, em Penafiel; União Leiria-Alhandra, em Leiria; Atlético-Peniche, na Tapadinha; Sacavenense-Cova Piedade, em Sacavém; União Sport-Odivelas, em Montemor-o-Novo; Torres Novas-U. de Tomar, em Torres Novas; Tramagal-Marítimo, no Tramagal; Caldas-Portimonense, nas Caldas da Rainha; Almada-Sesimbra, em Almada; Torriense-Marinense, em Torres Vedras e Lusitano-Sintrense, em Évora todos às 15.



BOAVISTA, 1-BELENENSES, 1

NENHUM MERECIA GANHAR

Pode dizer-se que este encontro, entre «axadrezados» e «azuis» decorreu sobre o signo de igualdade, pois uns e outros tudo fizeram para conquistar os dois pontos.

Entretanto, durante toda a primeira parte, o futebol esteve bastante jogado, pois ambas as turmas lutaram mais que arrastaram, na mira de alcançar os seus objectivos. Daí o ter-se chegado ao intervalo com o marcador em branco, que traduz muito bem o que foi desenvolvido dentro das quatro linhas de jogo.

Mas, já na segunda metade do desafio, as coisas estiveram de outra feição, pois passou-se a assistir a jogadas de bom recorte técnico e verdadeiramente objectivas, com os avançados dos dois lados a criarem continuamente perigo para os guarda-redes adversários. Marcou em primeiro lugar o Belenense e isso trouxe um certo conformismo à equipa de Aimoré Moreira, que, no entanto, não deixou de continuar a lutar por o merecido golo, que viria a acontecer quase nos minutos finais. E, então, completamente galvanizados pela obtenção deste golo, os «axadrezados» meteram todos os «belenenses» no seu meio-campo e agigantaram-se de maneira a terem estado continuamente instalados para além da linha de seu meio-campo. Foram minutos de verdadeiro «suspense» em que os lisboetas tiveram de vencer (e bem) todas essas dificuldades, para não saírem derrotados do Estádio do Bessa.

Pena foi que o juiz da parti-

da tivesse dado ensejo a tantas questionculas, pois cometeu erros sobre erros, o que contribuiu para colocar os jogadores em contínua posição nervosa.

Arbitro: Joaquim Freire (Aveiro).

As equipas: BOAVISTA -- Vítor Cabral; Celso, Mário João, Barbosa e Tai; Wilson, Branco e Acácio; Rubinho, Rufino e Salvador.

BELENENSES -- Ruas; Murça Calado, Freitas e Pietra; Gualresma, Eliseu e Godinho; Quinito, Luís Carlos e Gonzalez.

Ao intervalo, 0-0. Marcadores: Ramalho (49 m) e Wilson (81 m).

Substituições: no Belenense, devido a lesões, Calado (18 m) e Luís Carlos (43 m) foram substituídos por Alfredo e Ramalho. No Boavista, Moura e Zézinho, entraram para os lugares de Acácio e Rubinho, respectivamente no início da segunda parte e aos 63 minutos.

FERNANDO PASSOS



Salvador: a ameaça. Murça: a protecção. Fiel da balança: o guarda-redes belenense.

BENFICA, 5 - VITÓRIA DE GUIMARÃES, 1

A FÁBULA DO INDEFESO CORDEIRINHO

Com espantosa facilidade, só entendida pelos que viram a poucos metros o tremendo descalabro de toda a defesa e meio-campo vimaranenses, o Benfica atingiu o 4-0 e estendeu-se, de papo para o ar, saboreando o repasto: um indefeso cordeiro, sem pernas para fugir nem unhas para ripostar. Aconteceu, ainda, que ao «penaltie» incontestado que marcou o sacudir de ombros de alguns pupilos de Mário Wilson, respondeu com o rápido 5-1. E a história do desafio da Luz ficou feita. De um lado, o Benfica: opiparamente refastelado no apogeu do festim. Por outra banda, um Vitória mais calmo e ponderado, vergastado nos nervos pela palestra do intervalo e pelo duche frio do reavivar das consciências.

Depois, no período complementar, foi só esperar o relógio: a obrigação estava feita. Por quase toda a gente.

A cilindragem

Os golos pareciam cerejas. Um minuto e um tento para a «casa»: bola em Artur, pontapé «à espanhola» («bicicleta» para a retaguarda, no belo e saudoso estilo dos Gainzas e dos Zarras), endosse a Diamantino, centro na linha de fundo e golpe mortal por Nené, o da corrida fulgurante. Rodavam mais 120 segundos e os «encarnados» estavam a bisar: aqui, porque Diamantino retribuiu o brinde de Artur e, com todo o flanco direito minhoto a olhar para as torres da Luz, o loiro ex-académico torna ineficaz e confundida a semi-defesa do atarantado Rodrigues. O 3-0 bate à por-

Por
NEVES DE SOUSA

ta aos 18 minutos: jogada Diamantino-Nené-Vitor Martins-Nené-Eusébio que somente esperava de Simões o empurrão fatal. E, logo (21 minutos) o 4-0, com Mário Wilson aos gritos na lateral e Vitor Baptista (metade com sorte e outro tanto com presença de miolos) a fazer o disparo, perante um estatismo confrangedor e acabrunhante dos abúlicos rapazes de Guimarães.

Esta arrepiante «goleada» era fruto, antes do mais, de erros crassos: a libertação de Artur (a quem não se concedeu nunca a honra de qualquer opositor), o fracasso de Osvaldinho e Costeado (zeros absolutos em todos os prismas), a colagem ao chão dos pés de José Carlos e a inexistência de meio-campo ou de rédeas na mão por parte dos convidados da «água».

Por outra banda, Artur, Vitor Martins e Nené, Diamantino e Barros, jogavam lindamente. E, sem esgrima directa, Humberto Coelho passeava e Vitor Baptista corria ou escorregava. Simões pontava e Eusébio ia deambulando a meio gás. Toda a bancada estava satisfeita e já se deitavam contas à vida em matéria de golos para todos os paladares.

O sossego

Aconteceu, então, que Osvaldinho foi embalado por Mário Wilson para o banheiro e o lugar de defesa desse lado passou para o vimaranense Artur que, pelo tempo fora, jamais poderia ser pior que Costeado ou o próprio Osvaldinho, simplesmente porque era im-



O golo de Nené

possível estar em desacerto maior... E o «team» do Vitória parecia outro: e logo ganhou um tento, embora por mercê de um «falhanço» de José Henrique (tardio em saída aos pés de Tito e, desfeiteado, a recorrer à prisão de pernas do dianteiro já dentro das 18 jardas). Manuel Pinto simulou e acertou: José Henrique, desconhecendo que o seu antigo colega de emblema atira sempre para a esquerda, bamboleou para o lado contrário: foi mesmo pela aberta dada que a bolinha se colou às malhas.

Nove minutos depois disto (29 jogados) Vitor Baptista deceparia os manos Pinto. Livre por Eusébio (falta de pernas de José Carlos...), passe a Diamantino e recarga: baliza aberta e 5-1. Que mais desejava o Benfica?

A calma

Ainda antes da pausa, assistira-se a uma agressão de Costeado a Artur (culminada com pé escarrapachado nas costas do «internacional»), a uma soberana «cabeça» de Eusébio sobre o travessão maior, a mais brados de Wilson para o relvado, a novos pontapés para as nuvens da atribulada «defesa» do Vitória, mais uns passes transviados dos perturbados convivas dos titulares nacionais. Simultaneamente, a um

pequeno tratado de futebol com assinatura branca de Nené e Artur: uma liga temperada em velocidade e entusiasmo, a simbiose (afinal) do próprio padrão-Benfica.

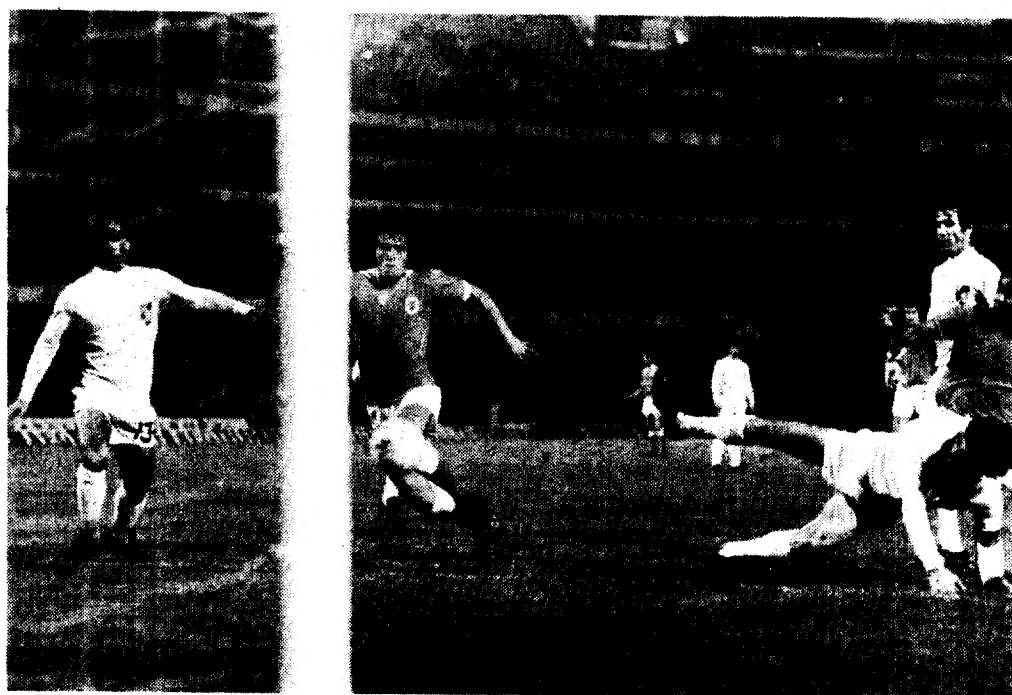
O público exultava: e nem sequer reparava em dois ou três errozitos do jovem juiz algarvio Manuel Poeira, nem imaginava que o banquete tinha acabado ali, sem licores nem café quente.

A saciedade

Mas, foi o que sucedeu. Abreu ganhou confiança e desatou o embrulho dos livros. Ibraim e Tito fendiam o lado manteiga dos rubros, onde Malta da Silva (e depois Adolfo) raramente atinavam com o corte exacto e José Henriques, destreinado ou muito confiante, perdia os dois ou três lances que sempre pertencem à sua jurisdição desde que o camisola número um se encontre em forma.

Sacudida a cavalgada, que parecia capaz de embriagar, o Vitória foi outro: saliente-se, contudo, porque a isso permitiu a displicência dos benfiquistas, apenas a desejarem o apito final e novo contendor pela portaria. Lógico. Natural. Uma batalha não é uma guerra: a

Continua na pág. 18



O primeiro tento de Vitor Baptista

ANDEBOL

Queda do Sporting na Luz e adeus ao título metropolitano

O grande jogo da noite de ontem, no Campeonato Metropolitano de Andebol da 1.ª divisão, teve como cenário o Pavilhão da Luz: aí se defrontaram o Benfica e o Sporting. O triunfo final acabou por sorrir à tur-

ma encarnada por 12-9. Outros resultados da ronda: Vitória de Setúbal, 16-Belenenses, 27; F. C. do Porto, 25-Progresso, 14; Desportivo de Portugal, 22-Alameda, 21 e Campo de Ourique, 15-Académico, 15.

Classificação

SPORTING	38
Benfica	37
Porto	36
Setúbal	35
Belenenses	28
V. Guimarães	27
Farense	22
CUF	21
Académica	19
Boavista	19
Olhanense	18
Barreirense	17
Oriental	15
Leixões	15
B. Mar	14
Montijo	13

Vitória do Estugarda

O Estugarda, adversário do Vitória de Setúbal nos quartos-de-final da Taça U. E. F. A., conseguiu averbar uma vitória no jogo ontem à tarde efectuado a contar para o campeonato do seu país. No seu campo, bateu o VFL Bochum por 2-0, resultado que fez animar um pouco a sua falange de apoio que andava desmoralizada.

BASQUETEBOL

O Benfica continua primeiro

Disputou-se ontem a 16.ª jornada do Campeonato Metropolitano de Basquetebol da I Divisão, tendo-se apurado os seguintes resultados: Vasco da Gama, 41-Algés, 67; Académico, 73-Benfica, 99; Sporting, 81-Ginásio Figueirense, 75; Sangalhos, 64-B.P.M., 49; Académica, 73-Desportivo da C.U.F., 57.

O Benfica continua no comando da classificação.

Na II Divisão, o Conimbricense perdeu com o Belenenses (66-75) e permitiu aos lisboetas obterem o título nacional.

Na primeira «mão» da Zona Norte da III Divisão, o Fluvial triunfou da luta com o Desportivo Dankal, por 66-54.

Râguebi

A Irlanda conquistou o Torneio da Cinco Nações em râguebi. Resultados dos jogos ontem efectuados: Inglaterra, 16 - País de Gales, 12 e Escócia, 19 - França, 6. A classificação final ficou assim ordenada: 1.º - Irlanda, 5 pontos; 2.º - País de Gales, França e Escócia, 4 pontos e na última posição a Inglaterra com 3 pontos.

AGOSTINHO EM SEGUNDO LUGAR NO CONTRA-RELÓGIO DO PARIS-NICE

Joaquim Agostinho parece ter «acordado» nas duas últimas tiradas da clássica Paris-Nice: se ontem noticiámos um brilhante 5.º lugar numa das etapas de 6.ª-feira, podemos hoje anunciar um excelente segundo lugar no contra-relógio individual com que a prova fechou. À frente de Agostinho, apenas se classificou o holan-

dês Zoetemelk, que viria a conquistar a prova. Como curiosidade, o facto de apenas o vencedor da prova e Joaquim Agostinho terem feito menos de 21 minutos num percurso de 9 quilómetros e meio, todos a subir.

Santy foi o segundo da classificação geral e Eddy Merckx o terceiro.

CAMPEONATOS SECUNDÁRIOS

Em jogo antecipado do Nacional da 2.ª divisão, União de Lamas e União de Coimbra empataram sem golos.

Jogo no campo «Comendador Henrique Amorim», em Lamas. Árbitro: Armando Castro, de Lisboa. Equipas: LAMAS: Delfim; Toni, Neves, Chico e Barbosa; Coimbra e Romão; Lu-

la, Caninhas, Roma e Fontes. UNIÃO COIMBRA: Sousa Rui Silva, Carlinhos, Luis Pinto e Raúl; Silvestre e Zeca; Leal, José Carlos, Damião e Vitor Silva.

Maior intencionalidade atacante dos «lamacenses», mas fraca finalização e bom sentido defensivo dos «unionistas».

III Divisão

Para o nacional da 3.ª Divisão, o Paços de Brandão bateu o Rio Ave por 2-1.

Juniões

Em jogo antecipado do Campeonato Nacional de Juniores, o «Limianos» derrotou o Sporting de Braga, por 1-0.



BENFICA, 5-VITÓRIA DE GUIMARÃES, 1

Continuação da pag. 17

guerra do campeonato tem 30 lutas e o Vitória de Guimarães era pudim flan que já poisara no estômago.

A digestão

Consumiram-se, assim, 45 minutos frios e tristes. Vítor Baptista passou a escorregar mais vezes, Eusébio cedeu a sua artilharia a Jordão, o mviçoso Abreu começou a justificar o interesse do Sporting pelo seu concurso e até Costeado ganhou uma escaramuça: sinal evidente da contemplação benfiquista e de mais sangue nas veias vimaranenses.

Tito conseguiu, mesmo, bombardear José Henrique de modo traço: o guarda-redes, sempre a alternar o ótimo com o infantil, apanharia 20 valores de qualquer juiz, com aquele soberbo desvio para «canto». Mas, a toada enrolada e morna persistia: nem o Vitória aproveitava a aberta do temporal, nem o Benfica pisava o acelerador. Toda a gente estava desejosa de se levantar da mesa.

O sono

Manuel Poeira, porém, ainda teria oportunidade de vir censurar a berraria de Wilson: mas também de ficar com o olhar vítreo quando Tito arremessou para longe uma bola que estava a ser solicitada por si mesmo. Isso, apesar de tudo, não deixa de colocar em bom horizonte dentro da Comissão Central: é melhor que muitos de emblema internacional e também tem sobre alguns deles a vantagem de uma dezena de anos e de dúzia e meia de quilos a menos, dentro das costuras. Um juiz, como se vê, que sempre acompanhou o jogo e raramente colidiu com a justiça das leis do futebol.

Quanto ao Benfica, tudo já afirmado. Entre os de menor produção, o caso insólito de se contar Eusébio. E de se poderem alinhar Artur e Vítor Martins como os fulgurantes na cilindrada que definiu o rumo do duelo.

Este Vitória, em contrapartida, foi presa indefesa nos 45 minutos de abertura: as garras da água fizeram descarnar os veteranos e não deixaram mais que espremer os novatos. Só depois Abreu fez o cartaz: na moldura deste «resistente»

apenas há lugar para Ibraim, Tito e Romeu. Aos outros, só uma lavagem ao cérebro e uma passagem de esponja sobre a idade pode justificar (em termos de futuro) a pobre passagem pelo palco da Estrada da Luz. Quem sabe se o Sporting não irá pagar (com muitas agruras) o que o Benfica fez aos mocos lá do Minho...

Números e nomes

Manuel Poeira (Faro) arbitrou este Benfica-Vitória de Guimarães, resolvido logo no tempo inicial: 5-1 no marcador (golos de Nenê, do benfiquista Artur, Simões, Vítor Baptista, Manuel Pinto e novamente por Vítor Baptista). Os «teams»:

BENFICA: José Henrique; Malta (Adolfo), Humberto Coelho, Barros e Artur; Vítor Martins, Vítor Baptista e Simões; Nenê, Eusébio (Jordão) e Diamantino.

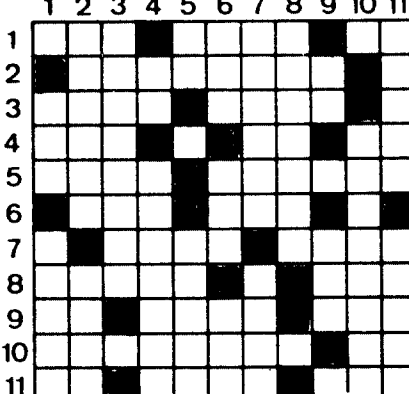
GUIMARÃES: Rodrigues; Costeado, Manuel Pinto, José Carlos e Osvaldinho (Artur); Ernesto, Abreu e Custódio Pinto; Romeu, Tito e Ibraim.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 10726

HORIZONTAIS

- Recusa. Uma das partes do Mundo. Tempo do verbo haver.
- Que obriga imediatamente.
- Estera. Origens.
- Agora. Nota musical. Peio de certos animais.
- Tenebrosa. Argamassar.
- Suspiros. Agora.
- Guarnecem de asas.
- Desertos. Medida de líquidos da Suíça.
- Estrepto de desmoronamento. Rio de Portugal. Nome de mulher.
- Grêmios. Sufixo que designa estado.
- Nesse momento. Extremidades dos braços. Herdade delimitada por marcos.



VERTICAIS

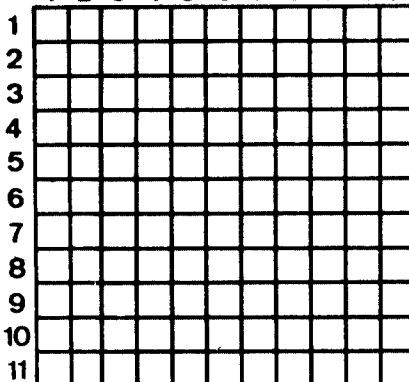
- Jiboia. Solo.
- Ancora. Sai frequentemente à rua.
- Guarneceriam com cercadura.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Arrasam.
- Amonio (s.q.) Cidade da Hispânia.
- Preposição. Bondoso. Grande peixe africano.
- Aspirar. Saudáveis.
- Inflamaras.
- Pertences. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de há! OH!
- Trabalhador do campo. proprietário de herdades.
- Tostar. Nome de homem.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6884

HORIZONTAIS

- Conjunto dos leitões que nasceram de um parto (pop.).
- Sacrificara.
- Vagueiam. Uma das Esporadas.
- Mulas. Carta geográfica.
- Em as. Mesquinho. Senhor em inglês.
- Sufixo que designa estado. Personagem que levou a Hércules da parte de Dejanira. a túnica fatal do centauro Nesso. Autores.
- Freguesia do conchelo de Louie. Diverso.
- Madeira. Braço de mar.
- Gênero de aves galináceas da América.
- Fenda. Abastadas.
- Queirne. Nome de fruto.



VERTICAIS

- Ilha grega do arquipélago. Nome de letra.
- Sairam frequentemente à rua. Reis.
- Lugar onde se seca a cana de açúcar. (pl). O mesmo que lãria (prov. trasm).
- Magnetes naturais. Variedade negra de jaspé. empregada nas ourivesarias para reconhecer se os objectos são de ouro.
- Diapason. Caminhar para cá. Em a.
- Artigo definido (ant.). Textualmente. Sentidas Condições.
- Fluido aeriforme. Primeira parte do nome de uma cidade do Tonquim. Sufixo que designa estado.
- Lavrã. Produzir efeito.
- Nome de jogo. Nome de vários passaros corinthos de África.
- Preparara com ópio. Antes do meio-dia.
- Guarnecerão de asas. Membro de ave.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10725

HORIZONTAIS:

- EM. ANO. Boda.
- Aca. Opacos.
- Greta. Arabe.
- Erras. Or. Ri.
- Aar. Sa. Aa.
- Dra. Ocar.
- Dolar. Pôr.
- Corar. Ao.
- Hospitaliza.
- Ac. Avisos.
- Ain. Romão.

VERTICAIS:

- GEADO. HA.
- Marrar. Coca.
- Cerrados.
- Aatã. Orpen.
- Assolai.
- Oó. Acartar.
- PÃO. Ar. Avô.
- Barrar. Alim.
- Oca. Poisa.
- DOBRADO. Zoo.
- Aseia. Rias.

Provérbio: EM ANO GEADO, HÁ PÃO DOBRADO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6883

HORIZONTAIS:

- Pirangaria.
- Ira. Ora. lam.
- Ra. Asara. Rã.
- Aoros. Ardor.
- Ota. Umé.
- Es. Pt.
- Mês. Cro. Fia.
- Amoco. Asar.
- Era. Açorar.
- Pirita. Bati.
- Loiro. Basim.

VERTICAIS:

- Pirapema. Pi.
- Irão. Semeio.
- Rã. Ro. Sorri.
- Aoto. Cair.
- Nossa. Co. To.
- Grã. Fr. Aa.
- Aarau. Cão.
- Arma. Soba.
- Il. De. Faras.
- Aaro. Pirati.
- Marota. Rim.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

25 MILHÕES DE PORTUGUESES

Programa gravado no Teatro Maria Matos sendo o desta noite dedicado à cidade de Bragança

2.º Programa (22.00)

NOITE DE CINEMA

O Mordomo da Ilha Deserta

Filme de grande metragem realizado por Lewis Gilbert

MADEIRA SIEMENS
 O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

- 1.º Programa**
1.º Período
- 12.30 Abertura e missa de domingo
- 13.10 Dia do Senhor
- 13.15 Hoje pode ver
- 13.45 Telejornal - 1.ª edição
- 14.00 Expedição
- 14.30 TV Educativa Educação musical
- 14.50 TV Rural
- 15.00 Danças e cantares
- 15.40 Tarde de Cinema «Doida por Música»
- 17.25 TV Infantil
- 17.55 FÚTEBOL** Jogo Sporting-Porto em diferido.
- 19.45 Telejornal (2.ª edição)
- 2.º Programa**
- 20.00 TV 7
- 21.00 Dr. Simon Locke
- 21.30 Telejornal - 3.ª edição
- 22.00 25 Milhões de portugueses
- 23.30 Domingo desportivo - 2.ª edição
- 00.15 Telejornal - 4.ª edição
- 00.20 Fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e as Solteironas
- 20.55 Do, lá, si
- 21.30 Telejornal - 3.ª edição
- 22.00 Noite de cinema «O Mordomo da Ilha Deserta»
- 23.40 Fecho

AMANHÃ

- 1.º Programa**
1.º Período
- 12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
- 13.00 Vivendo o futuro
- 13.15 «A Família Partridge»
- 13.45 Telejornal - 1.ª edição
- 14.00 O Homem de amanhã
- 14.20 Logo à noite
- 2.º período**
- 14.40 Ciclo Preparatório TV
- 19.00 TV Educativo - Língua Portuguesa
- 19.25 «O Diário das Fábulas»
- 19.30 Telejornal - 2.ª edição
- 19.45 Momento desportivo
- 20.10 TV Paíco
- 21.00 Museu Aberto
- 21.30 Telejornal - 3.ª edição
- 22.05 Columbo
- 23.50 Telejornal - 4.ª edição
- 23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

- 20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
- 20.45 O Homem de amanhã
- 21.00 «A Família Partridge»
- 21.30 Telejornal - 3.ª edição
- 22.00 Impacto
- 22.50 Música para olhar
- 23.05 Silêncio... vamos rir!
- 23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NAScer AS 7.45

OCASO AS 19.46

DIA 23

DIA 31

DIA 6

DIA 14

EMISSIONA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva — rádio desporto — futebol: relato e informações dos jogos da 24.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — actualidade desportiva

17.30 Música sem palavras

18.05 Música portuguesa

19.05 Música da Europa

20.00 Jornal da noite — êxitos em paradas

21.00 Rádio desporto

21.30 «Eco 74» programa em que colaboram a Orquestra de Variedades da Emissora Nacional e o Conjunto de Hilário Sanches, sob a direcção de José Mesquita

22.00 Teatro das comédias «A Guarda Cuidadosa», de Cervantes

22.29 Música portuguesa

23.05 Sol e toiros

23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia

00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) — sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade

00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Noticiário — onda musical

17.00 Perspectivas da obra de Mozart

18.00 Concerto de domingo — 1.ª parte

18.40 Collecção de Tonadillas

19.00 Concerto de domingo — 2.ª parte

20.00 Jornal da noite

20.30 Abertura da ópera «Beatriz e Benedito» (Berlioz)

20.40 O homem e a sociedade pelo dr. Ferreira de Almeida

21.00 Recital de piano por Helena Costa

21.30 Que quer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão

23.00 Emissão em línguas estrangeiras

01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

14.45 Tarde desportiva

17.00 Chave do totobola

17.03 Projectção

17.33 Meia hora depois

18.03 Música pelo caminho

18.45 Ritos em destiie

19.03 Fórmula 1

19.30 Vedetas e canções

20.15 Comentador desportivo

20.30 De sete em sete dias

20.45 Música para o seu jantar

21.30 Quando o telefone toca

22.05 Antiquário

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas

23.19 Tempo de ritmo

23.30 No mundo aconteceu

02.00 A noite é nossa

06.00 Diário rural

07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário

18.02 O nosso programa

19.04 Em órbita-1

21.03 Boa noite em FM

22.02 Clube à go-go

00.02 Em órbita-dois

01.02 Banda sonora Sonipol

02.00 Perspectiva

03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.50 Panorama

17.30 Emissão 28

18.05 Zona azul

18.20 Palavra do dia

18.25 Terço e missa

20.05 Zona verde, espaço ocupado pela família

20.35 Intervalo

21.05 Suplemento especial

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Programa dos sócios

23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RADIO PENINSULAR

Das 6.00 às 8.00 e das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00

CLUBE RADIOFONICO DE PORTUGAL

Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RADIO GRAÇA

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RADIO VOZ DE LISBOA

Das 14.30 às 17.00



LISBOA

TURNO J 1
(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef. 886126)

ALVALADE
Lúcia, Av. da Igreja, 4-B (Telef. 711681); Celta, Rua Moura Góes, 3-B (Telef. 710621)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Telef. 681515)

ARCO DO CEGO
Previdência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Telef. 730324)

AREIRO
Lusitana, Av. de Roma 18-A (Telef. 725443); Paes, Rua Abade Faria, 22-A (Telef. 723965)

ARROIOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Telef. 49479)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Telef. 703697); Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef. 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Telef. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438)

CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef. 661330)

ESTEFÂNIA
Delio, Rua Açores, 32 (Telef. 52388)

ESTRELA
Linaida, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955)

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B

PEDROUCOS
Higiluz, Rua de Pedrouços, 50 (Telef. 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Rodrigues, 27-A (Telef. 843880); Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berne, Avenida de Berna, 44-A (Telef. 773568); Oliveira Viagas, Rua do Viriato, 29-A (Telef. 48966-553601)

TURNO J 2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telef. 638256); Tapada, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 1-A (Telef. 843571)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Telef. 821773)

AREIRO
Marbel, Av. de Roma 131-A (Telef. 776235); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa 176 (Telef. 362687)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A. 182 (Telef. 651840)

BAIXA
Normal, Rua da Prata 220 (Telef. 321342-325553)

BENFICA
Bentiluz, Estrada de Benfca, 444-A (Telef. 782606)

CAMPO DE OURIQUE
Fíndor, Rua Maria Pia, 514 (Telef. 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Telef. 553308)

CASTELO

Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef. 869831)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Telef. 702226)

ESTRELA
Naves, Rua da Bela Vista, 35 (Telef. 661251)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 33-A (Telef. 791131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo (Telef. 382470))

OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Telef. 310581)

PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (a Calçada dos Barbadinhos) (Telef. 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-728395)

S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Telef. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marques de Sá da Bandeira, 36-42 (Telef. 41961-54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS
Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 280008)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-lote 146-B, 9º Janeiro (Telef. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gemeiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Guimarães, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António Aguiar, 259 (Telef. 2073012)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 270356)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETUBAL
Rosado Pinto, P. do Bocado (Telef. 22484); Nova, R. General Gomes Freire (Telef. 22052)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

7.º TURNO

SUB TURNO A
Alirio de Barros, Suc., Rua de Costa Cabral, 240; Central, Rua Santo António, 203; Gomes Carneiro, Rua de Cedofeita, 348; Magalhães, Rua de Serralves, 566; Nova de Monsanto, Rua de Monsanto, 148; Ribeiro Junior, Sucr., Rua Firmeza, 99-A

SUB TURNO B
Correia, P. M. de Albuquerque, 50; Corujera (da), R. S. Roque Lameira, 1473; Couto, L. S. Domingos, 106; Lapa (da), R. Antero Quintal, 211; Luso-Francesa, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (Telef. 71454); Vilaça, Ld.ª; R. Ferreira Borges, 132 (Telef. 22043); Cruz e Costa, R. A. Vasconcelos, 71-A (Telef. 22715)

ROXY (Telef. 48560)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Tecnicolor Grupo D (18 anos)
Incrivelmente atrevido ROSAS VERMELHAS PARA O INIMIGO com Danny la Rue

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
5.ª semanal Technicolor. Grupo D (18 anos) Liv Ullmann - Gene Kelly - Edward Albert. «40 Idade Perigosa» Uma história de apaixonante interesse.

BERNA (Telef. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
14.ª semanal Technicolor. TODD - ao 35 Grupo D (18 anos) o filme de Norman Jewison. «Jesus Cristo Superstar»

CONDES (Telef. 322523-326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D - 10 anos) 2.ª Semana Os terríveis mistérios do fundo do mar e a odisseia fantástica daqueles que avenceram! «UMA ODISSEIA SUBMARINA», com Ernest Borgnine, Yvette Mimieux, Ben Gazzara e Walter Pidgeon.

ROMA (Telef. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Eastmancolor. Dani-Michel Galabru, Jean Leferbure «VEM AI OS CABELUDOS»
Hoje e amanhã às 18.30 Grupo B (10 anos) A GRANDE BRONCA

CASINO ESTORIL (Telef. 26421-264946)
15.30 - 18.30 e 21.30
Eastmancolor. Grupo D (18 anos) «Um Verão para Matar» com Karl Malden e Olivia Hussey

ESTÚDIO APOLO 70 (Telef. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
18.ª semanal Eastmancolor. Grupo D (18 anos) O filme de Ingmar Bergman «Lágrimas e Suspiros». Hoje às 24.00 horas. Cowboy à meia-noite. Grupo D (18 anos). «Os 4 Filhos de Katie Heller» de Henry Hathaway, com John Wayne

EUROPA (Telef. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Jean Louis Trintignant, Romy Schneider «O ÚLTIMO COMBOIO» 5.ª

Semana Matinées infantis (Grupo A: 6 anos) Hoje e Amanhã às 18.30 «O PRINCEPEZINHO E O DRAGÃO DAS SETE CABEÇAS»

IMPÉRIO (Telef. 555134)
15.15 - 18.30 - 21.30 2.ª Semana! Colorido Grupo D (18 anos)
ROSAS VERMELHAS. Gina Lollobrigida e Renaud Verley (Metro Alameda)

ESTÚDIO 444 (Telef. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
22.ª semanal Eastmancolor Grupo D (18 anos) «O Porteiro» Bernard Le Coq - Maureen Karwin - Michel Calabru

LONDRES (Telef. 731313)
14.45 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Colorido. Grupo D (18 anos) 3.ª semanal Grande Prémio do Juri Festival de Cannes 1973. Uma festa fabulosa «O Convite» (L'Invitation) o filme de Claude Goretta

CINEMA CASTIL (Telef. 530194)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Eastmancolor
François Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJEÇÃO PRIVADA» (Estacionamento Parque Castil)

TIVOLI (Telef. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. Piccoli, Stéphane Audran «NUPCIAS VERMELHAS». Um filme de Claude Chabrol.

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-1 anos)
Um filme de António Cunha Teles. «MEUS AMIGOS» com Manne Madeira, Teresa Mota, J. Vaz Pereira, Maria Otília, António Modesto Navarro e Pedro Bandeira Freire (Metro, Alameda)

MONUMENTAL (Telef. 555131)
Quinzena humor muito negro
Amanhã às 18.30 Grupo D (10 anos)
«O Inimigo Público» realização e intervenção de Woddy Allen

S. JORGE (Telef. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo B - 10 anos)
Ele al está Terence Hill
E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO

ODEON (Telef. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 3.ª Semana! Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPA-GEM» Atenção só a noite Tony de Matos canta no palco.

ROYAL (Telef. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
«VAMOS A ISTO, RAPAZES». Em complemento «AMERICANÍSSIMO»

POLITEAMA (Telef. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Technicolor Grupo C (14 anos) Giuliano Gemma - Bud Spencer «Até os Anjos comem feijões»

VOX (Telef. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Technicolor Grupo B (10 anos) Walt Disney apresenta «Nam Visto nem Achado» com Kurt Russel e Joe Flynn

CINEARTE (Telef. 660446)
15.30 e 21.30
Eastmancolor. Grupo C (14 anos) Tony Kendal - Ida Meda - Peter Thorpy. «Os 4 Justicheiros» Matinée Infantil. Hoje às 18.30 Grupo A (6 anos) Uma divertida comédia! «O Ze do Burro»

SATÉLITE (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
2.ª semana! Eastmancolor Grupo C (14 anos) Klausinski - Helena Rojo - Ruy Guerra «Aguirre o Aventureiro» Prémio Festival de Berlim 1972

ALVALADE (Telef. 717480)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
6.ª semana! Colorido - Grupo D (18 anos) Elizabeth Taylor - Richard Burton «A Engrenagem» um filme de Peter Ustinov, Elizabeth Taylor, Grande Prémio Festival de Berlim 1972

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana Colorido
«OS 4 SARGENTOS BOINAS VERDES» William Smith e Tony Young

PATHE (Telef. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Joanne Woodward no filme de Paul Newman «A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS» Prémio interpretação feminina Cannes 73 (Metro Arroios)

AVIZ (Telef. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor
«ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES» Giuliano Gemma e Bud Spencer

RESTELO (Telef. 610275)
17 e 21.30
6.ª semana! Technicolor. Grupo D (18 anos) «A Engrenagem» com Elizabeth Taylor - Richard Burton e Peter Ustinov

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Punhos de vingança»

AGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês»

BATALHA
21.00 (18 anos)
«O Porteiro»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Não há fumo sem fogo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Atalante»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Cai a noite sobre a cidade»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Venha tomar café conosco»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O escorpião»

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Atila»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Pinturas de Lucília de Brito e de Francisco de Oliveira. Salão de Marco.

CASINO ESTORIL — Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h.).

DIPROVE — Pintura, desenho e gravura de Zao Wou-Ki (das 15 às 21 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — 100 desenhos europeus (das 10 às 20 h.).

FUTURA — Mostra de trabalhos de Isabel Gândara.

GALERIA «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — Pintura de Maria Fernanda Amado (das 10 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 19 h.).

GRAFIL — Xilogravuras de Hein Semke.

OTTOLINI — Pintura de José Nuno Câmara Pereira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h. excepto domingos).

PALÁCIO FOZ — Desenhos de Gracinda Marques.

PRISMA 73 — Gravura contemporânea (das 15 às 20 h. excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h.).

QUADRANTE — Oleos de Pires Vieira.

S. FRANCISCO — Pintura de Teresa Magalhães.



Não guarde trapos e papéis velhos

BARS BOITES

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Varedades in b maciona is. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

HIPOPOTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto e Aguiar, 5-A. T. 48394.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Sil-

va, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA — Marão e s/ conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Figue de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibilur quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DANCING

O Banco de Fomento adquire minas de ferro e fosforite

Foram deferidos os requerimentos do Banco de Fomento Nacional, S.A.R.L., para concessão de alvará de várias concessões mineiras, adquiridas por aquela instituição em hasta pública realizada no dia 28 de Fevereiro de 1972.

Trata-se das minas de fosforite da «Zinhaga Nova», «Farropa», e «Monte Raso», freguesia de Santo António das Areias, Marvão; e minas de ferro denominadas «Costa do Marão», na freguesia de Fontes, concelho de Santa Marta de Penaguião; «Mesa dos Mouros n.º 1», na freguesia de Vinhós, Peso da Régua; e «Mesa dos Mouros n.º 2», na mesma freguesia e concelho.

De acordo com os termos da

concessão, a concessionária «fica obrigada a fornecer os minérios necessários para a laboração das indústrias que, visando a sua utilização, existam ou venham a existir no País, ao preço corrente oficial, deduzidas as despesas não efectuadas pelo facto de terem sido extraídos no nosso território, bem como a todos os preceitos consignados na legislação mineira e ainda à seguinte condição especial: as operações de lavra serão efectuadas directamente pela concessionária (ou pelo arrendatário), que se não limitará a comprar minério ou a dar trabalhos de empreitada».

Os termos respectivos foram ontem publicados no Diário do Governo, III Série.

AUTOMÓVEL CONTRA UMA ÁRVORE

Ao princípio da noite, no cruzamento de Massamá, despiu-se um automóvel que, em consequência, foi embater de frente contra uma árvore.

O condutor, Clementino Xavier Pereira, de 30 anos, empregado de escritório e residente em Aqualva-Cacém, ficou politraumatizado, pelo que se encontra internado no Hospital de S. José. No mesmo estabele-

cimento ficou o seu colega Carlos Eusebio Baptista Esteves Assumpção, de 18 anos, também de Aqualva, que perdeu o conhecimento, e pouco mais.

Os outros ocupantes do veículo sinistrado, Carlos Fernandes Barbosa, de 40 anos, morador nos Olivais e António José Alves Moura, de 30 anos, residente em Olival Basto, recolheram a casa depois de tratados a ferimentos ligeiros.

Cigana ferida a tiro

Uma mulher cigana, Maria Júlia, de 37 anos, foi atingida com um tiro de pistola, no abdómen, em consequência de uma rixa entre pessoas da sua rama ontem ocorrida em Alenquer.

O autor do disparo foi o próprio companheiro da vítima, que se entregou voluntariamente às autoridades.

O estado da ferida não é grave, segundo informações dos serviços competentes do Hospital de S. José onde ela se encontra internada.

O TEMPO

CHUVA FRACA OU CHUVISCOS

O Serviço Meteorológico Nacional prevê, até às 24 horas de hoje, céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado, predominando do Sudoeste; períodos de chuva fraca ou chuviscos na faixa costeira a Norte do rio Tejo; condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro durante a madrugada e começo da manhã.

CENTRO HOSPITALAR DAS CALDAS DA RAINHA

..O subsecretário de Estado da Segurança Social homologou uma acta adicional ao acordo celebrado entre a Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria e o Centro Hospitalar das Caldas da Rainha. Segundo a mesma, é facultada aos beneficiários daquele organismo a possibilidade de receberem assistência, através de consultas externas.

A FALTA DE PAPEL

O Conselho Geral do Grémio tomou ainda conhecimento do resultado das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho dos Gráficos, recentemente acordado, e que entra em vigor em 1 de Abril próximo, tendo mostrado certa apreensão em face do substancial aumento de salários, sobretudo em relação às empresas de menores dimensões.

Numa reunião do Conselho Geral do Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, para apreciação do Relatório e Contas do exercício de 1973, foram abordados «os graves problemas que a Indústria Gráfica atravessa, nomeadamente no que respeita à carência de papel e de outras matérias-primas».

DO MINISTÉRIO DA SAUDE

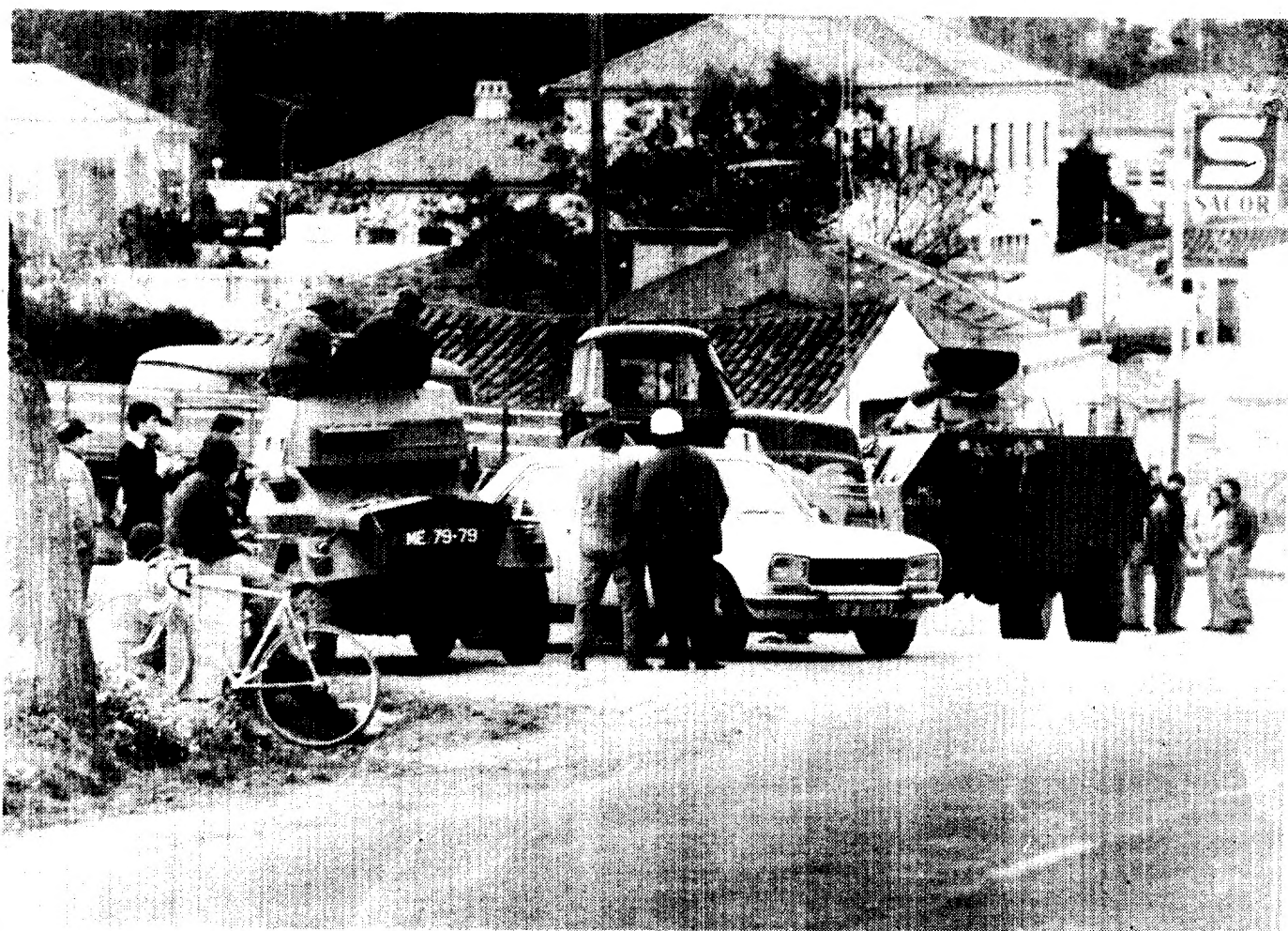
..A convite dos Governos dos E.U. e Canadá, seguiu para Montreal uma missão do Ministério da Saúde, constituída pelos drs. Caiola da Mota, subdirector do Gabinete de Planeamento daquele ministério, L. Coelho e dr. Balté, respectivamente subdelegado de Saúde e representante da Federação das Caixas de Previdência. A estada prolongar-se-á por cerca de duas semanas e inclui uma visita de estudo a centros de Avaliação Sistemática de Cuidados da Saúde.

PRÉMIOS BANCO DE ANGOLA

No ano corrente serão atribuídos os prémios de Ficção (romance, novela ou contos), Sociologia, Economia e Universitário de Economia, sendo de 50 000\$00 o valor de cada um, com excepção do último, cujo montante é de 25 000\$00.

Os originais, assinalados por um pseudónimo, devem ser acompanhados de um envelope separado, fechado e lacrado, com a indicação, no exterior, do pseudónimo usado e contendo no interior a sua identificação completa e o respectivo endereço.

Os jurís só poderão premiar obras que, pelo seu conteúdo, não contestem os ideais da comunidade lusófona e da unidade da Nação Portuguesa.



Carros de assalto à entrada das Caldas, a meio da tarde de ontem

INSUBORDINAÇÃO ABORTADA A EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS NAS CALDAS DA RAINHA

Eis a evolução dos acontecimentos centrados no Quartel de Infantaria 5, nas Caldas da Rainha:

Sábado às 3 e 30 da madrugada: incidentes internos no quartel, situado à saída das Caldas, entre uma mata e o alto do Avenal. A policia regimental e a Guarda Nacional Republicana realizam movimentações na cidade, convocando oficiais para o quartel. Será esta também a hora da saída de uma coluna militar em direcção a Lisboa e constituída por elementos do R. I. 5 e outros, que entretanto se lhes tinham juntado. Vem a saber-se posteriormente que estavam detidos na unidade os seus dois comandantes e três majores.

RETIRADOS DAS BIBLIOTECAS OS LIVROS DE SOLJENITSYNE

MOSCOVO, 17 — (UPI-ANI) — No dia seguinte ao exílio de Alexander Soljenitsyne para o Ocidente, o Governo soviético ordenou a todas as bibliotecas públicas que retirassem das suas salas de leitura, as cinco obras que o escritor publicou na União Soviética — informam círculos literários autorizados.

A ordem nesse sentido, que não foi publicada, teria sido assinada pelo director dos serviços centrais para salvaguarda dos segredos de Estado na Imprensa, Pavel K. Romanov. E o documento datado de 14 de Fevereiro, ou seja, o dia seguinte ao do exílio de Soljenitsyne.

«Não há dúvida de que uma ordem destas significaria que as obras vão ser destruídas» — afirmou-se num dos círculos.

As obras retiradas são: «Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch», e quatro contos — «Um Incidente na Estação dos Comboios de Krestetovka», «O Páteo de Matrena», «Em Prol do Problema» e «Zakhar-Kalita».

ASSUME AMANHÃ AS SUAS FUNÇÕES O MINISTRO DA AGRICULTURA E COMÉRCIO

O dro. Mota Campos, nomeado para sobraçar a nova pasta da Agricultura e Comércio, assume amanhã as suas funções. Durante a cerimónia, que decorrerá às 17 h. naquele departamento no Terreiro do Paço, entram também na efectividade das funções o secretário de Estado da Agricultura, prof. Mendes Ferrão, e o subsecretário do Comércio, dr. Henriques de Almeida.

ULTRAMAR

O ministro do Ultramar trabalhou com o coronel Alves Almeida e com o eng.º Guedes de Campos, respectivamente governador de Timor e secretário provincial das Obras Públicas de Angola. Recebeu ainda o tenente-coronel Santos e Castro, governador do distrito de Cuanza Norte.

Princípio da manhã: A coluna, atinge as portas de Lisboa, guarnecidas entretanto por pesado aparelho de interceptação. Tanto quanto se sabe, é detida a guarda-avanzada da coluna insurrecta, que retrocede, ignorando-se o percurso seguido.

Meio da manhã: Noticia-se o avanço em direcção às Caldas de importantes efectivos provenientes de núcleos militares do Centro do País. Ate-nua-se o aparelho de segurança no interior e na periferia da capital.

Cerca das 12 horas: Começa a estabelecer-se o cerco ao quartel de R.I.5 por forças do Regimento de Infantaria 7 (de Leiria) do Regimento de Infantaria 15 (de Tomar) da Escola Prática de Cavalaria (Santa-rém), reforçadas por largo contingente de intervenção da PSP (Companhia Móvel de Oeiras), Guarda Nacional Republicana deslocada de Lisboa e agentes e viaturas da Direcção Geral de Segurança Condicionado o trânsito de acesso às Caldas da Rainha.

Cerca das 15.30: Reforça-se o cerco ao quartel cuja retaguarda, protegida por um muro, é guardado do exterior por um apertado cordão de tropas de infantaria com «bazzokas» e por carros de assalto.

São ocupadas posições de artilharia nas imediações. E suspenso o trânsito de viaturas e peões na zona fronteira do Avenal. A PSP promove a circulação das pessoas que entretanto se concentravam para observar as operações: operações que consistiam apenas, tanto quanto se via, na entrada e saída de «jipes» conduzindo oficiais superiores, que parecem parlamentar com os sitiados.

Cerca das 18.30: Divulgada a nota oficiosa governamental; algumas tropas de Infantaria que guarneciam a linha exterior do quartel (do lado do pinhal) abandonam as suas posições e, mais tarde, abandonam a cidade. As restantes forças permanecem nas posições do cerco. Intensifica-se o trânsito de viaturas e material para o quartel, que, no entanto, tem cortadas as comunicações telefónicas e a energia eléctrica.

Das 20 às 22 horas: Retira a maior parte das tropas que cercavam o quartel. Outros contingentes penetram, porém, no seu interior. Observa-se a chegada de autocarros militares destinados, presumivelmente, a transportar militares detidos. Normaliza-se progressivamente o trânsito nas vias imediatamente próximas da unidade.

CONCURSOS NA J.A.E.

Na Direcção dos Serviços de Exploração da Junta Autónoma das Estradas, realizam-se amanhã os concursos públicos referentes a obras de construção e beneficiação rodoviárias dos distritos de Castelo Branco e Leiria, totalizando os orçamentos em 13.704.456\$00.

Os processos serão patenteados a partir da data da publicação do anúncio no «Diário do Governo».

CONCERTOS NA UNIVERSIDADE

No palco da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, estará, na terça-feira, pelas 21 e 30, a pianista americana Jayne Winfield que interpretará obras de Bach, Ravel e Granados.

No domingo, dia 24, pelas 16 horas, terá lugar um novo concerto em que colabora o Convívium Musicum interpretando obras de Mozart, Mi-lhaud, Stravinsky, Schumann e Brahms. A entrada é livre.